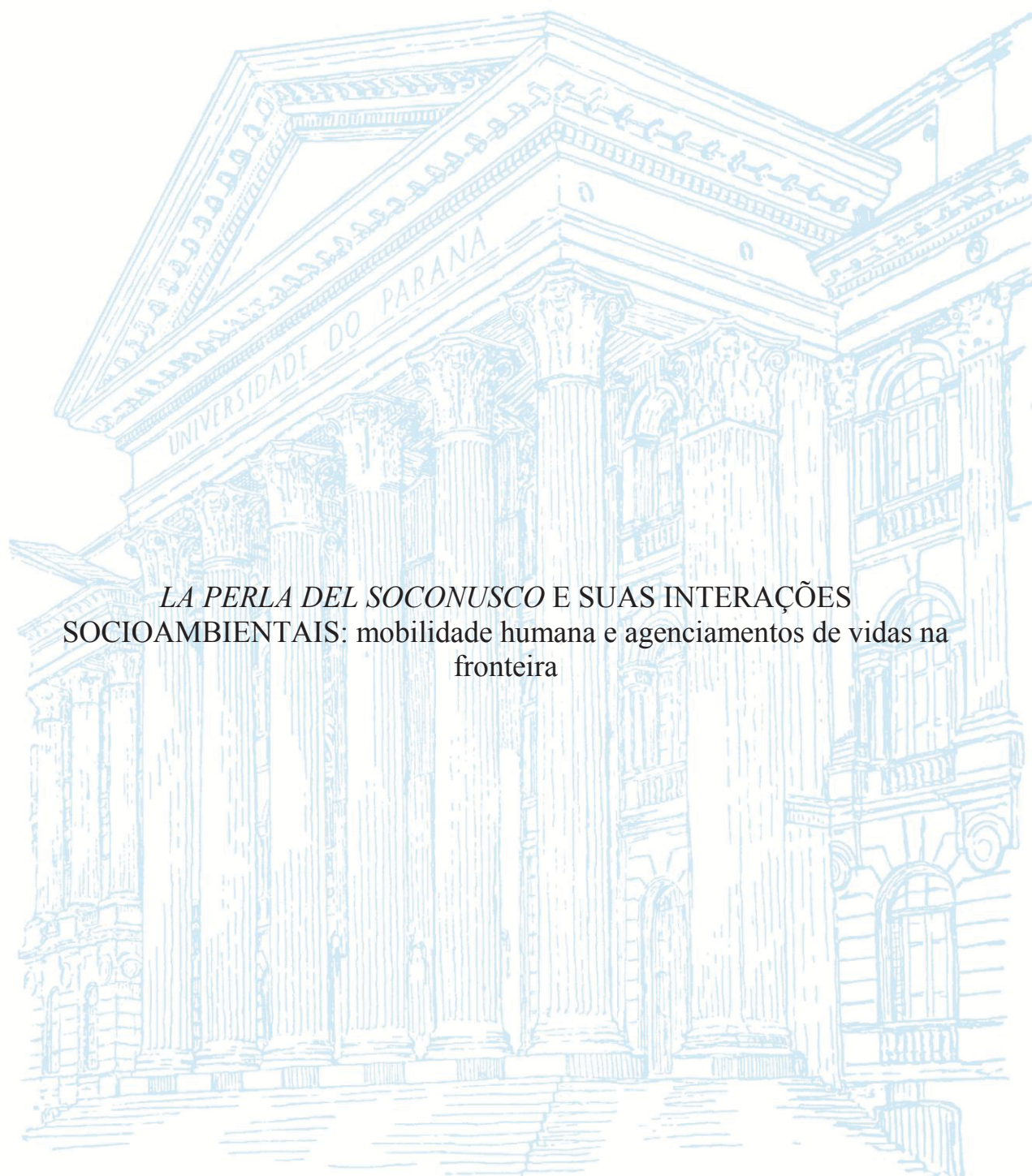


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FELIPE BUENO AMARAL



LA PERLA DEL SOCONUSCO E SUAS INTERAÇÕES
SOCIOAMBIENTAIS: mobilidade humana e agenciamentos de vidas na
fronteira

CURITIBA

2019

FELIPE BUENO AMARAL

LA PERLA DE SOCONUSCO E SUAS INTERAÇÕES
SOCIOAMBIENTAIS: mobilidade humana e agenciamentos de vidas na
fronteira

Tese apresentada como requisito para a
obtenção do Título de Doutor em Sociologia
do Programa de Pós-Graduação em
Sociologia, do Setor de Ciências Humanas
da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. Dimas Floriani

Co-orientador: Dr. Enrique Coraza de
Los Santos

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Amaral, Felipe Bueno

La perla del soconusco e suas interações socioambientais :
mobilidade humana e agenciamento de vidas na fronteira. / Felipe Bueno
Amaral. – Curitiba, 2019.

Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Dimas Floriani

1. Fronteiras – Ciência política. 2. México – Fronteiras - Guatemala.
3. Pessoas – Mobilidade. 4. Territórios. 5. Migração. I. Título.

CDD – 320.12



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA -
40001016032P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **FELIPE BUENO AMARAL** intitulada: **LA PERLA DEL SOCONUSCO E SUAS INTERAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS: mobilidade humana e agenciamentos de vidas na fronteira**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 02 de Abril de 2019.

DIMAS FLORIANI

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

P/

GABRIEL ANDRÉS ARÉVALO ROBLES

Avaliador Externo (UDENAR/COL)

NICOLAS FLORIANI

Avaliador Externo (UEPG)

ENRIQUE CORAZA DE LOS SANTOS

Avaliador Externo (ECOSUR)

Obs.: O Prof. Dr. Gabriel Andrés Arévalo Robles participou da banca por videoconferência (skype), com arguição oral. Assim, a ata segue assinada pela presidente da banca.

Para os amores da minha vida, Amanda e Luiz Felipe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o carinho, a generosidade e a paciência de meus orientadores, Dimas Floriani e Enrique Coraza. Aprendi a ser mais humano com vocês.

Agradezco a las coordinadoras y directoras de las instituciones en que he trabajado. Olga, Karla, Nayelli, Cecy y Brenda. Les felicito por la lucha. Son las más guerreras que he visto. ¡Hasta siempre!

Caro y Lucio por las birras y parrillas mientras hablábamos de nuestra Pachamama. ¡Los quiero!

Aknaton que é parceiro pra toda hora.

Kauê pela ajuda sempre.

Paola por las peleas deleuzianas y las chelas.

Janny por la ayuda, tu risa y energía eterna.

Irais, por el cariño y la permanencia.

Laura, eres rechévere pocahontas! ¡¡¡Gracias por estar!!!

Agradezco mucho a las bibliotecarias de Ecosur. ¡Son Chingonas!

Minha mãe e irmã pelo apoio sempre!

Ao meu pai que esteve presente!

Agradezco a Doña Olga y Doña Ilse, ¡mis mamás mexicanas! ¡Las quiero mucho!

Agradezco a Roli y a Esteban. Con cada uno de ustedes he aprendido un chingo. Con cada uno de ustedes supe entender y llenar con canciones los momentos de soledad. ¡Ahorita más al ratito les caigo ahí!

Klayton que não desapareceu e não me deixou desaparecer. Valeu irmão!

Agradezco muchísimo a Mayra por enseñarme un chingamadril de cosas y por el ser humano que eres chaparrita. Te llevo dentro mamita, eres a toda madre!

Jocelyn, que llenó de poesía mis días y dio otro sentido a la ciencia y a la vida que se lleva a la vez. ¡Hasta siempre!

Camila, pelo velho e mesmo carinho e apoio. Tenho orgulho de você!

Amanda pela sutileza e beleza com que vê as coisas. Te amo!

Luiz, pela generosidade e alegria desse pequeno grande coração. Te amo!

México Lindo y Querido

*Voz de la guitarra mía,
al despertar la mañana
quiere cantar su alegría
a mi tierra mexicana
Yo le canto a sus volcanes
a sus praderas y flores
que son como talismanes
del amor de mis amores
México Lindo y Querido
si muero lejos de ti
que digan que estoy dormido
y que me traigan aquí
Que digan que estoy dormido
y que me traigan aquí
México Lindo y Querido
si muero lejos de ti
Que me entierren en la sierra
al pie de los magueyales
y que me cubra esta tierra
que es cuna de hombres cabales
Voz de la guitarra mía,
al despertar la mañana
quiere cantar su alegría
a mi tierra mexicana
México Lindo y Querido
si muero lejos de ti
que digan que estoy dormido
y que me traigan aquí
Que digan que estoy dormido
y que me traigan aquí
México Lindo y Querido
si muero lejos de ti
(Música de Jorge Negrete)*

RESUMO

Este trabalho foi realizado pensando o trânsito de pessoas (migrantes e refugiadas) entre fronteiras e suas redes de interação socioambiental. Por interações socioambientais entendemos todas as relações estabelecidas em um território, entre humanos e coisas e suas transformações naquele espaço-tempo, na forma de territorializações, desterritorializações e reterritorializações. Essas últimas correspondem às trocas que as pessoas que se tornam migrantes ou refugiadas, realizam com e no novo ambiente. Através de um estudo etnográfico realizado durante oito meses como voluntário em organizações da sociedade civil (OSC) que apoiam pessoas em trânsito, na cidade de Tapachula, fronteira entre México e Guatemala, se pode observar que a despeito das distintas subjetividades e ritmos impostos pelo território, as microfronteiras pelas quais transitam (como as OSC's), são significativas na estrutura e no sentido das novas sociabilidades.

Palavras-chave: Território; Fronteiras; Trânsito; OSC.

ABSTRACT

This work was carried out thinking about the transit of people (migrants and refugees) between borders and their social and environmental interaction networks. By socio-environmental interactions we understand all the relationships established in a territory, between humans and things and their transformations in that space-time, in the form of territorializations, deterritorializations and reterritorializations. The latter correspond to the exchanges that people who become migrants or refugees, carry out with and in the new environment. Through an ethnographic study carried out during eight months as a volunteer in civil society organizations (CSO) that support people in transit in the city of Tapachula, the border between Mexico and Guatemala, it can be observed that despite the different subjectivities and rhythms imposed by the territory, the micro-frontiers through which they transit (such as CSOs) are significant in the structure and direction of new sociabilities.

Keywords: Territory; Borders; Mobility; CSO.

RESUMEN

Este trabajo fue realizado pensando el tránsito de personas (migrantes y refugiadas) entre fronteras y sus redes de interacción socioambiental. Por interrelaciones socioambientales entendemos todas las relaciones establecidas en un territorio, entre humanos y cosas y sus transformaciones en aquel espacio-tiempo, en la forma de territorializaciones, desterritorializaciones y reterritorializaciones. Estas últimas corresponden a los intercambios que las personas que se vuelven migrantes o refugiadas, realizan con y en el nuevo ambiente. A través de un estudio etnográfico realizado durante ocho meses como voluntario en organizaciones de la sociedad civil (OSC) que apoyan a personas en tránsito, en la ciudad de Tapachula, frontera entre México y Guatemala, se puede observar que a despecto de las distintas subjetividades y ritmos impuestos por el territorio, las microfronteras por las que transitan (como las OSC), son significativas en la estructura y en el sentido de las nuevas sociabilidades.

Palabras-clave: Territorio; Fronteras; Tránsito; OSC.

LISTA DE MAPAS

Mapa México	19
Mapa Chiapas	20
Mapa Soconusco	21
Mapa Tapachula / Perla del Soconusco	22

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	71
Tabela 2	72
Tabela 3	73
Tabela 4	76
Tabela 5	79
Tabela 6	144

SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
BUAP	<i>Benemérita Universidad Autónoma de Puebla</i>
COMAR	<i>Comisión Mexicana de Ayuda a Refugiados</i>
ECOSUR	<i>El Colegio de la Frontera Sur</i>
EST	<i>Estatad</i>
GOB	<i>Gubernamental</i>
INM	<i>Instituto Nacional de Migración</i>
MUN	Municipal
ONU	Organização das Nações Unidas
OSC	Organizações da Sociedade Civil
SEGOB	<i>Secretaría de Gobernación</i>
UNACH	<i>Universidad Autónoma de Chiapas</i>
UNICEF	Fundo das Nações Unidas Para Infância

Sumário

GLOSSÁRIO	16
INTRODUÇÃO	23
<i>Problema de pesquisa</i>	35
<i>Caminho metodológico</i>	39
I	50
1 DESLOCAMENTOS HUMANOS E AGENCIAMENTOS DE VIDA:	51
os extraterritórios e as subalternidades.....	51
1.1 <i>Perspectiva da rede território-humano</i>	54
1.2 <i>(des-trans-re) Territorializações</i>	60
Referências	66
II	68
2 DESLOCAMENTOS HUMANOS e TERRITÓRIOS: Análise bibliométrica da produção de conhecimento sobre migração na América Latina de 1995-2015	69
Introdução	69
2.1 apresentação dos dados centrais da análise bibliométrica.....	71
2.1.1 <i>Região geográfica</i>	72
2.1.2 <i>Periódicos das publicações</i>	73
2.1.3 <i>Instituição dos autores</i>	77
2.1.4 <i>Ano de publicação</i>	81
2.2 Apresentação e descrição das categoriais de análise.....	83
Considerações finais.....	90
III.....	93
3 LA PERLA DEL SOCONUSCO E SUAS REDES DE INTERAÇÕES TERRITORIAIS: mobilidade e permanência na fronteira	94
Introdução	95
3.1 O território de fronteira e suas microfronteiras institucionalizadas	96
3.2 Processos de territorializações: a vida na fronteira	101
3.3 <i>Território casa e território nação: a margens que reaparecem</i>	106
Algumas considerações	110
Referências	112
IV	114
4 TERRITORIALIDADES DE LA FRONTERA SUR DE MÉXICO Y SUS ESPACIOS DE APOYO A LA MOVILIDAD.....	115

Introducción	115
4.1 En tierras huacaleras.....	117
4.2 Instituciones, espacios y territorialidad	125
Algunas consideraciones finales	132
Bibliografía	134
V.....	137
5 POSSIBILIDADES DE PENSAR O TRÂNSITO A PARTIR DOS TERRITÓRIOS.....	138
Referências.....	146
<i>Algumas con (fissões) siderações</i>	148
Referências.....	151

GLOSSÁRIO

Colonia – A *colonia* é o que conhecemos no Brasil por vila. É um agrupamento residencial menor que um bairro. Entretanto, o substantivo pode ser usado para se referir a um *barrio*.

Desterritorialização / Desterritorialización – Processo de transformação de receitas e códigos de um agente (humano ou não humano), e incorporação de novas receitas. Tal processo, no entanto, não implica em abandono de antigos territórios (ver Território).

Foráneos – Termo utilizado para se referir aos migrantes e refugiados que estão de passagem pela cidade. Muitas vezes o termo é utilizado de maneira pejorativa de acordo com a nacionalidade ou a classe da pessoa em trânsito.

Fronteira / Frontera / Orilla – Espaço-tempo limite ou marginal de interações socioambientais.

Huacalero – São conhecidas por *huacaleras* as pessoas que nasceram em Tapachula. O nome vem da árvore *crescentia cujete*, que foi abundante na cidade e que gera um fruto de casca rígida e impermeável, muito utilizada pelos habitantes da região como xícara ou vasilha, que pode ser utilizada para “jogar água” pelo corpo. Hoje em dia a prática de banhar assim segue igual, e na falta da *jícara de haucal*, utiliza-se um utensílio de plástico.

Indocumentados / Sin papeles – Os termos referem-se às pessoas que estão no país em situação irregular. Também são utilizados de forma pejorativa para se referir à pessoas em trânsito.

Interação – O conceito de interação (inter + ação) é aqui utilizado no lugar do conceito de relação, pois este último é devedor de uma sociologia da ação social. Interação, além de sua conexão com uma micro sociologia, de interações face a face, nos auxilia a ilustrar uma relação socioambiental (socio + ambiental), já que estamos analisando a fronteira como um território (ambiente) que exerce ação nas relações sociais.

La migra – Forma que migrantes e refugiados se referem aos *Agentes Federales de Migración*. Por vezes o termo é empregado para se referir a polícia municipal ou rodoviária.

Maras – São grupos armados violentos, que surgiram nos Estados Unidos por volta de 1990, e que atuam nos países da América Central, sobretudo El Salvador, Honduras e na fronteira entre México e Guatemala. Esses grupos ameaçam e extorquem comerciantes e trabalhadores e atuam em zonas específicas das cidades delimitando o território e controlando a circulação de pessoas.

Milpa – Método ancestral de consórcio de plantas que beneficiam umas às outras quando plantadas juntas, por exemplo: milho, feijão, abóbora e pimenta (podendo variar dependendo da região). Na instituição em que trabalhei, o termo serve para se referir a um conjunto de escritórios de diferentes áreas de atuação.

Mojados – Termo usado para se referir as pessoas que entraram no país cruzando o rio de forma irregular, por isso ‘molhados’. Com a disseminação do termo entre pessoas em trânsito, passou a ser usado também para todo aquele que ingressa ao país em situação irregular.

Perla del Soconusco – Tapachula é conhecida como a ‘Pérola do Soconusco’, principal cidade dessa região no sudoeste do estado de Chiapas. Conhecida por ser uma região de terras muito férteis, que engloba quinze municípios do estado – desde a fronteira com o estado de Oaxaca (norte), até a fronteira com a Guatemala (sul). O nome *Soconusco* (ver mapa) vem da versão espanhola da palavra *Xoconochco*, do idioma Náhuatl, e significa *lugar del nopal amargo* (*nopal é uma espécie de cactus comestível*).

Reterritorialização / Reterritorialización – Processo de incorporação ou de reincorporação de territórios. De modo geral, acontece quando as pessoas em trânsito saem de seus territórios (desterritorializam) e ingressam em outros territórios onde, em interação, incorporam receitas do novo socioambiente. Também pode ocorrer com as pessoas regressadas aos seus antigos territórios. Porém, nem toda desterritorialização implica em reterritorialização.

Situação Irregular – Forma correta para se referir aos migrantes e refugiados (no texto utilizamos a expressão ‘pessoas em situação de mobilidade’), em lugar de *ilegal*, *foráneo* ou *indocumentados*. Isso porque dificilmente as pessoas que migram o fazem sem documentos.

Socioambiente – Espaço de interação e transformação entre humanos e não humanos (ver Território).

Territorialização / *Territorialización* – Transformação que é produto da interação de agentes no e com território (socioambiente). Em outras palavras, é um processo de interação socioambiental que pode permitir uma incorporação e reinterpretação das práticas.

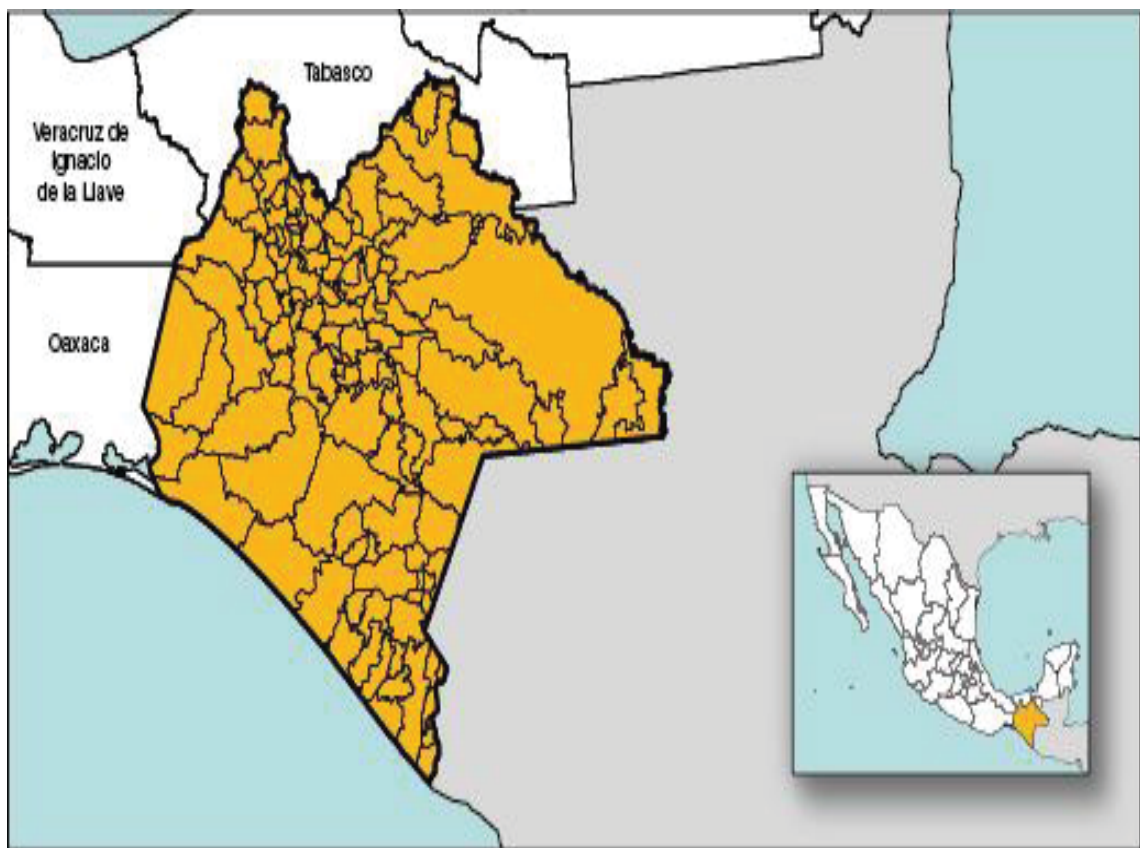
Território / *Territorio* – Neste texto definimos o território (socioambiente) como um agente, ou melhor, um *acto* que afeta o ritmo e as condições de possibilidade de quem o territorializa. Neste sentido, o território sempre está em mutação, da mesma maneira como transforma e é transformado por outros agentes em interação.

Wero/Güero – Termo utilizado pelos mexicanos para se referir a uma pessoa branca ou loira. Pode também ser utilizada para pessoas de outros lugares do país.

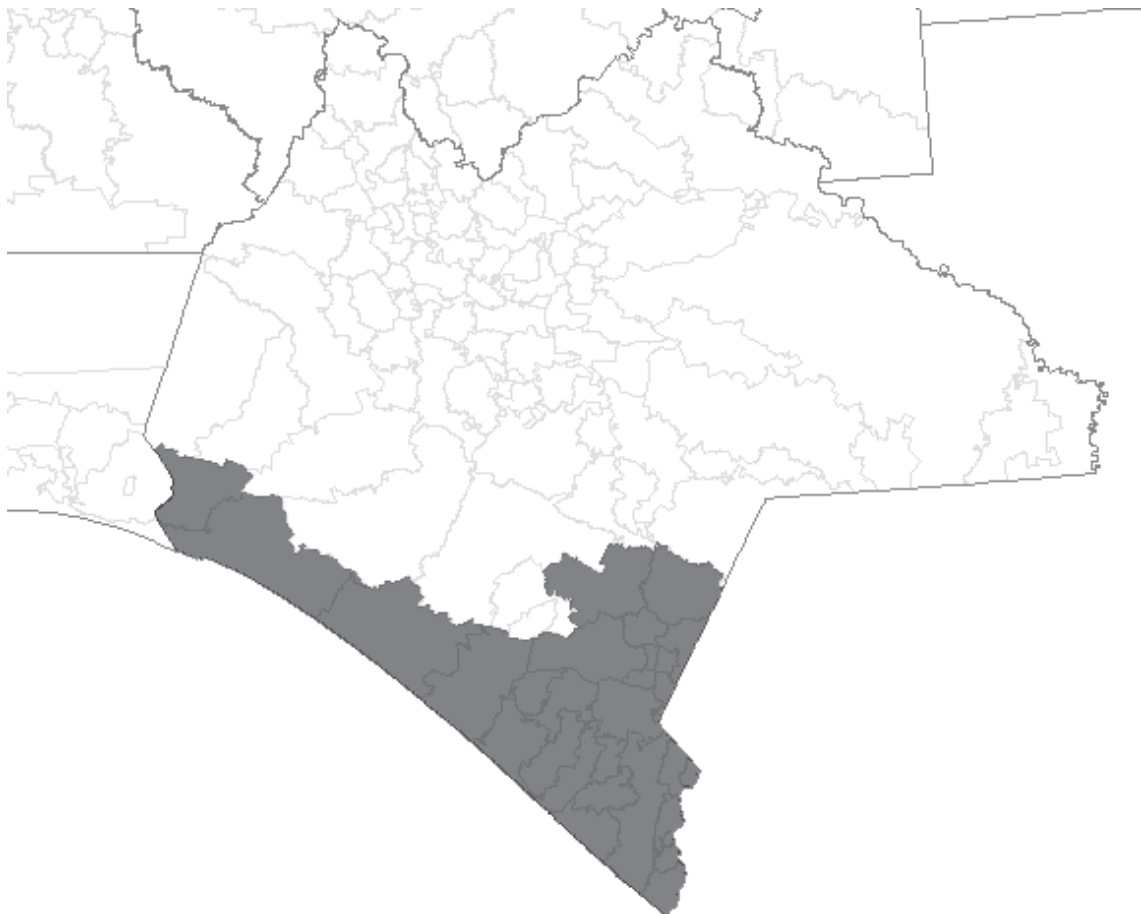
México



Chiapas



Soconusco



Tapachula / Perla del Soconusco



a)

INTRODUÇÃO

No dia 31 de janeiro de 2018, por volta das 19 horas, no aeroporto em São Paulo/SP tive uma amostra de como seria difícil entrar no México por vias legais (mais tarde aprenderíamos que em vez de ilegal, irregular é um termo mais adequado¹, e que dessa forma, entrar no país é mais fácil – transitar é outra coisa). Poucos dias antes de embarcar fui de Curitiba/PR a mesma São Paulo, com todos os documentos exigidos para tirar o visto de estudante e regressei para o Paraná sem o mesmo, devido a um claro erro de digitação em um documento que em nada afetaria a solicitação, mesmo tendo já a passagem de ida e volta comprada. Sem tempo hábil para corrigir o documento, me dirigi ao aeroporto para viajar para o México na condição de turista.

No guichê de embarque a atendente revisou os documentos demoradamente, pediu licença e saiu. Havia ido falar com a supervisora da companhia aérea. Voltou, revisou, e saiu de novo. Regressou com a supervisora que veio confirmar, segundo ela mesma, a minha habilidade de negociação e se eu falava espanhol. A conclusão das duas era que eu tinha um “perfil positivo” e que poderia correr o risco de seguir viagem. A questão eram as datas de ida e volta que eram para exatos 180 dias e que naquele momento estavam barrando a entrada de muitos brasileiros no México.

Se já existia alguma apreensão fui para a sala de embarque ainda mais tenso. Entrei no avião e a viagem que era para ser longa foi rápida demais. Um total de 15 horas com a escala na *Ciudad de Panamá*. As três horas de voo do Panamá até o México foram ainda mais rápidas. Pela janela vi a desértica, imensa e apaixonante *Tenochitlán*² pela primeira vez e as emoções de felicidade e medo se mesclaram. Antes de resgatar a bagagem, um oficial da migração me retirou da fila da polícia, pegou meu passaporte e, sem explicações, me mandou ficar ao seu lado; fez o mesmo com mais quatro pessoas, homens (única semelhança entre mim e eles), e depois mandou que o seguissemos. Entramos em uma sala pequena, improvisada, onde uma policial estava sentada em uma pequena mesa cheia de papéis. Sobre a pilha o policial de uniforme

¹ A nova lei de migração do México apresenta o termo Irregular, contrapondo-se a regulamentação de 1974.

² Tenochitlán é conhecida como a capital do Império Asteca, e fica onde hoje é a capital mexicana. Ver: CUSTODIO, Alvaro; CORTES, Hernan. **El regreso de Quetzalcoatl**: la epopeya azteca: documento epico-dramatico representado al aire libre en las piramides de Teopanzolco y Teotihuacan. Madrid: Ediciones de Cultura Hispanica, 1990.

verde colocou nossos quatro passaportes e nos mandou que esperássemos ali enquanto desaparecia por outra porta que dava para um corredor em reforma. A policial da mesa levantou e sem tocar em nossos passaportes e sem mais explicações, nos encaminhou por uma terceira porta para uma sala onde devíamos esperar.

Na sala, inteira branca, com cadeiras brancas e luz de neon branca faziam menos 10 graus do já frio aeroporto no inverno da capital mexicana. Havia oito pessoas sentadas com expressão de medo e impaciência. Me ajeitei na cadeira e quando a policial saiu alguém perguntou se sabíamos o que estava acontecendo. Não respondi nada. Estava com sono, muito medo e já duvidava do meu espanhol. Abri minha mochila de mão e peguei o caderno de campo e comecei a desenhar um roteiro de viagem em ônibus até Tapachula no estado de Chiapas. Conhecia bem o mapa do México e também já tinha falado com pessoas que fizeram em ônibus o caminho. Nem cinco minutos passaram e apareceu um terceiro policial ordenando que não falássemos com ninguém e mantivéssemos o silêncio. Saiu tão rápido quanto entrou e outros cinco minutos mais tarde, a primeira policial, gritou, por entre algo que mastigava, que se estivéssemos mexendo no celular seríamos deportados e o aparelho apreendido.

Logo já sussurrávamos os países de onde vínhamos. Mais três pessoas chegaram e eu só pensava que meu passaporte se havia perdido na desordem daquela mesa lá fora. Fazia muito frio e nos contei em quinze pessoas, doze homens e três mulheres. Uma delas, falava muito alto que aquilo era um absurdo e que ela ia perder o voo de conexão. Começamos a ser chamados. Um oficial aparecia, gritava um nome e dizia *sígue*. A pessoa chamada demorava algo entre cinco e dez minutos e regressava em silêncio. A curiosidade só aumentava, mas a única que arriscava perguntar às pessoas era a mulher impaciente, que para aumentar sua insatisfação, recebia monossílabos sussurrados como resposta.

De repente entrou outra policial e gritou “Felipe Bueno Amaral, *deja tu equipaje y vente*.” Antes que eu assimilasse, a mulher já tinha desaparecido; apressei-me para alcançá-la. Abriu uma porta e entramos no corredor em reforma. Tentei falar sobre o frio, mas não consegui reação da policial. Subimos uma comprida e estreita escada de metal que levava a uma porta de mesmo material e ela mandou que eu entrasse. O primeiro policial que me tirou da fila me esperava. Disse meu nome e me chamou para perto dele. Era uma sala que tinha uma janela ampla e com película escura. Encostada na janela uma mesa retangular velha e sobre ela seis monitores amarelados, com aspecto de antigos, reproduziam as imagens das câmeras do desembarque. Atrás dos monitores,

dois homens e duas mulheres uniformizadas pareciam muito atentos e não se importaram com minha presença.

Reparei que o policial tinha meu passaporte na mão e que ele era superior aos demais. Me disse bom dia e perguntou se eu falava espanhol. Com um sorriso (lembrando do termo “positivo” da supervisora da companhia aérea de São Paulo) respondi o bom dia e disse que achava que sim, numa tentativa de diminuir a tensão. O policial disse que minha situação era complicada porque eu não tinha um visto específico e nem roteiro de viagem. Tirei da mochila uma declaração de que fazia doutorado no Brasil e expliquei que estava ali para escrever a tese enquanto conhecia o país e alguns países da América Central. Ele me disse que entendia, mas que essa história era passível de dúvida. Tirei outro papel, de aceite da *Universidad de Puebla*, e disse que até tinha um convite da universidade para uma estância. Ele olhou os dois papéis e me perguntou como eu chegaria em Tapachula. Respondi assertivamente o roteiro mas sem nomes de hotéis. Ele se ateve a esta falta. Como podia ser que eu não tivesse reserva em nenhum hotel além do de Puebla?

Regressei a sala como os outros “detidos”. Me fizeram as mesmas perguntas discretas e me ative ao mesmos monossílabos. Outras ameaças e entradas furtivas de policiais, outros eram chamados por segunda ou terceira vez. Em dez minutos me chamaram para confirmar oralmente o nome da universidade do Brasil e a de Puebla e o nome do Hotel em Puebla. Regressei a sala branca e fria pela terceira vez. Dessa vez sem perguntas dos demais. Em menos de cinco minutos a mulher da mesa abarrotada me chamou, dessa vez que eu levasse a mochila. Foi caminhando na minha frente, me levou a sala onde estava sua mesa e me mandou ficar em um ponto específico e esperar. Por uma das portas contíguas que dava para uma sala, ouvi meu nome sendo falado duas vezes. Dei um passo em direção a porta e a policial me repreendeu e me regressou ao azulejo exato sobre o qual ela queria que eu ficasse. Obedeci e justifiquei que havia entendido que me chamavam. Respondeu que quando me chamassem, seria avisado. Logo saiu da sala outra vez o mesmo policial, o que tinha aspecto de superior, com meu passaporte na mão e as declarações que eu lhe havia entregado na sala de controle. Me disse num espanhol muito rápido que iam permitir que eu entrasse no país. Controlei a expressão e lhe agradei. Logo começou um sermão que minha história não era confiável, mas que viu nos meus olhos que eu estava dizendo a verdade. Por fim, colocando o passaporte na minha mão (alívio!), disse a frase que eu iria repetir algumas vezes mais tarde, e o faço agora, sem crer no que havia escutado: “*Felipe, ni a nosotros,*

ni a Estados Unidos nos gusta los mochileros, pero te vamos a dar el permiso”. Não tive reação; ele me seguiu até um guichê e disse para a atendente não se importar com minha documentação, que era para carimbar o passaporte e deixar que eu seguisse viagem. Fui até a esteira de bagagens e a mochila que despachei estava abandonada, sozinha na sala imensa. Depois de passar pelo raio X e sair no saguão do aeroporto, percebi que minhas mãos tremiam mas eu pisava em solo mexicano.

Não conheci mais que o aeroporto da *Ciudad de México*. Em duas horas e meia de viagem entre a capital e a cidade de *Puebla de Zaragoza*, capital do estado de Puebla, vi nomes de cidades importantes nas placas da estrada e também pela primeira vez reparei na arquitetura baixa, de casas retangulares de um telhado só – ao contrário do telhado de ‘duas águas’ que se vê comumente na região sul do Brasil.

Puebla é uma cidade impressionante em termos de arquitetura, conhecida pelas inúmeras igrejas do período colonial, museus, bibliotecas, universidades, e o horizonte mais encantador que conheci: para um lado da cidade, em direção ao pequeno município histórico de *Cholula*, vê-se o incrível vulcão *Popocatepetl* e a *montaña de la mujer adormecida Iztaccihuatl*; na direção oposta, vê-se *La Malinche*, outro incrível vulcão que adorna o horizonte poblano.

Ali também eu ia me deparando com uma cultura impressionante, forte, cheia de cores nas roupas e comidas de sabores intensos e muito coloridas, de uma sempre musicalidade dançante em cada calçada ou casa, de escutar *la marimba* tocada por dois ou três senhores e seus metais inconfundíveis, de comer as mesmas frutas como abacaxi *piña*, manga *mango*, laranja *naranja* e amoras *zarzamora*, com sabor mais intenso, e também conheci *la cemita*, uma espécie de sanduíche com um molho muito apimentado, com abacate e carne, mas que afinal tem um sabor maravilhoso. Me espantei com o comércio informal, de vendedores de aspecto indígena de idade avançada e de crianças muito novas, da grande variedade de coisas que são oferecidas nas ruas. Uma mostra em dose alta da marginalização dos povos tradicionais e da desigualdade de nossa América Latina.

Ainda em Puebla provei *la pasita*, uma espécie de licor muito caro e caminhei pelos calçadões em *Los Sapos*, uma alameda histórica em uma região muito charmosa no centro da cidade, de muitas livrarias, cafeterias e bares. Numa ocasião, enquanto comia *chapolin con chile*, em um dos calçadões do centro, uma pessoa filha de pai norte americano e de mãe mexicana, que viajou por toda a América, de sul a norte e parte da Europa, me comentou da força da cultura mexicana, da necessidade de comer *tortillas y*

salsas diariamente, do café da manhã ao jantar, e que, dos brasileiros que havia conhecido, podia dizer com certeza que nossa cultura por razões históricas é muito ampla e bonita, mas fraca. “*Los brasileños se vuelven nacionales de cualquier país a donde vayan. Nosotros los mexicanos jamás hacemos eso. Necesitamos de nuestras comidas, tierras e canciones*” (Diário de campo, 2018). Meses mais tarde, tive que concordar com o comentário que me desagradou, pois estava tão imerso na cultura mexicana, que assumi a frase de Chavela Vargas³: “*Los mexicanos nacemos donde nos da la rechingada gana*”.

Permaneci em Puebla por dez dias. Enquanto esperava a data de encontro com a pessoa que me receberia institucionalmente na *Benemérita Universidad de Puebla* (BUAP), visitei Cholula e fiquei em êxtase em *las faldas del magnífico Popocatepetl*. Visitas feitas e assuntos acadêmicos resolvidos, segui viagem para *San Cristóbal de las casas*, já no estado de Chiapas, conhecido internacionalmente por ser território zapatista, além de inúmeros atrativos naturais que o fazem um estado muito visitado. A viagem em ônibus demorou mais de doze horas. Na estrada, a polícia parou o ônibus três vezes, e em todas elas, me pediam o passaporte, perguntavam de onde eu vinha, para onde eu ia e o que ia fazer. Faziam isto com as mesmas cinco pessoas em todas as paradas.

Funciona assim: o ônibus estaciona, a polícia entra com uma lanterna acesa e uma espécie de câmera de mão. Quem está dormindo tem de acordar para olhar para a lente. Os mais acostumados olham com desdém, enquanto os temerosos como eu, olham com atenção quase servil. Essa situação que iria acontecer inúmeras vezes durante minha permanência – e de modo mais marcante na última dessas viagens – me mostrava como o fator nacionalidade até nisso é importante no país de *los Mariachis*⁴.

Depois de uma rápida parada na capital chiapaneca, Tuxtla Gutierrez, desembarquei na bonita *San Cristóbal*. Nessa cidade de turismo intenso provei pela primeira vez *los tamales de chipilin* – uma comida típica do estado –, *el café de olla*, *las tlayudas y el queso oaxaqueño*, *los tacos de tortillas nixtamalizadas*, e entrava no incrível mundo das infinitas possibilidades de comer ovos mexidos toda manhã. *Sancris* é uma cidade que convida a ser visitada sempre e uma vez mais. Aí tive um proveitoso encontro com um escritor mexicano (que falava português), que me contou de suas

³ Chavela Vargas (1919-2012) nascida na Costa Rica, foi uma importante compositora e intérprete de canções rancheras no México.

⁴ *Mariachi* é o nome de um estilo de música popular mexicana, ao qual se atribuí também aos músicos desse estilo.

viagens pela fronteira, as travessias pelo rio *Suchiate*⁵, e as histórias de violência em Tapachula. Nessa reunião improvisada, tive a oportunidade de conhecer uma professora de origem guatemalteca que havia cruzado o rio de maneira irregular e uma pesquisadora de mestrado que estudava as relações entre gênero e migração. Por diversas vezes fui advertido naquela tarde a não embarcar sozinho para *La Perla del Soconusco*⁶, em razão da violência e o pouco contato com estrangeiros – os termos se revelaram importantes no decorrer da tese – pela população da cidade. Mesmo apreensivo, na noite de 16 de Fevereiro de 2018 embarquei para uma viagem de pouco mais de seis horas até o desembarque no minúsculo e pacato terminal rodoviário *Rápidos del Sur*.

Lembro que quase não dormi e em cada uma das incontáveis paradas nos pequenos *pueblitos*, ia sentindo a mesma emoção da chegada ao aeroporto Benito Juárez. Quando amanheceu, via as palmeiras típicas das regiões de costa e aqui e ali, via o espelho móvel do oceano pacífico pela primeira vez. Dessa vez houve apenas uma parada da polícia, e então foram mais incisivos comigo, perguntando as mesmas coisas e de diferentes maneiras.

Quando desci do ônibus no terminal entendi o que se dizia acerca da falta de contato dos tapachultecos com estrangeiros. Entre passageiros que esperavam sentados, seguranças e taxistas havia algo em torno de 15 pessoas. O terminal parou para ver – na representação que tenho de mim – um homem branco, alto (para os padrões mexicanos) de barba e cabelos compridos carregando duas mochilas. Era muito cedo para o horário que eu tinha combinado com a pessoa que me receberia e serviria de informante e guia nos primeiros dias – a partir de agora a chamarei de *La reina roja*, uma carinhosa homenagem a rainha chiapaneca do sítio arqueológico de Palenque. Decidi ir ao banheiro para passar o tempo e também para pensar o que fazer; quando saí, as reações não haviam mudado. Deixei as mochilas em um dos bancos e saí pela porta do terminal onde havia oito taxistas conversando. Imediatamente escutei “*táxi, táxi, táxi*”, ao que respondi que iria esperar uns minutos mais.

Voltei para sentar e acomodar as blusas na mochila quando veio um dos dois seguranças, o mais velho falar comigo. Era um senhor de uniforme azul, cabelo calvo

⁵ Rio Suchiate fica na fronteira entre México e Guatemala e é passagem obrigatória pelos migrantes regulares e irregulares.

⁶ Tapachula é conhecida como *La Perla del Soconusco* por ser a principal cidade na região do sudoeste mexicano, entre as montanhas da *Sierra Madre* e o mar do oceano pacífico.

pintado de preto assim como o exuberante bigode. Me perguntou se eu falava espanhol, respondi que sim. Muito preocupado perguntou se eu estava esperando alguém vir me buscar no terminal. “*No. Me voy en taxi a la casa de la persona que me espera, pero todavia es muy temprano.*” O senhor de uniforme se assustou e disse que não era para eu falar com os taxistas; que lhe desse o endereço e ele ia perguntar preço e tempo de viagem. Lhe agradei desconfiado e comentei que não havia nenhum problema, que eu resolveria, mas ele insistiu. Anotou a informação que eu tinha no celular em um papel amassado que retirou do bolso e saiu. Logo voltou e me passou o valor que deveriam me cobrar. Trinta minutos depois quando peguei o táxi, ele me acompanhou e disse bom dia ao taxista como quem diz “ele não está sozinho”.

La Perla del Soconusco é uma cidade que não encanta visual e esteticamente, à exceção do exuberante *Volcán Tacaná* sempre presente no horizonte. Quem ama o feio, bonito lhe parece é o ditado popular. Pois terminei por encontrar a beleza dentro desta pequena cidade de população flutuante e incerta. De arquitetura improvisada e de ruas abandonadas onde o trânsito beira ao caos em algumas avenidas, não pelo congestionamento, mas pela disputa de espaço de até quatro carros, que se emparelham para ultrapassar as inúmeras *kombis* que orquestram o comportamento dos demais veículos.

As *kombis* são minivans que cabem até 15 pessoas sentadas – onde não se entra sem cumprimentar as pessoas – servem de transporte público relativamente barato. São raras as vezes em que não está tocando alguma canção, ou que não estilizadas de modo a chamar a atenção, por fora e por dentro. Ela tem a identidade *de los choferes* que decoram seus utilitários com luzes de neon por fora, para destacar os nomes dos bairros pra onde vão, e por dentro, com tecidos coloridos, bancos estofados com cores chamativas e no retrovisor interno sempre algum rosário, um crucifixo, ou um pé de sapato de alguma criança da família para dar sorte.

“*Basura*”, “*arroz con leche*”, “*tamales*”, “*champurrado*”, “*pollo fresco*”, “*pan dulce*”, “*zapatero*”, “*hígado de res*”, “*agua*”⁷, “*gas*”. Várias são as músicas que se escuta desde as seis horas da manhã em *la calle Rio de la plata*, e tantas outras ruas com nome de rio da *Colonia Las Vegas* quando começa o primeiro vendedor, um senhor de cerca de oitenta anos de idade que caminha com dificuldade com sua sacola de pães doces – alimento muito consumido no México. Passa de rio em rio, de andador em

⁷ Em vista do deficitário saneamento básico em nenhum lugar do país em que passei se pode tomar água diretamente da torneira.

andador⁸, gritando com voz rouca e sem qualquer ânimo: “*Pan dulce!*”. Logo depois é um dos inúmeros meninos, mulheres e homens que vêm em bicicleta comprar o lixo de casa em casa⁹, e que grita sempre a mesma palavra cantada: “*Basuraaaa*”. Todos os dias e durante todo o dia esses gritos-canções se revezam nas ruas do bairro dando comodidade para quem está ou trabalha em casa. São detalhes que embelezam cada *colonia*, já que cada uma tem suas personagens, canções e comidas.

No inverno é período de estio e *La Perla del Soconusco* fica incrivelmente seca. A proximidade com o mar revela um solo arenoso, um pó fino que cobre as ruas, as calçadas e invade o chão das casas e os móveis. O calor nessa estação é intenso e não foi fácil me adaptar por ser acostumado às temperaturas do sul do Brasil. O sol é de um amarelo denso e pesado que invade a cidade durante o dia todo, compartilhando espaço com os vendedores e as *kombis* apressadas. No verão chove e refresca o calor, mas nada suficiente para demandar roupas mais quentes. As avenidas da cidade são largas e dos dois lados das calçadas, palmeiras e carvalhos gigantes abençoam o fluxo. As ruas mais centrais são feitas de um asfalto intransponível, algumas de concreto, e sem bueiros. A chuva torrencial que não cessa alaga as ruas, e quando cai mais forte, derruba árvores e postes de energia elétrica. Com menor frequência tem tempestade de raios, e a cidade que já ameaça pelos (pequenos e frequentes) terremotos e (raros) furacões se torna ainda mais assustadora.

Tapachula tem dois shoppings grandes, um planetário, parques para caminhadas e práticas de esportes, ao menos três *campis* universitários, institutos de ensino e muitas cafeterias por estar em uma das regiões cafeeiras mais importantes do estado e também do país (VILLAFURTE SOLIS, 2008). A desigualdade social é evidente em um país onde o salário mínimo é algo em torno de cem pesos mexicanos, em uma região onde a produção de frutas, café e a pesca, escoam para outros estados e para fora do país (VILLAFUERTE SOLÍS, 2008).

Não se veem bares como em toda esquina de cada cidade do sul do Brasil. Não é permitido o consumo de bebida alcoólica nas ruas. Existe um outro conceito para o consumo esse consumo, que é a mescla entre cerveja acompanhada de uma porção obrigatória de comida. Esses lugares, chamados *botaneros* estão sempre cheios de

⁸ Quando saía de casa, cruzava a *calle Rio de la plata* e a alguns passos estava no andador. Andador é como se fosse uma calçada/corredor que cada morador decora como bem entende, com hortas, flores, a virgem de Guadalupe, etc. É comum encontrar algum comércio *tiendita* nas casas que ficam no andador.

⁹ A coleta de lixo realizada pela prefeitura, ao menos nesse bairro é incerta. Então as pessoas recolhem o lixo nas casas em troca de alguns pesos.

peessoas, pedindo suas *chelas* e suas porções de *costilla*, *caldos*, *tacos de res* ou *consome*. Um detalhe curioso é que até na cerveja os *huacaleros* acrescentam pimenta *salsa*, sal e limão; essa mistura exótica chama-se *micelada*. Por ser região de costa, o conceito de *botaneros* também serve para as *marisquerías*.

Quando se está em um ambiente de convívio como um restaurante ou uma cafeteria, as pessoas sempre se cumprimentam com “*hola, buenos días, buenas tardes o noches*” e desejam bom apetite *provecho*, que serve para antes ou depois da refeição. Isso se relaciona com um costume baseado na gentileza, mas também com alguma espiritualidade já que não serve apenas como desejo do outro para que alguém desfrute seu alimento, mas para que o alimento nutra seu corpo e não lhe cause dano. Outra coisa curiosa e bonita é que algumas pessoas com quem me relacionei, antes de comer ‘fora de casa, colocam as mãos sobre o prato e dizem algumas palavras com objetivo de tirar a energia ruim do alimento (limpar a comida)¹⁰. Percebi isso desde o centro do país, em Puebla, até o Sul, nas regiões onde passei. Para um curitibano que não conhece nem cumprimenta seus vizinhos e onde as pessoas não trocam olhares nem nos elevadores, esse costume me pareceu de uma sutileza sem tamanho.

O centro da cidade é bastante agitado. A igreja, a praça e os prédios da prefeitura e do teatro deixam a cidade algo charmosa, como toda cidadezinha de interior. Na praça Miguel Hidalgo¹¹ se mesclam o sol gigante e seu calor, os vendedores, a estação central de *kombis*, as canções, os transeuntes, a casinha de informações turísticas, os tocadores de marimba, os bancos brancos, os vendedores de doces, os carrinhos de *tacos* ou de milho sob as gigantes palmeiras, as pombas, as mesinhas dos bares e restaurantes do centro comercial adjacente, as árvores devidamente podadas, as mulheres indígenas com seus vestidos tradicionais e seus artesanatos e filhos, os engraxates e os cães de rua. Em uma das laterais da praça começa um bonito calçadão *sendero peatonal*, com um comércio formal e informal muito ativo.

Em Tapachula se percebe tanto o trânsito de pessoas que migram ou pedem refugio quanto nas linhas que lemos até aqui. Existem pessoas que vão de suas casas ao trabalho ou faculdade, tão imersos em suas atividades e rotinas que sabem do trânsito na fronteira onde vivem pouco mais que as relações da fronteira do norte do México.

¹⁰ “*Piensas en el amor, la paz. Y que esos alimentos ayudarán a tu salud. Frota los dedos de tus manos y después los pones frente a la comida. Limpias la energía.*” (Caderno de campo, 2018).

¹¹ A praça recebe o nome do padre mexicano Miguel Hidalgo, que no século 18 incitou os índios a uma revolta revolucionária contra os espanhóis. “[...] O cura revolucionário pôs fim aos tributos e repartiu as terras de Guadalajara; decretou a liberdade dos escravos [...]” (GALEANO, 2015, p. 74).

Cafés, bares, restaurantes, faculdades, nenhum desses lugares de convívio pude escutar ou saber mais da migração do que já tinha aprendido na literatura sobre o tema em minha mesa no Brasil.

O trânsito é duplamente invisível como veremos nos capítulos que se seguem. As pessoas da cidade não o percebem e quando perguntadas respondem com muita desinformação e preconceitos. Mas quando são obrigadas a ver nos semáforos, quando passam pelas filas que se formam na *octava avenida sur* esquina *con la calle cuarta poniente* em frente ao prédio da COMAR, ou quando vão ao parque *Los Cerritos* praticar algum esporte e passam pela sede da Polícia Migratória (INM-SEGOB), dão de ombros, erguem o vidro dos carros, olham para o outro lado.

A verdade que é são muitas Tapachulas. A do incrível comércio informal e a do comércio formal com negociantes guatemaltecos, a da produção de café, manga e abacate, a da *Playa Linda* e de *Puerto Madero* e tudo que descrevi até aqui. Várias são as Tapachulas. Mas quando inserimos as pessoas em trânsito no cenário, acontece algo que transforma Tapachula em duas na minha leitura: um grande mecanismo muito vivo e dinâmico que dá a vida mesma da cidade, e outro, de menor tamanho que participa da mesma forma viva e dinâmica, mas que é oculta e ocultada, quase subterrânea, que advém do trânsito de pessoas. Essa imagem foi a que buscamos.

Não se percebe pelo vidro do carro, da *Kombi* ou caminhando. Os migrantes não são facilmente identificáveis nas ruas. Há pouco descrevemos a praça central Miguel Hidalgo, inclua-se entre todas as coisas aí descritas, sob as mesmas palmeiras, sentados nos mesmos bancos brancos, pessoas de muitos lugares do mundo mas principalmente vindos da América Central. Pessoas que passaram pelo Rio Suchiate, muitos de maneira irregular, e fazem a parada estratégica em Tapachula, para conseguir apoio de alguma instituição, tanto para seguir, quanto para permanecer. Quando se aproxima a lupa e se aprende mais da cultura mexicana, mais visível se torna o não mexicano.

De maneira definitiva posso dizer que Tapachula figura nos mais altos índices de violência do estado de Chiapas e mesmo do país¹², não pela presença-móvel dos migrantes e refugiados, mas por ser uma cidade de fronteira. Quer dizer, as pessoas em trânsito podem não ser violentas, mas são a causa de diversas formas de violências contra si e contra mexicanos. A dinâmica do movimento¹³ invoca o tráfico, o sequestro,

¹² https://www.inegi.org.mx/contenidos/saladeprensa/boletines/2019/ensu/ensu2019_04.pdf

¹³ Em uma das reuniões que participei uma policial de alto escalão da polícia migratória, relatou que existem casos de mexicanos que se disfarçam de centro-americanos para praticar assaltos em Tapachula.

os homicídios, os estupros, os assaltos, as diversas formas de hostilidade geradas na interação entre residentes e *personas de paso*¹⁴ (VILLAFUERTE SOLÍS, 2008; VELASCO, 2010; ORTÍZ, 2017).

De minha experiência na cidade, e este texto não fala mais que isso, não presenciei mais que atos de discriminação contra pessoas em trânsito. Soube sim, de muita violência. Quando chegava às organizações para trabalhar, escutava que haviam deixado corpos de travestis no Parque Bicentenário, ou de assassinatos que aconteceram nas colônias mais afastadas contra migrantes. A *Perla del Socunusco* que viu e vê este autor, não é uma cidade violenta, e as relações que fiz desde o momento em que cheguei, até o último minuto em que permaneci entre migrantes, estrangeiros em trânsito ou residentes e mexicanos (*huacaleros* ou não) demonstraram isso. É uma cidade de fronteira onde pessoas mobilizam preconceitos e disputas de território na defesa de práticas e costumes. Nacionalismos ou comunidades imaginadas que emergem quando o encontro entre territorialidades se evidencia, como veremos nos capítulos desse trabalho.

A soma de coisas, as dificuldades em viajar, a espiritualidade e o carinho dos mexicanos, o contato com os migrantes e refugiados e com outros voluntários, enfim, o processo de transformação do autor, está explícito em cada linha que se lê aqui. De modo que este trabalho conta a história desde uma experiência muito particular; um relato meu, em parceria com generosos professores que leram e debateram este trabalho, desde o projeto, a produção dos capítulos, até a qualificação, e que me sinto muito a vontade em contar de uma maneira muito livre. Assim que quando uso o verbo na terceira pessoa do plural neste texto, não o faço por mero modismo ou rigor acadêmico; o pensamos em várias cabeças. Para quem lê, entretanto, peço que as incorreções sejam atribuídas somente a mim. Nos permitimos filosofar, fazer ciência social, literatura e poesia, porque o processo que exigiu fazer o caminho metodológico e a construção deste estudo era o mesmo que me transformava em un *brasileño huacalero*.

Esta tese está pensada em cinco capítulos que podem ser lidos separadamente já que cada um deles tem uma intenção. De modo geral, existe um fio que perpassa todo o texto, mas que pode ser contemplado na leitura não sequencial dos capítulos. Vale

¹⁴ Ver: <http://onc.org.mx/wp-content/uploads/2017/03/EVCL-Chiapas.pdf>

assinalar que, apesar de utilizarmos termos e expressões em espanhol, apenas um dos capítulos está integralmente neste idioma, e que não traduzimos para que não se perca a essência do pensamento. Buscamos compreender as territorialidades das pessoas em trânsito, ou seja, como assimilam culturas e ambientes distintos enquanto se tornam migrantes? Como é o diálogo com os novos ambientes e o que representa o território abandonado, a casa, a cidade ou a nação, para quem vai descobrindo num processo de constante tensão, novas culturas e paisagens?

Decidimos então, separar o texto em cinco partes, pois ainda que as territorializações fossem o eixo do texto, cada parte recebeu um tratamento metodológico distinto. Na primeira parte quem lê vai encontrar uma discussão entre os autores sobre as questões de territorialidades e a condição de estudar o território como agente não humano. Aqui apresentamos os conceitos de desterritorialização, territorialização e reterritorialização que mais tarde nos serve para pensar as experiências das pessoas em trânsito.

Na segunda parte utilizamos o método bibliométrico, com a intenção de identificar a produção sobre migração na América Latina entre os anos de 1995-2015. Este, que foi o primeiro fragmento escrito para a tese, está estruturado a partir de mecanismos de busca com parâmetros pré-estabelecidos. Primeiro, utilizamos uma base de dados que gerasse a maior quantidade de artigos a partir de três palavras-chave: Migração; América Latina; Território. O buscador que mais gerou arquivos foi o da biblioteca do Conselho latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). Daí, utilizamos o software SPSS para distribuir os arquivos gerados. Acessamos 164 artigos que, aplicados os critérios de exclusão (não ser resenha de livro e ter relação com alguma universidade da América Latina), se tornaram 90 artigos. Desses, observamos seus resumos e palavras-chave para então categorizar e analisar desde a perspectiva territorial. Neste texto, apresentamos alguns dados bastante interessantes como as universidades mais produzem artigos e quais as temáticas em cada região. Mais que tudo este texto foi fundamental para nos levar para o trabalho de campo em território mexicano e, ainda que não faça parte da etnografia, julgamos pertinente sua presença aqui.

A terceira e a quarta parte são resultados estritos da etnografia por nós realizada e pensados a partir da experiência em campo. Nelas, trazemos dados das instituições, das pessoas em trânsito, do território *tapachulteco* e dos *huacaleros*. Aí aplicamos os conceitos e buscamos também territorializar o leitor na cidade. Percebemos as relações

entre as instituições, os *huacaleros* e as pessoas em trânsito, e as analisamos sob a perspectiva de uma certa sociologia da agência.

Na última parte buscamos transmitir através de uma escrita mais livre, uma conexão entre as partes, procurando relacionar as experiências com as questões de fundo, as ontologias e as epistemologias dos autores e autoras. O objetivo desta parte é preencher lacunas nas vezes em que a análise científica não traduziu o fenômeno. O texto foi escrito como ensaio e sem as divisões clássicas, mais rápido, e por isso pode ser lido como conclusão ou introdução, já que ali constam os elementos centrais da tese.

b)

Problema de pesquisa

Para pensar o movimento na fronteira (des-trans-reterritorialização), fixei residência em Tapachula, município do extremo sul do estado de Chiapas – México, e que por definição é uma típica cidade de fronteira ainda que geograficamente não seja. Então, teríamos de pensar essa cidade além de uma fronteira geográfica ou mesmo política. A fronteira deve ser entendida aqui em toda sua multiplicidade e nesse sentido, Tapachula representa o múltiplo ainda que pensemos em uma caracterização e possível defesa dos valores culturais do México.

Isso porque esta cidade se encontra em uma região muito particular do território mexicano. Primeiro, Tapachula faz parte do estado de Chiapas que possui um confuso histórico de ser um Estado independente até meados de 1825 e posteriormente, de pertencimento à Guatemala até o ano de 1842, ano em que só então foi incorporado ao México. Isso por si só identifica esse Estado e essa região como um vazio para outros estados mexicanos, com uma cultura e presença muito forte de várias etnias indígenas onde antes foi o grande território *Maya* (THOMPSON, 2014).

Também, se aproximarmos mais nossa lupa ao sudoeste mexicano, chegamos a esta região chamada Soconusco, que possui um interessante histórico de valorização regional de sua agricultura, com implantação de malha ferroviária e porto, fator que ao contrário das estratégias nacionais de fortalecimento da região, e mesmo do México – integrado ao mesmo movimento de implantação de empresas norte americanas em toda

a América Central, não contribuiu para colocar Soconusco como área exportadora, nem nacional nem internacional (VILLAFUERTE SOLÍS, 2010).

Este cenário nos coloca em um território especialmente relevante para o estudo das distintas territorialidades em vista da mescla altamente heterogênea se pensarmos em termos de nacionalidades, gênero, economia, perspectivas políticas, etc., mas, nem tão heterogênea assim quando pensamos a fundo o território de Soconusco, suas tensões históricas e, por conseguinte, de Tapachula. Talvez mesmo se pudesse aproximar (com muito cuidado) Tapachula mais de uma cosmologia da América Central que de uma cosmologia mexicana. Esse cuidado por um lado, se justifica porque existem aqui também resistências e características que unificam os tapachultecos ao restante de México, e isso é muito perceptível nas expressões culturais e identificação com esse *tipo ideal* nacionalista, a manutenção de uma marcada distinção. Por outro lado, falar em restante de México (e mesmo de América Central) é demasiado perigoso; sabemos que os tipos ideais nesse caso, servem somente como ilustração e generalização.

De modo que Tapachula deve ser compreendida dentro desta tensão justamente por ser considerada como cidade de passagem e também de permanência para o migrante da América Central. Uma das coisas que mais chama atenção ao chegar a Tapachula é a intensa dualidade com que esta cidade vive com aquele que se desloca - desterritorializa. Estamos falando de uma cidade de fronteira, ainda que seus limites não sejam de uma fronteira convencional, como já dito.

Além da noção pioneira e colonizadora de terra vazia e portanto, livre para ocupá-la, Tapachula é considerada como fronteira porque convive com a tensão nem sempre explícita ou consciente das distintas formas de ser, das distintas maneiras de ocupar e principalmente se relacionar com o território. Estas várias ecologias convivem nesta cidade que respira o movimento ao mesmo tempo em que se distancia dele. Nessa direção quando descreve processos de mobilidade da América Central, Puig afirma que *“las configuraciones regionales son el resultado de una historia que integró comunidades de cultura dentro de un territorio, o bien, comunidades de cultura y comunidades políticas en un mismo ámbito espacial* (2005, p. 40).

Quem chega à Tapachula logo escuta aqui e ali, do táxi ao ponto de destino, coisas sobre a questão migratória, a violência gerada por ela, as dificuldades de emprego tanto para mexicanos como para centro americanos. Movimento poderia ser a principal característica de Tapachula, ainda que esse movimento não necessariamente signifique avanço para a cidade (econômico, estrutural, político, etc.). Se poderia sugerir

que a cidade flerta com o passado e com o futuro e também, que escapa de certas lógicas ocidentais do capital. Não é mais uma cidade vertical que funciona em horário comercial e não dorme de noite; é dizer, a poeira da terra seca e da areia da praia em todas as partes da cidade, indicam não só uma certa estática ou mesmo que o vento sopra na direção contrária da noção de *desarrollo*, mas também uma valorização do que lhe é próprio enquanto território – se pensamos desde uma perspectiva *decolonial*.

Território esse repleto de dualidades que desde 1882 passa por diversas pressões que se relacionam com a perspectiva de terra vazia e de nacionalização, entre a exploração agrícola e pecuária estrangeira, e o fortalecimento de traços nacionalistas (VILLAFUERTE SOLÍS, 2010). Tapachula está em uma microbacia particular rodeada de montanhas, de inverno quente e verão chuvoso. Tempos de seca e tempos de chuva em lugar das estações marcadas do calendário. Região cafeeira nessa ecologia múltipla de Soconusco, a poucos minutos do mar e a poucos minutos das montanhas frias. Também expressa a dualidade no sentido econômico; segundo Rojas,

el Soconusco, además de ser una región receptora de migrantes y una de las áreas con mayor desarrollo económico del estado de Chiapas, también representa un espacio de moviidades de población centroamericana. La ciudad de Tapachula es considerada la urbe más importante de dicha región al mismo tiempo que una de las zonas más vulnerables de México (2016, p. 24).

Mas essa presença intercultural que marca Tapachula também é ausência em dois principais sentidos, como já dissemos: por um lado, as pessoas de fora – é dizer, os migrantes –, são invisibilizadas, afastadas. Os tapachultecos não se reconhecem nesta cidade limite. Limite porque passagem, mas também permanência. Um território-casa para uns e um território-nação para outros. Território-casa, pois aqui quem está em deslocamento encontra abrigo, teto e (sub) emprego. Algum reconhecimento, mas sempre sob sua bandeira. Território-nação porque aqui os mexicanos se reconhecem mexicanos, habitantes de um lugar que se reconhece pelos costumes, performances, *el chingonario*, folclore, enfim, estética em sentido amplo.

Por outro lado, a presença-ausência se revela fortemente nos processos interrompidos. Chamo de processos interrompidos a ausência repentina que o deslocamento forçado produz. Uma expropriação do próprio corpo daquele que migra. Uma falta abissal. São relações que se dão na tensão do jogo social entre aquele que precisa acolhimento e aquele que se sensibiliza com quem é punido de múltiplas formas

pela simples ação de cruzar fronteiras (JÍMENEZ, 2014). Posso perceber isso nas instituições em que trabalho como voluntário. Experiências são trocadas, saberes, rotinas e, de repente, se descobre que a pessoa deixou a cidade na madrugada. E então percebemos que todas as pessoas tem um plano oculto de sair, de desaparecer, de interromper o processo relacional (ou apenas, transformá-lo).

Mas existe ainda um outro lado desse processo que me parece interessante; ante da frequência disso que estou chamando de presença-ausência se percebe uma “naturalização dos processos interrompidos”. Essa naturalização produz uma ausência antecipada por parte das organizações, é dizer, sabendo-se a mercê da ausência daquele que migra, as organizações já não exercem total presença. Cumprem um protocolo e buscam não interferir de maneira mais efetiva porque é como se o investimento fosse perdido. Essa certeza gera também do lado oposto uma espécie de presença-ausência.

Então, quando começo a analisar as redes de auxílio (quadro 1) ao migrante no território tapachulteco percebo que os espaços fazem sentido. O formato dos espaços e suas localizações no mapa de Tapachula dizem muito sobre quem será atendido aí. Buscando compreender como as instituições manifestam as várias territorialidades, me comprometi como voluntário, em quatro organizações da sociedade civil (OSC). Como as instituições foram vias de acesso as pessoas em deslocamento, e comecei a analisá-las desde suas territorialidades, percebi nelas espaço para desenvolver tanto o trabalho desde o aspecto de quem se põe em movimento, como daqueles que se prestam a auxiliar essas pessoas. Ou seja, no limite, observamos a cidade de Tapachula enquanto fronteira como espaço de análise, a fim de compreender como se dá a relação territorial (em sentido amplo) entre aquele que migra e os espaços de passagem ou chegada. Questionamos como e onde são recebidos os migrantes nessa fronteira, e como se dá esse contato? Para compreender, portanto, este espaço de interação, utilizamos o método etnográfico durante um período de oito meses, mapeando espaços e conectando lugares e pessoas, procurando construir uma rede de passagem e permanência neste solo fértil e transfronteiriço da bela *Perla del Soconusco*.

Quadro 1: Organizações de apoio ao trânsito em Tapachula

Instituciones	Organismos
Albergue Belén – Casa del Migrante	OSC
Albergue Jesús el Buen Pastor	OSC
Albergue Los Angeles	OSC

Alto Comisionado de las Naciones Unidas Para los Refugiados – ACNUR	ONU
Centro de Derechos Humanos Fray Matías de Córdova A.C	OSC
Centro de dignificación humana	OSC
COMAR	GOB
Consulado General de El Salvador	GOB
Consulado General de Guatemala	GOB
Consulado General de Honduras	GOB
Desarrollo Integral de la Familia - DIF Centro de Día – (niños)	GOB
Desarrollo Integral de la Familia - DIF Estatal (hombres)	EST
Desarrollo Integral de la Familia - DIF Municipal (mujeres)	MUN
Fondo Internacional de Emergencia de las Naciones Unidas Para la Infancia – UNICEF	ONU
Grupo Beta Tapachula	GOB
Iniciativas Para el Desarrollo Humano A.C	OSC
Instituto Nacional de Migración - INM	GOB
Médicos del Mundo Francia y España	OSC
Organización Internacional para las Migraciones - OIM	ONU
Por la superación de la mujer	OSC
RET Internacional	OSC
Servicio Jesuita para Refugiados – SJR	OSC
Todo por ellos	OSC
Una Mano Amiga en la Lucha Contra el SIDA	OSC

Fonte: os autores

c)

Caminho metodológico

Como fazer para compreender a dinâmica da fronteira, a interação entre *huacaleros y foráneos*, se o trânsito é invisível? Como me apresentar a um grupo de pessoas nas ruas ou nas praças, perguntar se são migrantes e não gerar desconfianças de que sou mesmo pesquisador ou agente *de la migra*? Eu tinha oito meses para permanecer no México e não podia errar. Estava no último ano do doutorado, tinha feito uma grande aposta em ir com recursos próprios até um país distante e de cultura muito

distinta. Também não podia correr riscos a minha integridade física. Já mencionei que antes de chegar à fronteira fui muitas vezes advertido dos perigos da região; já tinha lido sobre a violência em Tapachula. O que não disse é que as pessoas às quais me aproximei, e que residiam na cidade, também me instruíam a não sair a esmo, sem um plano definido. Não devia caminhar pelas ruas e nem abordar as pessoas. Decidi aceitar os conselhos.

Sempre com o caderno de campo e um gravador à mão interagi com várias pessoas em trânsito ou mesmo pessoas que foram *atrapadas* pela cidade e nunca mais saíram – ainda que sempre que perguntadas diziam querer ainda um dia seguir para os Estados Unidos. Conversei e entrevistei vinte migrantes dos três países que mais ingressam de maneira irregular no México (Honduras, Guatemala e El Salvador)¹⁵, também cinco diretoras de Organizações de Sociedade Civil (OSC) com quem trabalhei como voluntário. Fui a palestras, reuniões e eventos sobre a questão migratória. Presenciei e ajudei a coordenar vários grupos focais com migrantes e refugiados dentro das instituições de apoio. Tudo isso, que vou chamar de fontes de informação, compõe as análises desta tese. Não me detive em transcrever o caderno de campo ou analisar as entrevistas por categorias ou eventos. Tampouco me dediquei a uma situação específica da mobilidade, como gênero, violência, nacionalidade, migração infantil, etc. Decidi por este caminho metodológico quando comecei a transcrever as entrevistas e sintetizar os dias no caderno de campo e percebi que os detalhes que se complementavam eram perdidos, porque hora se atribuía mais peso às interpretações do que se escutava em uma reunião, hora ao que dizia um migrante ganhava força porque coincidia com outras entrevistas de pessoas em trânsito.

Para escapar do engessamento que fatalmente ocorreria na análise e interpretação dos dados, a opção foi deixar as várias fontes de informação compor o fenômeno, como uma história ou uma pintura onde tudo está em relação e em movimento de transformação. É claro que quando remeto à representação do quadro ou da pintura, não estou falando de uma imagem fixa, cristalizada. Lembro da experiência estética em Gadamer (2005) e de seu conceito de jogo, onde além do jogo (fenômeno) transformar a identidade daquele que joga, também dilui a subjetividade dos jogadores (poetas, diz o autor) e faz emergir a subjetividade do jogo. Ou seja, trata-se de uma

¹⁵ Fonte: *Unidad de Política Migratoria de la Secretaría de Gobernación*, SEGOB. http://www.politicamigratoria.gob.mx/es_mx/SEGOB/Extranjeros_presentados_y_devueltos

composição, de como a vida era vista e experienciada, por isso, fragmentar as falas, as nuances, e mesmo as motivações de quem migra, seria uma traição a sociologia à qual me proponho.

Assim, comecei a estabelecer uma rede de contatos de pessoas que pudessem me aproximar das instituições de apoio à migração e refúgio. *La reina roja*, que me recebeu em sua casa quando cheguei em Tapachula tinha alguns trunfos que eu ainda não sabia. Primeiro foi casada com um dos filhos da fundadora e diretora de um dos albergues mais importantes da cidade, e quem por uma coincidência muito positiva, me alugou uma casa mobiliada ao lado da sua. Segundo, tinha relação de amizade com a diretora de uma organização para crianças migrantes e refugiadas que, além de me abrir as portas da sua instituição para trabalhar como voluntário me aproximou através das reuniões de outras diretoras de instituições de apoio à mobilidade. Estava aberto o campo de pesquisa.

Todos os contatos que realizei foram facilitados em vista da demanda das organizações. O fato de ser brasileiro também despertava a curiosidade das pessoas da cidade e foi um elemento que certamente contribuiu para minha inserção. As organizações tapachultecas recebem muitos estrangeiros para trabalho voluntário, que vêm de diferentes países, formações e institutos, com objetivos muito diversos, desde uma contribuição acadêmica até uma realização pessoal. Diante dos contatos realizados decidi começar pela primeira instituição que me havia aberto às portas: o albergue para pobres e migrantes.

O albergue é comandado por sua fundadora, que chamarei aqui de *Ixchel*¹⁶ e por seu filho mais novo, que fica encarregado da administração da instituição. *Ixchel*, recebeu premiações internacionais e reconhecimento do Dalai Lama por sua atuação em defesa dos direitos humanos. É uma pessoa dedicada totalmente a causa da mobilidade, principalmente em situação de pobreza e doença (amputados devido à queda do trem foram os primeiros com quem começou a trabalhar). Quase sempre está vestida de branco e com seu longo cabelo negro sempre preso. A pele escura como dos primeiros habitantes daquele território ancestral lhe atribui aspecto de respeito e força. E atua dessa forma, independente de todas as instituições de apoio econômico justificando que esses organismos, ligados a Organizações das Nações Unidas (ONU), interferem no

¹⁶ *Ixchel* é a mais importante deusa Maya. É conhecida por ser a tecelã da teia da vida e a Senhora do arco-íris. A referência se ajusta aqui, porque *Ixchel* é um símbolo feminino de força, que incorpora a mulher amorosa e guerreira (OLIVO, M.G; VILLAGÓMEZ, A. C, 2013).

ritmo e na forma de atendimento, o que na maioria das vezes impede que se atendam pessoas em estado de extrema necessidade (incontáveis vezes, *Ixchel* saiu com seu carro na madrugada buscar algum amputado no hospital que não queriam atender por ser migrante em situação irregular).

Trabalhei algo em torno de dois meses com funções distintas no albergue, mas como a casa que aluguei de *Ixchel* era muito próxima a que morava ela (apenas uma casa de distância), durante os oito meses estive a par das atividades do albergue. Quando cheguei em Tapachula o albergue estava apenas retomando atividades e durante várias semanas ficou completamente vazio. Uma das razões para seu baixo funcionamento foi o sismo de magnitude 8.1 que aconteceu no dia 7 de setembro de 2017, que prejudicou a estrutura da sede, além dos inúmeros problemas financeiros pelos quais a família passava no momento. Nos dias em que estive colaborando não tive acesso a documentos ou ao escritório. Fiz pães doces e bolachas assadas *galletas horneadas*, e ajudei em algumas atividades da cozinha. No início de meu trabalho não tive boa relação com seu filho mais novo, mas isso se resolveu ao longo dos meses, porque como disse, continuei sabendo das atividades do albergue.

Aí tive contato com centro-americanos que vinham de Guatemala, Honduras, El Salvador e Nicarágua; não mais que dez pessoas, todas do sexo masculino; também conheci uma cubana que não quis trocar palavra e que levava uma criança na viagem. Todas queriam chegar aos Estados Unidos. O limite de permanência por pessoa no albergue era de no máximo três dias, mas cada vez que eu regressava durante os dois meses, com exceção da cubana e a criança, essas pessoas ainda permaneciam e com a única obrigação de ajudar na produção dos pães e bolachas que eram vendidos em diferentes igrejas da cidade. Conversamos muito sobre paisagens, saudades de casa, caminho, dificuldades de deixar seu país, e o que representa uma nação. Cada um ali era identificado pelo país onde nasceu – com o tempo, eu aprenderia também a identificar os diferentes acentos, fenótipos e estéticas dos países próximos ao México.

Nessas conversas nunca ligava o gravador. O caderno de campo era usado quando eu me separava do grupo, para anotar expressões que não conhecia ou alguma coisa significativa que pudesse servir de compreensão para o trabalho, nada estritamente para as categorias e conceitos que eu pensava; buscava afastar o mais possível meu papel como pesquisador. As noções teóricas eram minhas e deveriam ser compreendidas dentro de um conjunto maior. Foi assim que comecei a pensar que para conhecer a percepção do trânsito envolveria colocar-me também em trânsito, perseguir as conexões

que iam tecendo a viagem. Entretanto, voltei meu olhar para a fronteira. Por quê? Porque compreendi durante o trabalho de campo que as estratégias relacionais e de incorporação de práticas, uma espécie de campo social transnacional – *Transnational Social Field* – (LEVITT e SCHILLER, 2004) seria mais perceptível nas interações transfronteiriças; fui então em busca de uma certa *ecologia da fronteira*.

Um dia descobri que não havia mais ninguém no albergue e a atividade de assar *panes y galletas* ficou agendada somente para as sextas-feiras. Decidi então acessar outras organizações. *La reina roja* me apresentou aos dois cientistas sociais que dirigiam uma instituição para crianças migrantes e em situação de extrema pobreza. Pensando em estabelecer contato com os pais dessas crianças, ou seja, migrantes e refugiados que estabeleceram residência em Tapachula, solicitei uma reunião com a diretora e com o coordenador desta organização que trabalhava dentro de um ideal pedagógico chamado *Escuela Libre* (a partir de agora utilizarei os pseudônimos de *Toanacacihuatl* para ela e *Tonacatecuhtli*¹⁷ para ele). Prontamente me aceitaram como voluntário (no momento estavam com outro voluntário de fora do país, um espanhol da área de ciência política que estava em intercambio em El Colegio de la Frontera Sur - ECOSUR) e decidimos os dias em que trabalharia com eles. Também tinha que enviar um plano de trabalho e dizer como imaginava que estar naquela organização contribuiria para minha tese.

Toanacacihuatl é uma mulher exigente e forte. Uma pessoa dedicada que assume todas as tarefas da organização. A ideia de trabalhar com educação para crianças que vivem na margem da margem *en la orilla de la orilla*, surgiu quando viu que as escolas da cidade descumpriam a lei de receber e ensinar crianças que não tinham a documentação de permanência, ou mesmo o processo para acessar essa documentação. Por medo permanente de serem identificadas e deportadas *por la migra* essas pessoas evitam transitar no centro da cidade ou outros bairros. Ganham a vida na informalidade e em condições precárias de higiene¹⁸.

Durante o tempo em que eu ia para a escola observar e ajudar algum grupo que me escolhia (as crianças eram separadas em grupos de acordo com a idade e escolhiam o tutor com quem queriam fazer as atividades de leitura, pintura, desenhos, preparar o

¹⁷ *Toanacacihuatl* y *Tonacatecuhtli* são conhecidos na lenda Asteca como *el señor y la señora de nuestra carne*, uma espécie de Adão e Eva da criação do mundo naquela cosmologia (OLIVO, M.G; VILLAGÓMEZ, A. C, 2013).

¹⁸ No capítulo intitulado *TERRITORIALIDADES DE LA FRONTERA SUR DE MÉXICO Y SUS ESPACIOS DE APOYO A LA MOVILIDAD*, descrevemos mais detalhadamente as características e procedimentos desta organização.

lanche etc.), também ia conhecendo seus pais, que os levavam até o portão nas quartas-feiras às nove da manhã e regressavam por eles perto de uma da tarde. Às vezes, por iniciativa de *Toanacacihuatl*, percorria *la colonia* para dar avisos, saber se novos migrantes haviam se mudado para a região e convidar crianças que já não estavam indo para a escola. Como o bairro era perigoso, a indicação é de que nunca andássemos sozinhos pelas ruas e com pelo menos uma presença masculina. Como *Tonacatecuhtli* era muito conhecido pela região, era o único que caminhava sozinho pelas casas.

Na *Escuela Libre* conheci as dificuldades das pessoas representadas como *indocumentadas* ou *sin papeles*. Não possuem nenhum benefício ou acesso ao sistema público e vivem em terrenos de ocupações com casas muito precárias, feitas de paredes de placas e *outdoors* e tetos de lona. Conheci outras *colonias* na cidade que não apresentavam estrutura tão deficitária, ainda que o fator medo da polícia e a falta de acesso à estrutura socioeconômica fossem os mesmos, o que lhes limitava as interações entre vizinhos de outros países, conhecidos pelos mexicanos como *foráneos*. Os *foráneos*, como se demonstra no desenvolvimento do texto, interagiam entre eles, e, apesar de serem de nacionalidades e culturas diferentes, partilham de uma mesma marginalidade na fronteira. Formam então guetos, espécie de comunidades imaginadas que se apoiam mutuamente na *colonia*.

Permaneci por três meses nesta organização, trabalhando todas as quartas-feiras pela manhã e em alguns sábados. Nesse momento eu já conhecia a rede de organizações pelas reuniões em que eu era convidado a integrar e também por eventuais encontros com membros de outras instituições de apoio nos cafés da cidade. Por ter cabelo comprido e cacheado *cabellos chinos*, algumas vezes fui abordado por pessoas que pediam que eu confirmasse se eu era *el brasileño* que estava na cidade estudando a questão migratória. Isso ajudava muito a conhecer previamente as pessoas que depois seriam companheiras de equipe.

A terceira instituição em que me voluntariei também trabalhava com crianças e com a inserção de migrantes e refugiados no comércio da cidade. Esta foi a organização em que eu assumi mais atividades em diferentes dias da semana. Durante quatro meses, trabalhava as manhãs de segunda e sexta-feira e as tardes de terça e quinta-feira. Conheci a diretora desta instituição na festa de aniversário de *Toanacacihuatl*¹⁹. Aí também conheci a coordenadora geral da ACNUR na cidade, membros da UNICEF, e

¹⁹ O acaso também quis que nos dias seguintes fosse realizado um acordo entre a instituição e ECOSUR, onde eu já incorporava o grupo de pesquisa do professor Enrique Coraza.

de outras duas instituições de apoio à mobilidade. Os contatos iam surgindo e a integração com suas diretoras e idealizadoras me dava mais elementos para pensar as territorialidades vivenciadas pelas pessoas em trânsito. Falávamos todo o tempo sobre o tema.

*Aqualtune*²⁰, a diretora regional daquela instituição que possui mais duas sedes no México, é também uma mulher muito forte e muito jovem. É a organização mais bem estruturada dentre as quais frequentei, com vários equipamentos multimídia, *wifi*, televisores, caixas de som, ar condicionado em todas as salas, além de muito confortável. Contavam com uma pessoa que fazia a limpeza e o café, além de psicóloga, pedagoga, duas contadoras e uma pessoa da área administrativa que cuidava especialmente do contato e inserção no mercado de trabalho dos *foráneos*. Como tinham muitas atividades, inclusive para os pais, aí conheci famílias de migrantes que levavam seus filhos para as atividades de reforço escolar e atendimento psicológico, que buscavam trabalho ou informações sobre documentação. Também tinham suporte para proceder da melhor forma em caso de permanência ou saída da cidade.

A sede desta OSC fica em uma casa antiga de dois andares e um terraço que fica na região central da cidade. Não se entra sem chave ou sem tocar a campainha. Azulejos do período colonial decoram a entrada e a escada que margeia a parede até o segundo andar. Tem um espaço de garagem na lateral onde não entram carros ou motos; o espaço que seriam dos carros e ladeia toda a extensão da casa termina em um grande terreno a céu aberto, onde adultos e crianças fazem as atividades e dinâmicas coletivas. Durante os quatro meses de trabalho, ofereci uma oficina de *Tai chi chuan*²¹ para as crianças; meninos e meninas de idade entre sete e quinze anos que ocupavam suas tardes de terça e quintas-feiras com atividades de reforço, atendimento psicológico e práticas esportivas.

Passava as tardes escutando histórias dessas crianças, as coisas boas e as coisas ruins sobre deixar seus países. Os pais viam essa aproximação e também vinham falar comigo, me cumprimentar e saber do Brasil. Nas praças e *kombis* quando nos encontrávamos, as famílias sempre faziam questão de me cumprimentar. Em alguns casos a relação ficou tão estreita que conheci a casa de algumas dessas pessoas. Aqui foi

²⁰ *Aqualtune* é o nome de uma princesa africana, da República do Congo, que seria avó de Zumbi dos Palmares. Faço essa relação uma vez que a diretora da OSC joga capoeira e conhece razoavelmente a cultura brasileira.

²¹ Arte marcial chinesa que tem como foco a concentração de energia através da coordenação de movimentos físicos e respiratórios.

onde me certifiquei que a estratégia de abordá-las através das instituições era a mais acertada. Passei a conhecer as mudanças nas expressões e acento quando falavam. Quando estávamos em um ambiente seguro, percebia expressões que nunca utilizavam em público, a velocidade com que falavam, suas comidas e as reclamações para adaptar-se à culinária tapachulteca. “ - ¿pa’ que licuar los frijoles wero?” “ - ¡sí! pa’ que pues!”²² – Mostras de um processo de territorialização.

O ambiente de trabalho era muito agitado, ao contrário das duas OSCs anteriores. Aqui conheci outros bairros de Tapachula onde residiam migrantes e viajei para cidades vizinhas para visitar pessoas que receberam apoio econômico e conseguiram se estabelecer na cidade, os chamados *casos de suceso*. Eu tinha permissão de também entrevistar as pessoas que visitávamos e se achasse necessário, marcava outro encontro para continuar a conversa, o que aconteceu apenas uma única vez. De novo, essa organização era muito bem estruturada e buscava inserir pessoas no mercado de trabalho, de forma autônoma ou em alguma empresa, de acordo com os conhecimentos, instrução e habilidade das pessoas. Conseguia através de parceiros que financiavam a organização, como ACNUR, ONU e UNICEF, recursos econômicos para apoiar as pessoas nos negócios. Muitas vezes, dependendo da pessoa, a empresa avalizava empréstimos de altas quantias nos bancos da cidade.

Um aspecto muito marcante para mim nessa instituição era a forma como as apoiadoras econômicas determinavam alguns procedimentos e atividades realizadas com os migrantes – métodos, formas e a direção do investimento. Aqui me dei conta pela primeira vez que a migração pode ser um negócio muito rentável para quem apoia a mobilidade. Presenciei situações de disputa entre a instituição e uma agencia de apoio que queria que pessoas que foram bem sucedidas, *los casos de suceso*, mudassem de cidade e integrassem um conjunto maior de migrantes que foram levadas para o norte do país (Saltillo – Coahuila). Seguindo os “passos da legalidade”, essas pessoas conseguiram se estabelecer com boas condições no México. A questão aqui escapava das coordenações regionais das instituições. Servia para a promoção política de membros do alto escalão das agencias internacionais, que outorgariam para si a tutela do migrante e o trabalho realizado com ele, sem se importar com a adaptação e as interações das famílias que tinham que sair de Tapachula e ir para o norte do país²³.

²² Uma conversa na casa de um salvadoreño que me perguntava: Para que bater o feijão no liquidificador? Ao que eu respondi: sim, para que?

²³ Informação obtida em entrevistas e com pessoas da própria organização em conversas informais.

Quando estava por terminar meu voluntariado nessa instituição, já havia começado a trabalhar em uma organização tradicional na cidade em defesa dos direitos humanos. É importante que se diga que não perdia o contato nem com os migrantes nem com os colegas de outras instituições. Restava pouco mais de um mês para permanecer no México quando conheci a instituição que mais auxiliava pessoas especificamente em situação de trânsito. Quando cruzavam o rio Suchiate, e enfim pisavam em solo mexicano como *mojados*, os taxistas e motoristas de *kombis* que esperam quem ingressa no país de maneira irregular, garantem trajeto seguro até Tapachula e desembarque em uma instituição que lhes vai garantir fazer a documentação para seguir viagem para o norte. Alguns desembarcam na COMAR, e outros vão direto para essa instituição que garante os direitos humanos. Aí fazem fila no grande pátio de uma casa colonial no coração da cidade, e têm um lanche *refrigerio* garantido, ainda que a instituição atenda no máximo 30 famílias através de distribuição de senhas toda manhã.

Se bem o número exato de pessoas é incerto porque sempre têm muitos voluntários (tanto estrangeiros quanto estudantes das universidades da cidade) esta grande organização conta com vinte e duas pessoas para prestar atendimento jurídico, psicológico e também para inserção no mercado de trabalho. O dia é sempre cheio e as atividades com grandes grupos de pessoas em trânsito são muito diversas. Esses grupos são sempre rotativos: são trinta senhas diárias para assistência todas as manhãs, sobretudo, para instruções de procedimentos com a COMAR para retirar *la Constancia*, documento que permite ao migrante transitar pelo estado de Chiapas, mas que na prática não funciona nem para caminhar nas ruas de Tapachula, porque a polícia pode rasgar o documento (uma folha de papel A4) a qualquer momento, realizar a prisão da pessoa e iniciar o procedimento de deportação²⁴. Outro grupo de vinte pessoas também entra para receber instruções de como preencher o formulário para solicitar refúgio na mesma COMAR. Outro grupo menor composto somente por mulheres também entra para o encontro da semana, enquanto na sala ao lado outro grupo planeja a atividade cultural de conscientização de um trânsito seguro. Tudo isso além das várias reuniões semanais com a diretora da organização, com outras instituições com objetivo de garantia dos direitos humanos.

²⁴ Informação recebida em entrevistas com pessoas em situação de mobilidade e também com colegas de trabalho.

Nesta OSC fiquei sob a tutela do coordenador da área de *Espacios Participativos*, que nomearei de *Kauil*²⁵. Eu ficava atrás de um computador, responsável por receber os grupos em uma sala fria na *Milpa* da organização, fazer as anotações e passar os slides das instruções de como deviam proceder para poder ficar em Tapachula ou para seguir viagem rumo ao norte. Antes de iniciar qualquer procedimento com esses grupos de pessoas que não se conheciam e eram sempre rotativos e de vários países de nossa *Pachamama*, *Kauil* se dedicava em tranquilizá-las e extrair o máximo de informações: como chegaram ao México, como conheceram a OSC, de que país vinham, se vinham sozinhos, quais as dificuldades enfrentaram na viagem. Isso servia para estabelecer uma relação de maior confiança, além de alimentar os dados para a organização.

Eu trabalhava na organização nas terças-feiras pela manhã e sextas-feiras pela tarde. Sempre tinham muitas pessoas esperando atendimento no grande pátio central desde as primeiras horas do dia. Eu aproveitava minha estética *algo rara* para me aproximar e ouvir histórias. Sempre a questão da nacionalidade era um tema entre nós. Depois me dirigia à sala de reuniões na *Milpa*, distribuía as cadeiras, ligava o projetor e esperava. Quando *Kauil* se assomava a porta e gentilmente dizia que era a hora, o grupo entrava de uma vez na sala fria e me olhava com atenção. A introdução que *Kauil* realizava, ajudava a compreender e conhecer o trânsito pela voz de vários migrantes e refugiados, que assentiam enquanto um deles relatava detalhes da sua história. Pessoas que foram assaltadas, que apanharam, ou que foram estupradas no caminho (mulheres e homens), pareciam ter um olhar opaco e ganhavam coragem para admitir quando ouviam alguém falar primeiro – o mesmo acontecia com pessoas que tiveram os familiares mortos pelas gangues *pandillas* em seus países.

É importante sublinhar que a experiência de sair do Brasil e ir para a fronteira entre México e Guatemala para conhecer as interações na fronteira desde o trabalho voluntário, revelou também o lado bonito da migração centro-americana. Existe uma história de reconstrução de vida, que recompensa os perigos de se colocar em trânsito. É claro, cada história é muito particular e os sucessos e insucessos teriam de ser analisados à luz desta particularidade, o que não foi realizado aqui. Por fim, me parece que as instituições de um modo geral são uma espécie de resistência tanto contra as sanções legais mexicanas sobre migração, quanto sobre as violações dos direitos dessas

²⁵ *Kauil* é um deus Maya do fogo e era encarregado das iniciações e avaliava as características psicológicas dos indivíduos.

peças em transitar pelo país. Nesse sentido, o fundamento das instituições e organizações da sociedade civil (OSC), é de uma luta que se volta por vezes contra setores governamentais, contra a política dos organismos internacionais ou a academia, em apoio ao trânsito. *!migrar es un derecho!*

Referências

- CASTILLO, Jaime Rivas (2008), **Tejiendo redes frente al riesgo y la vulnerabilidad**. Migrantes centroamericanos y organizaciones civiles de apoyo en Tapachula, Chiapas, Tesis de maestría en Antropología Social, San Cristóbal de las Casas, México: CIESAS.
- CUSTODIO, Alvaro; CORTES, Hernan. **El regreso de Quetzalcoatl**: la epopeya azteca: documento epico-dramatico representado al aire libre en las piramides de Teopanzolco y Teotihuacan. Madrid: Ediciones de Cultura Hispanica, 1990.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 7. ed., Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2005.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015
- LEVIT, Peggy; SCHILLER, Nina Glick. Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society. **Center for Migration Studies of New York**. 1002-1039. 2004.
- OLIVO, M. G. VILLAGPOMEZ, A. C. **Leyendas Mexicanas de todos los tiempos**. Cuauhtémoc, DF: 2013
- ORTIZ, Roxana Rodríguez. **Cartografía de las fronteras**. Ciudad de México. Roxana Rodríguez Ortiz, 2017.
- VELASCO, Álvarez Soledad 2010 “A la sombra del Miguel Hidalgo: análisis etnográfico del parque central de Tapachula” en **Revista LiminaR**. *Estudios sociales y humanísticos* (San Cristóbal de Las Casas: CESMECA) Año 8, vol. VIII, núm. 2, diciembre.
- VILLAFUERTE SOLÍS, Daniel (2008), “**El Soconusco: la Frontera de la Frontera Sur**”, en Sánchez, José, Jarquín, Ramón (Coords.), *La frontera sur. Reflexiones sobre el Soconusco, Chiapas y sus problemas ambientales, poblacionales y productivos*, México: Senado de la República/ ECOSUR, pp. 157-168

I

*Quando penso que uma palavra
Pode mudar tudo
Não fico mudo
Mudo*

*Quando penso que um passo
Descobre o mundo
Não paro o passo
Passo*

*E assim que passo e mudo
Um novo mundo nasce
Na palavra que penso*

Alice Ruiz – Penso e passo

1 DESLOCAMENTOS HUMANOS E AGENCIAMENTOS DE VIDA: os extraterritórios e as subalternidades

Esta proposta de investigação parte inicialmente da questão da intensa migração haitiana para o Brasil desde o grande terremoto que aconteceu em 2010. O número de haitianos andando pelas ruas de Curitiba era algo que chamava a atenção. Algumas comunidades foram constituídas, tanto no centro da capital paranaense, quanto em regiões periféricas da cidade e região metropolitana. Durante a fase de campo de minha pesquisa de mestrado, em meados de 2014, me deparei com uma dessas comunidades em um bairro afastado de uma das cidades satélites.

A minha reação era de profunda curiosidade com relação a adaptação dessas pessoas em um país que em geral não se comunica em outra língua que não a portuguesa, além da normal dificuldade enfrentada por qualquer estrangeiro na assimilação dos hábitos culturais, de modo geral. Mais ainda, eu me colocava a questão de como o terremoto enquanto evento “natural” não humano estava agenciando estas mudanças na vida daquelas pessoas e era também responsável pelas alterações de política migratória no Brasil.

Então comecei a pensar em quanto essas “coisas” estavam conectadas, o terremoto e as pessoas, as transformações no território de origem, as alterações no ritmo de vida das pessoas e as transformações no território de chegada; nesse caso eu estava pensando especificamente Curitiba enquanto um território e espaço de acolhimento dessas pessoas. A questão que me colocava era a seguinte até aquele momento: como estavam sendo rearranjadas as vidas dessas pessoas, considerando o terremoto enquanto um elemento central, ou seja, a razão pela qual aquelas pessoas migraram?

Mais tarde, já no doutorado, minhas reflexões e leituras foram ganhando outros elementos disparadores de questões e problemas. Eu estava aí muito curioso com as teorias de Bruno Latour, Tim Ingold, Arturo Escobar, Aníbal Quijano, de Gayatri Spivak, entre outras e outros que me faziam refletir essa inseparabilidade entre sujeito e objeto, entre humanos e não humanos e como estas questões estavam alinhadas a um modo de produzir conhecimento desde René Descartes. Ou seja, essas teorias buscavam como que reconectar o que foi separado no modelo de ciência possível naquele ambiente socio-histórico em que Descartes viveu.

Essa é uma interessante questão para pensar e já foi enfrentada por outras pessoas ainda que para mim continue sendo uma desafiante maneira de refletir sobre o

mundo, uma vez que nossas estruturas mentais, nossos processos de pensamento foram forjados (por falta de palavra melhor) neste caldo moderno gerador de dualismos. O que eu percebia daquelas leituras é que eu não podia simplesmente reproduzir o conhecimento que derivava da equação “penso, logo existo” ou “penso, logo sou”, a depender da tradução. Justamente porque ela sugeria que o humano tem um papel superior em relação a todas as outras coisas do mundo. Não se tratava também de um retorno ao passado, onde tudo foi belo e humano e natureza viviam em plena harmonia, noção como que romântica dos jogos sociais.

É essa a razão pela qual Enrique Leff (2002) vai dizer que emerge a chamada crise ambiental. Para ele, a crise surge desse pensar o mundo desde um lugar desigual, onde o privilégio do pensamento está na separação entre humano e não humano, e mais, em um modo de produção de conhecimento do mundo onde a razão ou a matematização, recebem mais valor que o conhecimento do bom senso, o conhecimento advindo da vivência estética profunda com o mundo (LEFF, 2012).

Portanto, era dessa forma que pensava a migração haitiana, desde essa conjunção de coisas entre terremotos e suas conexões (cruzamentos de linhas: economia, política, deuses, patrimônio, saúde, doença, etc.), e humanos e suas conexões, em uma tentativa de pensar o mundo da forma mais simétrica possível. Mas no início do doutorado e de me debater com estas questões li um trabalho de um haitiano residente no Brasil que mudou meu olhar sobre a questão da diáspora naquele país. O terremoto não era um causador de migração. Era sim, um agente motivador. Era sim, a causa do número tão grande de pessoas deixando o país, em vista das questões socioeconômicas, políticas, ambientais, etc.. Mas não era o terremoto o responsável pela diáspora haitiana.

O trabalho de um nativo residente no Brasil desmontou minhas hipóteses iniciais: a diáspora haitiana não era em razão de um abalo sísmico. Era na verdade, uma *estrutura* na vida das pessoas daquele país; por que não dizer, estrutura estruturante?. Tanto assim, que os indivíduos e coisas recebem um nome quando viajam ou retornam do exterior. Todos, pessoas e coisas (móveis, imóveis, roupas, adereços, comportamentos, etc.) são chamados de “*Diáspora*”. Então existe tanto o indivíduo diáspora, quanto a geladeira diáspora, por exemplo. O que significava isso? Que o terremoto não foi um evento que reorientou as práticas migratórias naquele país, e sim, que a prática migratória constante, aumentou com o terremoto de janeiro de 2010, alterando as políticas de vistos humanitários brasileiras.

Desmontada a minha primeira linha investigatória, me coloquei desde essa mesma questão um problema de pesquisa que persigo responder nesse momento. Ele foi construído da seguinte forma: se as pessoas haitianas não migraram por razão do terremoto e sim porque é uma prática comum incorporada na dinâmica social (a pessoa que nasce se sabe migrante da mesma forma que sabe que vai reproduzir os costumes, a língua, etc.) (HANDERSON, 2015), então a relação com o território sugere uma noção de trânsito ou de movimento, no fluxo próprio de poder que existem nas relações humanas com o mundo.

É pensar naquilo que Lefebvre (1986) nos diz acerca de um espaço, que existem aí dinâmicas de dominação e de apropriação. As dinâmicas de dominação estão relacionadas às questões política e econômica, que são evidentes nos processos de desterritorialização provocados pelo capitalismo, por exemplo. Sobre isso podemos resgatar as investigações sobre os extrativismos e desterritorializações realizadas por Escobar (2014). Os processos de apropriação possuem na concepção de Lefebvre, uma dimensão cultural e simbólica na relação com o espaço (território). Para nossa discussão significa a apropriação territorial na possibilidade de conjunta construção entre agente humano e agente não humano.

Veja, a questão que me chama a atenção aqui é pensar aquilo que Haesbaert (2004) vai chamar multiterritórios a partir da nossa relação com o território, que está condicionada às dinâmicas de poder e acesso, mas que em alguma medida suscita uma referência para essa construção, um “*continuum*”. Lembro da reflexão de Arturo Escobar (2014), em que apesar dos territórios estarem sempre em um fluxo de mudanças, as comunidades mantêm em referência suas relações ancestrais, transnacionais. Nesse sentido o território é pensado como parte dos agentes humanos e de suas histórias, e portanto, essencial a vida. Dessa forma busco compreender, por meio da análise dos fios que tecem a experiência do migrante em suas desterritorializações e reterritorializações, como se constitui essa experiência de trânsito com suas múltiplas territorialidades.

Mas quais são as concepções que utilizo para pensar essas dinâmicas?

Os deslocamentos humanos aqui são pensados desde a perspectiva ensinada por Tim Ingold (2012; 2015) em que o fluxo é constituído por linhas de vida, por um emaranhado de coisas que se somam em força e despertam seu agenciamento, o que ele chama de *malha*. A figura representativa da malha nos ilustra um desenho onde se possa pensar ao mesmo tempo as linhas que incidem sobre as transformações do território e as

linhas que se entrelaçam na desterritorialização dos indivíduos, que pode aí ser também pensada também desde a perspectiva da subalternidade, por exemplo (SPIVAK, 2010).

Um caminho para pensar a desterritorialização pode ser também a subalternidade do sujeito que deixa seu território. Recorrendo à Spivak (2010), o subalterno pode ser definido como a pessoa que pertence ao estrato mais baixo da sociedade, excluído do mercado e da representação política legal, e mais ainda, da condição de possibilidade de fazer parte dos grupos sociais dominantes. Ainda que nem toda marginalização implique necessariamente em subalternidade, o agente subalterno é aquele que não tem a possibilidade de se fazer escutar. É a pessoa impedida de muitas formas de fazer parte daquilo que Bourdieu (1989) vai chamar de campo social. Nesse sentido, nem todo deslocamento humano implica em subalternidade; mas estamos precocemente defendendo que a *migração compulsória* sempre implica em subalternidade. Voltaremos a isso.

Então como dissemos anteriormente, ao pensar o agente que migra, teremos de mobilizar também aí os territórios. O agente faz parte de um lugar que ele constitui e que o constitui simultaneamente. Ao deixar este território ambos se transformam: agente e território. O primeiro deixa um lugar de referência e de construção de identidade e o segundo se transforma na falta, no vazio, no abandono. No caso limite, o território se transforma quando deixa de ser modificado, quando nele não existe mais a interferência social do agente humano. Mas também se transforma na medida em que a interferência seja substituída por fatores climáticos, políticos, econômicos, onde outras linhas de agência se conectam aos fios do território (INGOLD, 2012; ESCOBAR, 2014).

1.1 *Perspectiva da rede território-humano*

Talvez aqui caiba dar um passo atrás no desenvolvimento da ideia para melhor situar o que estamos chamando de fios e malhas e situá-las em seus solos de criação²⁶. Para isso vamos mobilizar alguns autores e autoras que demonstram por meio de sua teoria como pode ser compreendida essa conexão e a partir dela como pensamos os agenciamentos. O pressuposto do qual partimos aqui pode parecer simples, mas vem carregado de problemas quando começamos a operar dentro de seus esquemas de

²⁶ Essa ideia se relaciona com a noção de ‘Plano de Imanência’ de Deleuze e Guattari (1992) e será melhor desenvolvida na próxima seção

pensamentos. Descola (2016) resume bem quando afirma que “a maior parte dos objetos que nos rodeiam, incluindo nós mesmos, encontram-se nesta situação intermediária: são naturais e culturais ao mesmo tempo” (p. 8). Então a perspectiva é tentar conectar nesta reflexão, que por si é uma desterritorialização e que carece sempre de muita recursividade entre quem pensa e escreve e o texto, estabelecendo um encadeamento de coisas que formem um plano de compreensão para os movimentos de ação, ou seja, suas territorializações, desterritorializações e reterritorializações.

Nesse sentido entramos no lodaçal da separação ou comunhão de natureza e cultura ou sujeito e objeto.

Nosso ponto de partida vem da noção de simetria desenvolvida por Bruno Latour. Para este autor, a natureza é compreendida como as coisas-em-si, já que este se furta adentrar na distinção entre objetos ditos naturais e objetos transformados pelo ser humano (1994; 1997; 2012). Por exemplo, quando Latour e Woolgar (1997) analisam a dinâmica de um laboratório científico e sua produção de fatos constata as assimetrias da ciência na produção e elaboração desses fatos. Nesse livro²⁷ apresenta uma discussão que envolve a crítica ao racionalismo da ciência, e também uma demonstração de que na prática humanos e não humanos estão em profunda conexão, e que só os separamos quando pensamos sobre eles.

Para apresentar de modo rápido uma tradução do que fora apresentado em *Vida de Laboratório*, utilizo a obra *Jamais fomos modernos*, onde Latour (1994) demonstra essa assimetria em três movimentos: a) quando se constroem e descrevem os fatos científicos, onde só o resultado aparece, mas nunca o processo ou os elementos e objetos que possibilitaram a experimentação (ou invenção) do fato científico comprovado. Ou seja, ao demonstrar um fenômeno, o mesmo só aparece como fato científico na etapa final, em que venceu, por assim dizer, através do acerto na condução dos procedimentos, e nunca carregando consigo os erros produzidos no processo de descoberta.

O segundo princípio de assimetria é quando, b) o autor propõe que se estude ao mesmo tempo a produção dos humanos e não humanos em qualquer relação social. Quer dizer, o autor considera que em qualquer interação se deve observar como existe uma interdependência entre humanos e objetos, entre natureza e cultura, e que os estudos sobre a sociedade desconsideram a presença da Natureza (coisas-em-si), que

²⁷ LATOUR, Bruno. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

para ele são indissociáveis (1994). O mesmo princípio se encontra em Haraway (2009) quando utiliza a noção de ciborgues para descrever a junção de humanos com máquinas e produtos que ingerimos, sem os quais não sobreviveríamos. Lembro que essa discussão aparece indiretamente em Beck (1997) quando este trata da sociedade de risco, onde consumimos cada vez mais coisas sem dar conta nem de seus componentes, nem tampouco a origem desses. Aqui a noção de naturezas-culturas se mostra com mais clareza.

O terceiro princípio trata da, c) não distinção entre os ocidentais e os outros povos quando objeto de estudos das ciências sociais. Nesse sentido o autor realiza uma crítica das pesquisas que antropólogos realizam nos trópicos distintamente dos estudos realizados nas comunidades ocidentais, ou seja, em suas sociedades – essa é a razão pela qual Latour e Woolgar (1997) realizam estudos em laboratório nos EUA, por exemplo.

Em uma relação de pensamentos que é nossa, e só o fazemos aqui para dar melhor evidência dessas separações, recorremos à reflexão de Jacques Derrida (2011). Derrida chama a atenção para o fato de que a Natureza foi dominada pelos homens desde a religião, passando pelo mito, até a ciência. Em um belo texto filosófico reflete profundamente sobre o domínio do humano sobre as plantas e animais mesmo tendo sido este criado depois de tudo – quando tendo o criacionismo como referência de análise. Desde aí, do domínio autorizado pelo criador ao humano sobre as coisas, a natureza entristece e emudece. Derrida (2011) aí argumenta que a natureza não é triste porque muda, e sim muda porque triste, dominada, sem o direito de nomear-se a si. Assim,

ser nomeado [...], e mesmo quando aquele que nomeia é um igual dos deuses, um bem-aventurado, ver-se dar seu próprio nome, é talvez deixar-se invadir pela tristeza, a tristeza mesmo (que teria então por origem essa passividade do ser-nomeado, essa impossibilidade de ser reapropriar de seu próprio nome) [...] (DERRIDA, 2011, p. 42).

Nesta passagem o autor se refere a Adão, o primeiro homem, quando nos fala sobre o domínio do humano com divina autorização. Mas vai além, também aos gregos para demonstrar segundo sua interpretação como ao animal tudo foi dado, enquanto o humano foi colocado nu ante todas as coisas. E é para esse autor, através da falta ou defeito do humano, segundo o mito de Prometeu que este se constituirá dono da natureza e das demais coisas. É a partir desta falta que o humano “[...] instaura ou reivindica de uma só vez sua propriedade (o próprio do homem efetivamente como

próprio o não ter um próprio), e sua superioridade sobre a vida dita animal” (DERRIDA, 2011, p. 44). É dizer, a propriedade humana, esta de estar acima de todas as coisas, advém de uma ilusão (de propriedade). O humano ganha nas ciências, na religião ou nos mitos um lugar peculiar, de centro, de superioridade.

Por meio da epistemologia que estamos mobilizando aqui é que procuro propor uma investigação centrada na relação entre territórios e migrantes, distanciando a forma de composição e descrição dos estudos socioambientais e de migração que privilegiam o humano em detrimento do espaço e das coisas que o constituem e que ficam relegados a uma mera descrição literária de seus aspectos, como texturas ou formas, tamanhos e cores, representando parte daquilo que Arturo Escobar (2010) chamou de *colonialismo da natureza*.

Um caminho para exemplificar como proceder metodológica e epistemologicamente é atentando para o métodos de investigação e análise. Novamente Latour (1994) nos dá pistas importantes de apreensão simétrica do objeto. Lembremos que para este autor não existe distinção entre objetos e humanos, os dois são uma mistura heterogênea, e assim, estão conectados por redes, que variam do momento e intensidade. Com estas premissas, o autor enfatiza que se sigam os atores para verificar quais conexões estes executam. Me parece que dessa forma uma fotografia ou um aparelho celular pode conectar mais elementos para uma pessoa em certa fase da vida que em outra (imagino caminhar nos escombros de um terremoto e encontrar um porta-retratos e verificar quantas coisas ele conecta). Isso é o que o autor chama de princípio de simetria generalizada (apresentada mais acima no item b), e explica porque para ele não existem cultura e natureza separadas, e sim, naturezas-culturas (LATOUR, 1994). O social aí seria “uma rede heterogênea, constituída não apenas de humanos, mas também de não humanos, de modo que ambos devem ser igualmente considerados” (FREIRE, 2006).

Ao dizer que a rede é heterogênea, devo ressaltar que não se trata de alguma similitude com as redes cibernéticas aonde a informação vai de um ponto ao outro da rede sem alteração. Na proposta de Latour (1994), dentro da Teoria-ator-rede (TAR) ao contrário, as informações são fluxos que interferem e sofrem interferências a todo momento (LATOUR, 1994; FREIRE, 2006). Significa dizer que a todo instante essas redes heterogêneas de humanos e não humanos vão se constituindo e conectando cada vez mais pontos. Ou, como nos provoca Latour (1994), estaria Deus ausente na reunião de pessoas que frequentam as igrejas?

A simetria então nos serve para esclarecer o conceito de Natureza que é o centro de gravidade neste trabalho. Mas Latour nos fala em objetos, ou desde as conexões híbridas, em quase-objetos ou quase-humanos (nesse sentido se sugere pensar como Donna Haraway quando se refere aos ciborgues). Mas esta ideia de objetos ainda que anime em ação aquilo que se coloca em relação, suscita uma Natureza morta, estática, que aguarda algo que lhe conecte a vida, ao seu agenciamento.

Outro ponto de partida epistemologicamente similar ao de Latour vem das elaborações do autor britânico Tim Ingold; é claro que entre os dois existe uma tensão de campo de conhecimento que deve ser considerada, e nesse sentido, é importante ressaltar que para o primeiro, ao contrário do autor francês, a Natureza deve ser considerada como fonte de vida, e, mais precisamente de nascimentos que são propiciados a cada conexão, a cada relação diríamos sociologicamente.

Para compreender esta noção de nascimentos, deve-se apreender o movimento que este autor executa em suas análises. Ingold refuta fortemente a utilização latouriana do termo objetos. Para ele, não existem objetos e sim, cada coisa deve ser concebida como um ‘parlamento de fios’. O autor se apoia em Heidegger ao sugerir que conceitualmente o termo ‘coisa’ conversa melhor com seus pressupostos. Para ele, a coisa “[...] é um acontecer, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (INGOLD, 2012, p. 29). O fragmento abaixo ilustra esta definição e como se pode traduzir essa sociologia das coisas, dos não humanos, para nosso contexto de produção de ciência, que como já defendemos aqui, estabelece desde alguns marcos epistêmicos, uma grande divisão (INGOLD, 2012; LATOUR, 1994).

Suponhamos que nos concentremos numa árvore qualquer. Lá está ela, enraizada na terra, seu tronco se erguendo e seus galhos se abrindo, balançando ao vento, com ou sem brotos ou folhas, dependendo da estação. A árvore é um objeto? Em caso positivo, como a definiríamos? O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? Essas não são questões fáceis de responder – ao menos não tão fáceis como parecem ser no caso dos móveis no meu escritório. A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e o observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para lá fazerem suas casas. Elas são parte da árvore? E o musgo que cresce na superfície externa do tronco, ou os líquens que pendem dos galhos? Além disso, se decidimos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolins. Se consideramos que o caráter dessa árvore também está em suas reações às correntes de vento no modo como seus galhos balançam e suas folhas farfalham, então poderíamos nos perguntar se a árvore não seria senão uma árvore-no-ar (INGOLD, 2012, p. 28-9).

E o analista social ainda argumentaria: tudo bem, a árvore não é só ela mesma, mas como ela influencia na vida do ator ou agente social? Ou, qual a importância da árvore naquele movimento de pessoas que defendem tal posição política? Bem, de fato, e pensando com Ingold, se a árvore não for o centro da ação política, pensando desde a perspectiva estruturalista (seria melhor dizer moderna) ela não tem importância alguma. Ela passa a ter importância – e ficando no exemplo corro riscos de não me fazer claro – se se conceber a perspectiva de conexão e ligação com todas as coisas. É pensar na inspiração e significado que algo (uma coisa!) possa ter com aquele que com ele age, na produção de significados, na presença fundamental, e quais coisas ela agencia. Por exemplo, na abertura de *Jamais fomos modernos* de Latour (1994), o ozônio mobiliza os cientistas, os políticos, os ambientalistas, economistas, publicitários, engenheiros, a própria terra ou o sol.

Tentando ser mais claro, em Ingold (2015) existe uma crítica à noção de modos de vida como manifestos pela cultura desde a concepção de que os humanos transformam seu ser social a partir das capacidades de transformações que possam ser feitas em seu ambiente. Para ele, essa é a contradição fundadora do edifício do pensamento social. Esta condição de possibilidade nos é fornecida pelo ambiente (natureza), e que, portanto, estamos imersos nessa inter-relação. Em vista disso,

[...] vários não humanos contribuem, em ambientes específicos, não apenas para o seu próprio crescimento e desenvolvimento, mas também para o desenvolvimento dos seres humanos. Segue-se que a vida social humana não é dividida em um plano separado do resto da natureza, mas faz parte do que está acontecendo em todo o mundo orgânico (2015, p. 38).

A produção então conjunta entre agente e território é pensada aqui desde o conceito de enação de Varela (1988), onde humano e não humano estão em constante interdependência, ou melhor, onde as experiências de vida são uma relação circular mundo-sujeito (SADE, 2009). Convém recorrer a uma passagem de Bruno Latour (1994) para ajudar a demonstrar o caminho de pensamento que sigo aqui. Nesta passagem o autor francês está fazendo uma crítica a uma suposto reconexão entre ser e ente na obra de Heidegger. Frente a postura do autor alemão Latour questiona:

Quem esqueceu o Ser? Ninguém, nunca, pois caso contrário a natureza seria realmente ‘vista como um estoque’. Olhem em volta: os objetos científicos circulam simultaneamente enquanto sujeitos, objetos e discurso. As redes

estão preenchidas pelo Ser. E as máquinas estão carregadas de sujeitos e de coletivos. Como é que o ente poderia perder sua continuidade, sua diferença, sua incompletude, sua marca? Ninguém jamais teve tal poder, senão precisaríamos imaginar que fomos verdadeiramente modernos (1994, p. 65).

É dessa forma, portanto, que quando nos referimos ao conceito de território, estaremos pensando nessa enação, nessa participação ativa e circular de sujeito e mundo de forma a considerar a presença das coisas e objetos. Vamos nos aproximar mais destas noções nesta próxima seção onde o território e as relações que procuraremos investigar ganham maior força e direção neste texto.

1.2 (des-trans-re) Territorializações

A discussão como estamos encaminhando aqui nos coloca mais a vontade para pensar o território e seus processos de vida sempre como que em um processo recursivo, entre territórios e humanos. Isso nos leva a definir os *processos de vida* como seus deslocamentos entre *territorializações*, *desterritorializações*, *transterritorializações* e *reterritorializações*. Para tanto, neste capítulo vamos tentar estabelecer um diálogo razoável e o mais próximo do harmônico entre Geografia, Sociologia e Filosofia.

[Isso porque existe ainda uma outra desterritorialização que devemos atentar neste texto que vai além do ato físico, individual ou coletivo de se deslocar, independente das razões. O ato de se deslocar de um território para alcançar outro lugar envolve é claro um evento físico, ainda que também psicológico e social, certamente; mas esse movimento é sempre relativo se não houver uma territorialização absoluta do pensamento, uma corporificação circular mundo-sujeito como vimos. Esse corporificar, esse deslocamento absoluto (já que não só físico), é o próprio trânsito entre os múltiplos *planos de imanência*. Então, assim como aquele que deixa um território sempre e ingressa em outro espaço físico e social diferente, com receitas também distintas, também vai pouco a pouco sendo levado a corporificar experiências de mundo, e interpretar e representar novos códigos.

Vamos começar discutindo essa categoria essa noção esse não-conceito de plano de imanência proposto por Deleuze e Guattari:

O conceito é o começo da filosofia, mas o plano é sua instauração. O plano não consiste evidentemente num programa, num projeto, num fim ou num meio; é um plano de imanência que constitui o solo absoluto da filosofia, sua **Terra ou sua desterritorialização, sua fundação, sobre os quais ela cria**

seus conceitos. Ambos são necessários, criar os conceitos e instaurar o plano, como duas asas ou duas nadadeiras (1992, p. 58. Grifo nosso).

Dissemos há pouco que o plano de imanência não é um conceito²⁸ e, de acordo com as palavras dos autores se pode perceber como os conceitos emergem do plano, que por sua vez deve ser considerado como um solo fértil de criação de pensamentos. O plano exige pensar e nesse caso, pensar é possibilidade de mover-se e desterritorializar-se. É claro que quem nos lê vai entender que não podemos ficar presos à abstração filosófica, com a profundidade que a reflexão exige. Não estamos propondo que deslocamento seja igual a pensamento. Nossa proposição já foi assinalada, ou seja, é pensar que aquele que se desloca, deixa seu território, seu mundo físico que lhe impõe corporificações e ingressa em novos territórios que em relação demandam novos códigos, receitas (SCHUTZ, 2010), translações; desterritorializa fisicamente e também no pensamento, mas não sem reterritorializar.

Isso é o que estamos propondo, esse entrelaçamento de territórios geográficos, movimentos humanos e deslocamento das relações com o mundo porque “a desterritorialização absoluta não existe sem reterritorialização [...]” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 131). É aqui que nossa epistemologia ambiental se ancora: pensando no migrante e nas condições de possibilidade de seus devires. Dizemos possibilidade pensando nos efeitos do capitalismo globalizado para aquele que é obrigado a deixar sua terra. Entendemos assim desterritorialização como um processo que vai do território à terra, “[...] e que faz com que o primeiro se abra a um alhures; e a reterritorialização, processo que leva a terra a refazer território. Tal relação entre território e terra percorre todas as sociedades humanas: grupos linhageiros primitivos, estados imperiais, cidades gregas, etc. [...]” (SANTOS, 2013, p. 44).

O plano de imanência é esse movimento, um fluxo caótico que só é freado quando se estabelecem conceitos a partir dele, justamente porque é quando se começa a pensar sobre ele. São muitos os planos porque há muitas alterações na história (DELEUZE & GUATTARI, 1992; SANTOS, 2013). Dessa forma quando estamos em um lugar, ele nos incorpora e estamos incorporados a ele, no pensamento e fisicamente, conhecemos os códigos de relação, tanto sociais quanto naturais, ou seja, sabemos o que

²⁸ “[...] O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria e não cessa de criá-los. O conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento de si, e o que ele conhece, é o puro acontecimento, que não se confunde com o estado de coisas no qual se encarna” (DELEUZE & GUATTARI, 1992).

piscar os olhos significa em nosso território, mas também sabemos quais objetos e habilidades precisamos para percorrer este espaço. Quando nos movemos, estas coisas também se movem, os territórios de partida e chegada se transformam, e o corpo necessita reterritorializar aí, mas também o pensamento. É nesse movimento que “[...] o horizonte relativo se distancia quando o sujeito avança, mas o horizonte absoluto, nós estamos nele sempre e já, no plano de imanência [...]” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 54).

Arturo Escobar (2014) nos ajuda a pensar essa relação circular de humanos e territórios, mas em um movimento ontológico e não mais epistemológico como fazem os autores que discutimos até aqui. Em nossa leitura Escobar está pensando não só a presença, mas também o ser das coisas e objetos, a ação profunda daquilo que não é humano. Se Latour e Ingold sugerem um movimento epistemológico no sentido de pano de fundo do pensamento e Deleuze e Guattari como solo fértil sobre o qual pisamos e agimos desde aí, Escobar considera desde as cosmologias de povos latinos (escapando do norte, do centro, da globalização) os espaços animados, a influência e união de céus, montanhas, lagos e humanos.

[...] Nestas ontologias, os territórios são espaços-tempo vitais de toda comunidade de homens e mulheres. Mais que isso, também são espaços-tempo de inter-relação com o mundo natural que circundam e é parte constitutiva deste. Ou seja, a inter-relação gera cenários de sinergia e de complementaridade, tanto para o mundo de homens e mulheres, como para a reprodução de outros mundos que circundam ao mundo humano (ESCOBAR, 2014, p. 104)²⁹.

O geógrafo brasileiro Milton Santos (1985), já apontava para essas indissociabilidades de se pensar o ambiente como uma esfera afastada dos processos sociais. Talvez, e pensando epistemologicamente, nos oporíamos parcialmente das teorizações de Santos na medida em que este apresenta a categoria paisagem, território ou lugar como *forma*; em suas palavras, “[...] como a formas geográficas contêm frações do social, elas não são apenas formas, mas *formas-conteúdo*” (1985, p. 2. Grifo do autor). Em nosso entendimento esta noção reproduz em alguma medida àquela separação à qual estamos nos referindo a todo o momento neste texto uma vez que

²⁹ [...] En estas ontologías, los territorios son espacios-tiempos vitales de toda comunidad de hombres y mujeres. Pero no solo es eso, también son los espacios-tiempos de interrelación con el mundo natural que circundan y es parte constitutivo de este. Es decir, la interrelación genera escenarios de sinergia y de complementariedad, tanto para el mundo de los hombres-mujeres, como para la reproducción de los otros mundos que circundan al mundo humano (ESCOBAR, 2014, p. 104).

pretende atribuir a noção de conteúdo para a presença da sociedade³⁰. Nesse caso, entendemos, os territórios somente ganhariam conteúdo com a participação humana, condição epistêmica e ontológica radicalmente oposta da que pretendemos quando pensamos o território e seus processos enquanto categorias e conceitos.

Porque justamente o que acabamos de apresentar como perspectiva analítica e metodológica nos impõe um certo rigor (se se quiser pensar dessa forma) de seguir a trilha complexa, imbricada e contínua do que de algum ângulo específico (em vista da fluidez) retrata o que poderíamos chamar de território. Significa que para melhor compreensão é preciso retomar a teoria-ator-rede de Latour (1994; 2012) em que os objetos e as coisas possuem um parlamento e, portanto, podem ser chamados de quase-objetos, assim como os humanos podem ser aí concebidos como quase-humanos, na proposição de falta abissal (uma fratura?) que a teoria simétrica pretende restabelecer ou reagregar.

Não estamos então pensando em uma composição do tipo forma-conteúdo em que as coisas ou objetos seriam somente formas na ausência total do humano. Do contrário, e essa é sua crítica mais aguda de Bruno Latour em nosso entendimento, quando este autor mobiliza por meio de comparação a representação que os cientistas fazem da natureza e a representação dos soberanos políticos acerca das vontades do povo. É o problema da representação e de seus porta-vozes. É dizer, “[...] jamais saberemos se os cientistas traduzem ou traem. Jamais saberemos se os políticos traem ou traduzem” (1994, p. 141).

Na mesma ordem estão as formulações do autor britânico Tim Ingold, como já vimos. Mas enquanto o autor francês considera a rede entre sociedade e objetos um movimento constante, nos parece que Ingold diz: calma com isso! Sua proposta é pensar os agenciamentos desde uma conexão onde necessariamente o humano influencie de algum modo, direta ou indiretamente. Então se em Latour os pontos de cruzamento da *rede* parecem não carecer de uma agência humana, em Ingold isso é condição para começar a analisar os fios que tecem a *malha* de seu arranjo social³¹. Lembramos que

³⁰ Em outra passagem, Milton Santos discute a estrutura espaço-temporal e diz que a sociedade “só pode ser definida através do espaço, já que o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história – mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade” (1985, p. 49). Esta definição ilustra a dificuldade do movimento teórico de se considerar um novo arranjo do social – o que Milton Santos busca incansavelmente! A proposição atribui peso total à sociedade, mas do contrário, alguém dúvida que o espaço é um robusto determinante da atividade humana?

³¹ E percebe que esta mesma tensão entre *rede* e *malha*, está na questão apontada na nota anterior, nos deslizos da prevalência da sociedade em Milton Santos mesmo quando tenta a todo instante considerar as coisas e objetos inseparavelmente daquela. Estamos a mercê do perigo sempre presente de confundir

também Deleuze em *Lógica de Sentido* (1982) define o ser como único acontecimento em que todos os acontecimentos podem se comunicar. Esse ser que também é sentido e fração no vazio de todos os acontecimentos em um. Assim define o autor francês seu conceito de *Uno-Todo*, ou seja, a manifestação obrigatória do mundo no sujeito quando age.

Para aplicar a teoria complexa talvez devêssemos pensar o território, os humanos e seus movimentos de (des-trans-re) territorializações. Pensemos por exemplo a multiterritorialidade definida por Haesbaert (2004) enquanto a capacidade dos sujeitos na modernidade de conciliar múltiplos territórios, ou seja, muitos campos de poder e em profunda relação com o território físico ou virtual. É fundamental sublinhar que o ponto de partida dessa definição parte da conceituação forjada por Yves Barel aonde o território é esse cruzamento, “o não-social dentro do qual o social puro deve imergir para adquirir existência (BAREL, 1986, p. 131 apud HAESBAERT, 2004, p. 11). Percebamos, imersão para adquirir existência, para participar dos jogos do mundo, dos jogos de força, das conexões determinadas e determinantes sob as quais podemos estabelecer nossos fluxos de vida.

Ou seja, essa definição de território acaba por amarrar todas as sínteses que apresentamos aqui e procuramos de alguma forma relacionar. Chegamos assim a um pensamento que contempla de uma só vez dois movimentos: de um lado uma linha que nos distancia do colonialismo da ciência dualista e, de outro, que nos afasta (ainda que timidamente) do colonialismo cultural. Nesse sentido podemos pinçar ideias no pensamento desenvolvido por Arturo Escobar desde nosso solo latino-americano e com intenções claras de problematizá-lo a partir de uma ruptura com a noção dualista. Como vimos, ao que Latour e Ingold vão denominar *rede* e *malha*, respectivamente, Escobar chama de *ontologia relacional*.

Nesse sentido o *Pluriverso* (de culturas, etnias, ideias, gêneros, territórios, etc.) de territorialidades que emana desde essa consideração ontológica e que se manifesta em todos os lugares, as *multiterritorialidades*, pode ser relacionado em síntese com o que Escobar define como *Territórios de Diferença*. Assim integramos de um lado as

propositadamente os conceitos de lugar, localidade, território, espaço, ambiente e natureza, e desde aí, unificar o que se convencionou chamar de ambiente natural e ambiente cultural, porque quando se verifica a fundo a distância é quantitativa, mas, ao mesmo tempo imensurável. Aí recorremos ao hibridismo entre natureza e cultura assumindo um alto risco de ser acusados de conservadores pelos realistas, afinal, o desmatamento não é evidente?

malhas entre humanos e territórios com seus diferentes processos de (des-trans-re) territorializações culturais, sociais, econômicas, étnicas, etc.

Então é aí precisamente onde este texto se coloca, não como teoria explícita e presente que pretende re-ligar natureza e cultura por meio da interpretação, esse movimento é muito mais de fundo, muito mais solo de onde ele brota, e entretanto, na valorização do território interagindo nas decisões e motivações do deslocamento. Então aqui a discussão em torno dos termos natureza e cultura ganha como pano de fundo epistemológico a presença da terra mas também ontológico na valorização dos modos de ser latino americanos, buscando escapar de uma tal determinação capitalista ocidental.

Temos agora que avaliar o alcance de nossa proposta analítica desde esse emaranhado de conceitos e de realidades que se nos coloca a disposição. Uma das questões que procuraremos responder é como o migrante, concebido aqui de forma ampla como aquela ou aquele que se desloca (e por enquanto não estamos preocupados com suas motivações), compreende o território de trânsito uma vez que se constitui múltiplo e diferente na imersão com o não-social. Ou seja, queremos contar as histórias dos processos de territorialização dos sujeitos desde o que chamamos de territórios subalternos.

Nesses espaços ‘de fora’ (outros solos do qual emergem as criações) os agentes vão territorializando com novas perspectivas materiais como casas de passagem, estações migratórias, polícias, ONGs, novos sons, etc.. Desterritorializados, esses indivíduos ingressam no território de trânsito de suas próprias vidas e assim, inventam e incorporam *receitas* diárias de socialização impostas a todo *estrangeiro* (SCHUTZ, 2010).

É perseguir esse diálogo entre materialidades e subjetividades que constitui o território plural e não estático, ao contrário, fluído e vivo, que respira e se modifica, de acordo com suas resistências, sujeições, transgressões e resignações, na tensão sempre presente entre o desenvolvimento moderno imposto pela globalização e pelos imperialismos discutidos por Edward Said (2011). Ficam evidentes as aceitações aos abusos colonizadores impostos aos indivíduos e seus lugares de um modo difícil de entender, mas também se verificam movimentos de libertação e reivindicação de valorização e respeito as suas formas de existência (ESCOBAR, 2010; 2014).

É dizer que estamos pensando nesta desterritorialização física e suas motivações, e ao mesmo tempo, não perdemos de vista a desterritorialização de suas reflexões, a

desestabilização de suas receitas quando se deslocam. “É que não pensamos sem nos tornarmos outra coisa [...]” nos afirmam Deleuze e Guattari, quando mencionam o trânsito do plano daquele que se desloca e que é impelido a desterritorializar, incorporar, fazer parte de um outro lugar, ou, “[...] algo que não pensa, um bicho, um vegetal, uma molécula, uma partícula, que retornam sobre o pensamento e o relançam” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 59).

Referências

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, Oct. 1996. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005>.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. O que é a filosofia?. Rio de Janeiro (RJ): Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**: (a seguir). 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**. Nuevas lecturas sobre desarrollo, território y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

ESCOBAR, Arturo. **Territorios de diferencia**: lugar, movimientos, vida, redes. Popayan, Colômbia: Envión Editores, 2010.

FREIRE, Letícia de Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Comum**, v.11, n.26, jan/jun 2006, p. 46-65.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. 2004. In: *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HANDERSON, Joseph. Diáspora: sentidos e mobilidade haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100003

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2.ed. Belo Horizonte: autêntica editora, 2009.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo**. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, June 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Apr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. São Paulo: EDUSC, 2012.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEFEBVRE, H. 1986 (1974). *La Production de l'Espace*. Paris : Anthropos.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SADE, Christian. Enação e Metodologias de Primeira Pessoa: o reencantamento do concreto das investigações da experiência. **Informática na Educação**: teoria & prática, Porto Alegre,

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Rumo a uma nova terra. **Revista Ecopolítica**,

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985
São Paulo, n. 5, jan-abr, pp. 38-49. 2013.

SCHUTZ, Alfred. O estrangeiro. **Revista Espaço Acadêmico**. N. 113. Out. 2010. p. 118-129.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. v. 12, n. 2, p. 45-58, jul./dez. 2009.

VARELA, F. **Conhecer**: as ciências cognitivas tendências e perspectivas. Lisboa: Instituto Piaget, 1988.

II

*De estas calles que se ahondan el poniente,
Una habrá (no sé cuál) que he recorrido
Ya por última vez, indiferente
Y sin adivinarlo, sometido*

[...]

*Si para todo hay término y hay tasa
Y última vez y nunca más y olvido
¿quién nos dirá de quién, en esta casa,
Sin saberlo, nos hemos despedido?*

Jorge Luis Borges (fragmento de *Límites*).

2 DESLOCAMENTOS HUMANOS e TERRITÓRIOS: Análise bibliométrica da produção de conhecimento sobre migração na América Latina de 1995-2015

RESUMO

Este artigo versa sobre a produção de conhecimento sobre migração na América Latina no período de 1995-2015, com objetivo de mapear os temas de estudo e seus locais de produção. A seleção dos artigos apresentados ao longo do texto foi realizada unicamente através da biblioteca virtual CLACSO - disponível na base de dados Redalyc. O mecanismo de filtragem e escolha dos artigos dentro da mencionada biblioteca se deu por meio das seguintes palavras-chave: Migração, América Latina e Território. Obteve-se, aplicado os critérios de inclusão e exclusão, a quantidade total de 90 textos que foram distribuídos em oito categorias de acordo com análise dos seus resumos e palavras-chave. Como resultados do estudo, verificou-se que a produção sobre migração na América Latina se concentrou sobre os temas: Deslocamento indígena; Direitos humanos; Economia; Gênero; Políticas; Revisões sistemáticas; Territorializações, e, Outros. Além disso, foi possível verificar que os países que mais produzem acerca do tema são México, Colômbia e Chile, respectivamente.

Palavras-chave: Migração; América Latina; Território.

Introdução

Neste artigo nos concentramos em investigar o deslocamento de pessoas na América Latina desde o aspecto territorial, ou seja, a produção de autoras e autores latino-americanos, publicadas em revistas latino-americanas, retratando qualquer aspecto das migrações internas da América Latina. Como se poderá verificar ao longo do trabalho, alguns artigos não cumpriam uma dessas variáveis, mas, foram mantidos quando retratavam o deslocamento interno de pessoas neste território.

Os artigos de referência para essa investigação foram extraídos da biblioteca da CLACSO (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais), publicados entre o período de 1995-2015 (20 anos), selecionados a partir de três palavras-chave: *Migração, América Latina e Território*. Desta busca foram selecionados 164 artigos, dos quais foram excluídos 74, resultando em um total final de 90 artigos que compõem esta análise.

A opção por esta base de dados se deu pela impossibilidade de encontrar um número relevante de textos nas outras bases pesquisadas – como SCOPUS e SCIELO, por meio das três palavras-chave já mencionadas (Migração, América Latina e Território). Assim que, quando inseríamos as três palavras em outros mecanismos de

busca, os textos aí gerados eram ou não convergentes com as informações alimentadas, ou, não eram quantitativamente relevante como justificativa metodológica.

A palavra *Migração* foi utilizada porque o objetivo era mapear precisamente os deslocamentos humanos o que neste texto por vezes utilizamos como sinônimo de migração ou mobilidade humana. Neste sentido, estamos considerando o conceito de migração enquanto qualquer deslocamento humano, e não como saída da residência do local de origem e estabelecimento em outra residência no local de chegada, como entende Muñoz Jumilla (2002)³². *América Latina* foi utilizada como recorte espacial por entendermos que este espaço possui um rico campo de compreensão dos fenômenos migratórios, que, ainda que este artigo não objetive produzir reflexões sobre ele, porque bibliométrico, serve de base para estudos posteriores. O termo *Território*, no mesmo sentido que América Latina, foi utilizado como centro de gravidade deste texto para nos auxiliar a compreender qual a relação daquele que se desloca com os territórios com os quais se relaciona. Assim, tomando como ponto de partida o fato de que territórios e indivíduos são mutuamente condição fundamental de suas constituições (DELEUZE, 1982³³; LATOUR, 1994³⁴; HAESBAERT, 2004³⁵; ESCOBAR, 2014³⁶; INGOLD, 2015³⁷), questionamos como se dá a relação entre indivíduos em trânsito com os territórios pelos quais este se desloca (e eventualmente territorializa).

Como *critério de inclusão*, foram selecionados os textos que contemplavam o critério de busca descrito acima, ou seja, todos aqueles que discutiam a migração interna da América Latina, ainda que não atendessem um dos critérios, como os autores serem da Espanha ou Estados Unidos da América, por exemplo. Como *critério de exclusão*, foram eliminados da análise os textos que não atendiam os critérios de busca, sendo estes: Resenhas, 14; Eventos acadêmicos, 1; que discutiam a migração entre Estados

³² Muñoz Jumilla, Alma Rosa, *Efectos de la globalización en las migraciones internacionales. Papeles de Población [en línea] 2002, 8 (julio-septiembre)* : [Fecha de consulta: 6 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=11203301>> ISSN 1405-7425.

³³ DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

³⁴ LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

³⁵ HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. 2004. In: *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

³⁶ ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

³⁷ INGOLD, Tim. **Estar Vivo**. Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Unidos da América e Espanha, 1; analisavam migração para o continente europeu, 2; para a França, 1; Portugal, 1; Estados Unidos, 19; Espanha, 19; e da América Latina para outras regiões, 16.

Todas essas informações foram organizadas por meio de uma tabela em formato Excel, que foi alimentada em seu vértice horizontal com os seguintes dados: Título dos artigos, nomes dos autores, revistas, número e ano de publicação das revistas, motivo da exclusão (para registro das razões de exclusão), tema geral dos textos, tema categorizado, região geográfica da qual versam os textos, ano de publicação, instituição dos autores, país das instituições e país das revistas. Em seu vértice vertical, alimentamos com códigos numéricos crescentes iniciados em 1 até 164 (que compreendem todos os textos selecionados pela biblioteca da CLACSO), afim de facilitar nosso mapeamento dos textos. Os dados alimentados foram sistematizados por meio do programa estatístico SPSS. Dessa forma a tabela serviu integralmente para a construção desse artigo.

Por fim, conforme é possível verificar no gráfico 1, os 90 textos analisados foram separados em 8 (oito) categorias a partir da leitura de seus resumos e palavras-chave: *Deslocamento indígena*, 7; *Direitos humanos*, 7; *Economia*, 21; *Gênero*, 14; *Políticas*, 6; *Revisões sistemáticas*, 11; *Territorializações*, 18, e, *Outros*, 6 artigos.

2.1 apresentação dos dados centrais da análise bibliométrica

Nesta seção do texto apresentamos os dados gerais acerca da produção sobre a migração latino-americana. Demonstrem-se dados acerca das regiões geográficas onde se concentrou a produção de artigos, e também quais os temas mais abordados nesses territórios através da análise das categorias de análise por nós estabelecidas, e que serão abordadas na segunda parte deste texto. Do mesmo modo, realizamos um levantamento dos periódicos acessados pelos autores e grupos de pesquisa para divulgar suas produções; a região geográfica também foi um recurso de análise neste aspecto em vista da grande distribuição de artigos. Por fim, levantamos os dados das publicações por ano, a fim de conhecer os períodos de maior e menor produção e divulgação de conhecimentos sobre migrações na América Latina.

2.1.1 Região geográfica

Sobre a região geográfica onde mais houve produção na América Latina entre os anos de 1995 e 2015, podemos verificar que a América Central domina em vários aspectos essa relação entre deslocamentos e territórios. Separamos os artigos pelas regiões geográficas da América Latina as quais os artigos tratam. Como será possível verificar pela tabela 1 (abaixo), o maior volume de produção sobre migração trata da América Latina em geral, ou seja, sem uma região definida, com 24 artigos.

Quando a região é definida pelos autores o México aparece como país com maior produção com 17 textos. Argentina e Colômbia, ambos os países com 10 artigos, são um centro de interesse quando o tema é migração na América do Sul e Andina, seguido de Chile com 7, Bolívia com 4 e Brasil com 3 artigos e Peru com 1. Especificamente sobre a América Andina são 2 textos. Outros países da América central com região definida que foram interesse dos autores são Costa Rica e Guatemala com 4 textos cada, Cuba 2 e Porto Rico 1. Discutindo América Central como um todo, sem análise específica de um país ou região, temos 1 texto.

Tabela 1: Região geográfica que versam os artigos.

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
América Andina	2	2,2	2,2	2,2
América Central	1	1,1	1,1	3,3
Argentina	10	11,1	11,1	14,4
Bolívia	4	4,4	4,4	18,9
Brasil	3	3,3	3,3	22,2
Chile	7	7,8	7,8	30,0
Colômbia	10	11,1	11,1	41,1
Costa Rica	4	4,4	4,4	45,6
Cuba	2	2,2	2,2	47,8
Guatemala	4	4,4	4,4	52,2
Indefinida	24	26,7	26,7	78,9
México	17	18,9	18,9	97,8
Perú	1	1,1	1,1	98,9
Porto Rico	1	1,1	1,1	100,0
Total	90	100,0	100,0	

Fonte: Os autores.

Acerca das categorias que foram mais discutidas na produção de conhecimento sobre migração nestas regiões, as três que mais se destacam quantitativamente são *economia*, com 21 artigos, *territorializações* com 18 e *gênero* com 14. *Revisões sistemáticas* também foi um tema bastante discutido com 11 textos, seguido de *deslocamento indígena* e *direitos humanos* com 7 cada, *políticas* com 6 e *outros* também com 6, como se poderá verificar na tabela 2 (abaixo).

Tabela 2: distribuição dos artigos em categorias.

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual acumulado
Deslocamento Indígena	7	7,8	7,8	7,8
Direitos humanos	7	7,8	7,8	15,6
Economia	21	23,3	23,3	38,9
Gênero	14	15,6	15,6	54,4
Outros	6	6,7	6,7	61,1
Políticas	6	6,7	6,7	67,8
Revisões sistemáticas	11	12,2	12,2	80,0
Territorializações	18	20,0	20,0	100,0
Total	90	100,0	100,0	

Fonte: Os autores.

2.1.2 Periódicos das publicações

Distribuímos os periódicos de publicação para entender quais deles são os mais procurados para discutir migração e também qual o país de origem das revistas que publicaram os artigos aqui selecionados. Como se poderá acompanhar por meio dos dados da tabela 3 (abaixo), não existe uma grande concentração de artigos em uma única revista. Essa ampla distribuição dos artigos nos levou a agrupar as revistas por país. Desse modo percebemos que os 90 textos aqui analisados estão distribuídos em 65 revistas pela América latina. Destacamos o periódico mexicano *Papeles de Población* com 7 artigos, e também do México a revista *Estudios Demográficos y Urbanos* com 4 textos. No Chile aparece a revista *Polis* com 4 textos e, *Sí Somos Americanos* também chilena, com 3 artigos.

Tabela 3: Periódicos acessados para divulgação.

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Acta Universitária	1	1,1	1,1	1,1
Agricultura, Sociedad y Desarrollo	2	2,2	2,2	3,3
Aldea Mundo	1	1,1	1,1	4,4
Alteridades	1	1,1	1,1	5,6
Andamios	1	1,1	1,1	6,7
Andes	1	1,1	1,1	7,8
Ánfora	2	2,2	2,2	10,0
Anuário de Estudios Centroamericanos	1	1,1	1,1	11,1
Anuário Mexicano de Derecho Internacional	1	1,1	1,1	12,2
Athenea Digital	1	1,1	1,1	13,3
Centro Journal	1	1,1	1,1	14,4
Ciência Ergo Sum	1	1,1	1,1	15,6
Co-herencia	1	1,1	1,1	16,7
Comunicación y Sociedad	1	1,1	1,1	17,8
Convergência	2	2,2	2,2	20,0
Cuadernos de Literatura	1	1,1	1,1	21,1
Cuadernos Geograficos	1	1,1	1,1	22,2
Desarrollo y Sociedad	1	1,1	1,1	23,3
Dikaion	1	1,1	1,1	24,4
Economia, Sociedad y Territorio	2	2,2	2,2	26,7
Empiria	1	1,1	1,1	27,8
Espacialidades	1	1,1	1,1	28,9
Espacio Aberto	1	1,1	1,1	30,0
Estudios Demográficos y Urbanos	4	4,4	4,4	34,4
Estudios Políticos	2	2,2	2,2	36,7
Estudios Sociales	1	1,1	1,1	37,8
Global Media Journal	1	1,1	1,1	38,9
IUS - Revista del instituto de Ciências Jurídicas de Puebla A.C	1	1,1	1,1	40,0
Latino América	1	1,1	1,1	41,1
Liminar	1	1,1	1,1	42,2

Migración y Desarrollo	2	2,2	2,2	44,4
Migraciones Internacionales	2	2,2	2,2	46,7
Papeles de Población	7	7,8	7,8	54,4
Pasos	2	2,2	2,2	56,7
Península	1	1,1	1,1	57,8
Perfiles Latinoamericanos	1	1,1	1,1	58,9
Perspectivas	1	1,1	1,1	60,0
Población y Salud em Mesoamerica	1	1,1	1,1	61,1
Polis	4	4,4	4,4	65,6
Ra Ximhai	1	1,1	1,1	66,7
Reflexiones	1	1,1	1,1	67,8
Relaciones	2	2,2	2,2	70,0
REMHU	2	2,2	2,2	72,2
Revista Austral de Ciencias Sociales	1	1,1	1,1	73,3
Revista Bitácora Urbano Territorial	1	1,1	1,1	74,4
Revista de Antropología Social	1	1,1	1,1	75,6
Revista de Ciencias Sociales	1	1,1	1,1	76,7
Revista de Estudios Sociales	1	1,1	1,1	77,8
Revista de Relaciones internacionales, Estrategia y Seguridad	1	1,1	1,1	78,9
Revista Estudos Feministas	1	1,1	1,1	80,0
Revista Faculdade de Ciências Econômicas: Investigação y Reflexión	1	1,1	1,1	81,1
Revista Intercontinental de Psicología y Educación	1	1,1	1,1	82,2
Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana	1	1,1	1,1	83,3
Revista Peruana de Medicina Experimental y Salud Pública	1	1,1	1,1	84,4
Revista Universitaria de Geografía	1	1,1	1,1	85,6
Salud y Sociedad	1	1,1	1,1	86,7
Semestre Económico	1	1,1	1,1	87,8
Si Somos Americanos	3	3,3	3,3	91,1
SOCIOTAM	1	1,1	1,1	92,2
T'inkasos	2	2,2	2,2	94,4

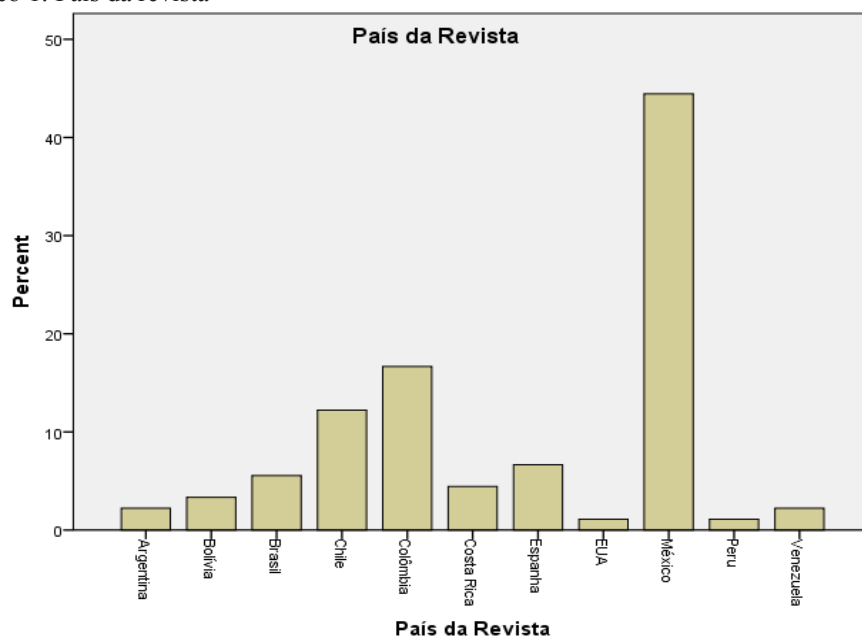
Textos e Contextos	1	1,1	1,1	95,6
Theologica Xaveriana	1	1,1	1,1	96,7
Última Década	1	1,1	1,1	97,8
Universitas Humanística	1	1,1	1,1	98,9
Universum	1	1,1	1,1	100,0
Total	90	100,0	100,0	

Fonte: Os autores.

Como já dissemos, em vista dessa ampla distribuição, nossa análise enriquece quando agrupamos estas revistas por país. Podemos aí verificar com mais clareza onde a produção está centralizada. Vale assinalar que não nos importa a proporcionalidade dos periódicos, nem dos grupos de pesquisa ou das instituições que cada país possui. Nossa análise considera de antemão que a incidência dos fatores migratórios, nesse caso, estimula a produção de conhecimentos que procurem trazer contornos à realidade social.

Assim, quando realizamos o levantamento de número de revistas por país, observamos que três países se destacam. Com maior número de revistas discutindo migrações na América latina temos novamente México com 25 revistas. A Colômbia aparece em segundo lugar em número de revistas com 13, seguida do Chile com 6 revistas.

Gráfico 1: País da revista



Fonte: Os autores.

Dessa forma podemos observar que o México, país com maior incidência de publicação sobre migração na América latina, possui 25 periódicos onde foram publicados 40 artigos. Isso demonstra a variedade não só temática ou de área de conhecimento, mas também de fatores que alimentam esses centros de interesse como a diversidade migratória que ocorre no sul do país em contraste com as tensões ocorridas no norte, ainda que existam relações entre elas. As dificuldades impostas pelo governo mexicano aos migrantes da América central, por exemplo, são distintas das dificuldades que sofrem os migrantes que tentam cruzar a fronteira com os Estados Unidos da América, considerando que este último influencie a ambas as fronteiras (SOLÍS & AGUIAR, 2007)³⁸.

2.1.3 Instituição dos autores

A intenção de analisar as instituições dos autores foi buscar apreender algum grande centro de produção de textos sobre migração na América Latina. Da mesma forma como as revistas publicadas, essa regularidade não acontece, ou seja, as instituições são muito variadas como se poderá verificar na tabela 4 (abaixo), o que do mesmo modo, nos leva a estabelecer a geração de dados a partir de uma análise geográfica, buscando identificar em qual país a produção é mais forte.

Tabela 4: Instituições dos autores 1.

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
CELADE - Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía	4	4,4	4,4	4,4
Centro Agronômico tropical y Enseñanza	1	1,1	1,1	5,6
Centro de Estudios de América Latina y Caribe	1	1,1	1,1	6,7
Centro de Innovación Aplicada em Tecnologías Competitivas	1	1,1	1,1	7,8

³⁸ Villafuerte Solís, Daniel, García Aguilar, María del Carmen, *La doble mirada de la migración en la frontera sur de México: asunto de seguridad nacional y palanca del desarrollo*. *LiminaR. Estudios Sociales y Humanísticos [en línea]* 2007, V (Julio-Diciembre) : [Fecha de consulta: 6 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74511236003>> ISSN 1665-8027.

Centro Universitario	1	1,1	1,1	8,9
EuroAmericano				
CLACSO	1	1,1	1,1	10,0
Colegio de Postgraduados	1	1,1	1,1	11,1
El Colegio de la Frontera Norte	1	1,1	1,1	12,2
El Colegio de la Frontera Sur	3	3,3	3,3	15,6
El Colegio de Veracruz	1	1,1	1,1	16,7
Facultad de Derecho de la				
Universidad Oriente	1	1,1	1,1	17,8
FLACSO	3	3,3	3,3	21,1
Pontificia Universidad				
Javeriana	4	4,4	4,4	25,6
PRUGAM - Proyecto				
Planificación regional y urbana	1	1,1	1,1	26,7
em la grand área metropolitana				
Universidad Alberto Hurtado	3	3,3	3,3	30,0
Universidad Autónoma de Baja				
California	1	1,1	1,1	31,1
Universidad Autónoma de la				
Ciudad de México	1	1,1	1,1	32,2
Universidad Autónoma de				
Madrid	1	1,1	1,1	33,3
Universidad Autónoma de				
México	2	2,2	2,2	35,6
Universidad Autónoma de				
Nayarit	1	1,1	1,1	36,7
Universidad Autónoma de				
Nuevo León	1	1,1	1,1	37,8
Universidad Autónoma de				
Tlaxcala	1	1,1	1,1	38,9
Universidad Autónoma de				
Yucatán	1	1,1	1,1	40,0
Universidad Autónoma de				
Zacatecas	1	1,1	1,1	41,1
Universidad Autónoma del				
Estado de Hidalgo	1	1,1	1,1	42,2
Universidad Autónoma del				
Estado de México	3	3,3	3,3	45,6
Universidad Autónoma Gabriel				
René Moreno	1	1,1	1,1	46,7

Universidad Central de Chile	1	1,1	1,1	47,8
Universidad Complutense de Madrid	1	1,1	1,1	48,9
Universidad de Alicante	1	1,1	1,1	50,0
Universidad de Antioquia	2	2,2	2,2	52,2
Universidad de Buenos Aires	4	4,4	4,4	56,7
Universidad de Caen	1	1,1	1,1	57,8
Universidad de Caldas	1	1,1	1,1	58,9
Universidad de Ciencias y Arte de Chiapas	1	1,1	1,1	60,0
Universidad de Concepción	2	2,2	2,2	62,2
Universidad de Costa Rica	2	2,2	2,2	64,4
Universidad de Granada	3	3,3	3,3	67,8
Universidad de Guadalajara	1	1,1	1,1	68,9
Universidad de la Cordillera	1	1,1	1,1	70,0
Universidad de la Frontera	1	1,1	1,1	71,1
Universidad de la Habana	1	1,1	1,1	72,2
Universidad de los Andes	1	1,1	1,1	73,3
Universidad de los Lagos	1	1,1	1,1	74,4
Universidad de Puerto Rico	1	1,1	1,1	75,6
Universidad de Salamanca	1	1,1	1,1	76,7
Universidad de Santiago	2	2,2	2,2	78,9
Universidad del Rosario	1	1,1	1,1	80,0
Universidad Militar Nueva Granada	2	2,2	2,2	82,2
Universidad Nacional Autónoma de México	5	5,6	5,6	87,8
Universidad Nacional de Córdoba	2	2,2	2,2	90,0
Universidad Nacional de Salta	1	1,1	1,1	91,1
Universidad Nacional del Comahue	1	1,1	1,1	92,2
Universidad Nacional del Sur	1	1,1	1,1	93,3
Universidad Peruana Cayetano Heredia	1	1,1	1,1	94,4
Universidad Radboud	1	1,1	1,1	95,6
Universidad Rovira i Virgili	1	1,1	1,1	96,7
Universidade Federal de Minas Gerais	1	1,1	1,1	97,8

Universidade Vale do Rio dos Sinos	1	1,1	1,1	98,9
Université de Marseille	1	1,1	1,1	100,0
Total	90	100,0	100,0	

Fonte: Os autores.

Por julgarmos que o excesso de informações pode não contribuir e também por questão de espaço, estes dados são apenas dos autores principais, muito embora em nosso levantamento todos os coautores tenham sido considerados. Constata-se que os autores principais provêm de 60 instituições diferentes, o que indica uma pluralidade de ideias no campo o que resulta em não ilustrar a produção territorial. Nesse sentido, quando agrupamos as instituições por país, podemos verificar que a maior parte dos autores de nossa amostra provêm de instituições de ensino superior mexicanas, responsáveis por 30% do total de publicações. Chile aparece com 15,6% do total, seguido de Argentina e Colômbia correspondendo a 12,2% das instituições dos autores.

Tabela 5: País das instituições dos autores 1.

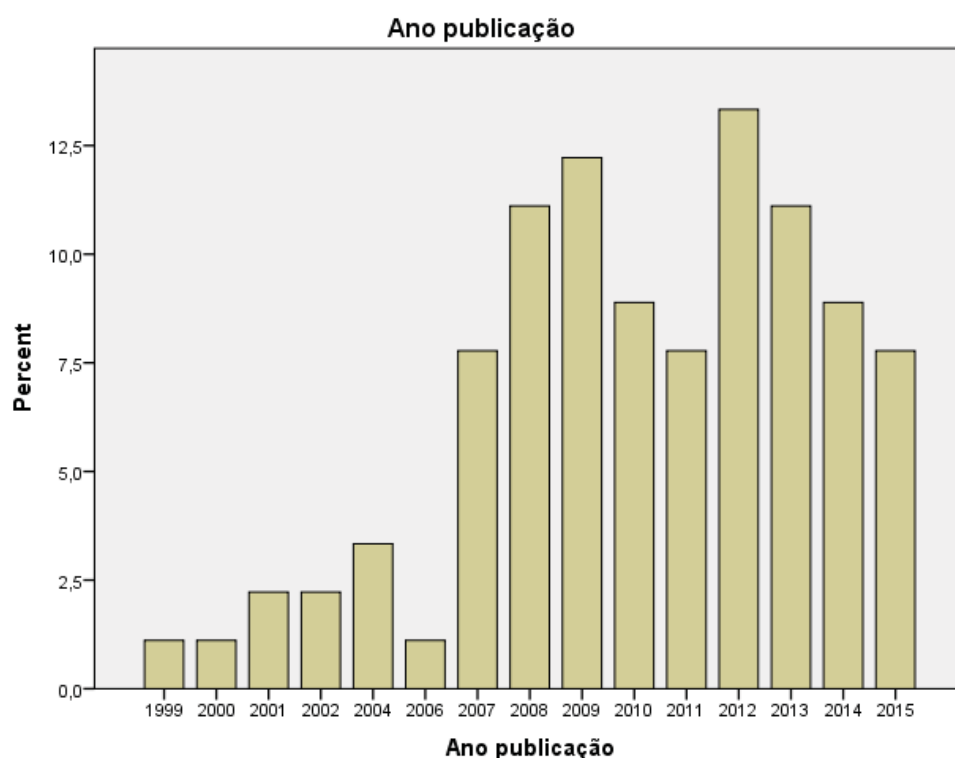
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Argentina	11	12,2	12,2	12,2
Bolívia	3	3,3	3,3	15,6
Brasil	3	3,3	3,3	18,9
Canadá	1	1,1	1,1	20,0
Chile	14	15,6	15,6	35,6
Colômbia	11	12,2	12,2	47,8
Costa Rica	4	4,4	4,4	52,2
Cuba	2	2,2	2,2	54,4
Espanha	8	8,9	8,9	63,3
França	2	2,2	2,2	65,6
Guatemala	1	1,1	1,1	66,7
Holanda	1	1,1	1,1	67,8
México	27	30,0	30,0	97,8
Perú	1	1,1	1,1	98,9
Porto Rico	1	1,1	1,1	100,0
Total	90	100,0	100,0	

Fonte: Os autores.

2.1.4 Ano de publicação

Como demonstramos abaixo, no gráfico 2, os deslocamentos humanos publicados em periódicos latinos obtiveram um aumento considerável de publicação a partir de meados dos anos 2000, e tem íntima relação com os eventos devastadores gerados pela globalização capitalista e suas consequências (MUNÕZ JUMILLA, 2002)³⁹, como poderá ser observado a partir dos dados gerados na categoria *Economia*, por exemplo. Os anos que faltam no gráfico são períodos em que não houve produção.

Gráfico 3: Ano de publicação dos artigos.



Fonte: Os autores.

Acordando que a ideia desse trabalho parte originalmente do interesse pela migração haitiana para a América do sul desde o grande terremoto em 2010, chama atenção o fato de não encontrarmos nenhuma publicação relacionada ao Haiti neste levantamento. Mas também nesse caso temos de considerar ao menos dois fatores principais; a) primeiro que esta questão relativa a data da diáspora haitiana – 2010 – e a

³⁹ Muñoz Jumilla, Alma Rosa, *Efectos de la globalización en las migraciones internacionales. Papeles de Población [en línea]* 2002, 8 (julio-septiembre) : [Fecha de consulta: 6 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=11203301>> ISSN 1405-7425.

data em que limitamos o período de fim de nossa seleção de artigos – 2015 – pode ser um fator relevante; b) outro fator para essa ausência de produção sobre a diáspora haitiana é mais “geográfica” já que depende da base de dados pesquisada – lembramos que utilizamos como fonte a biblioteca da CLACSO.

Rapidamente podemos exemplificar as duas hipóteses acima a partir de uma busca na base de dados SCIELO⁴⁰. A busca sobre migração haitiana para o Brasil gerou 6 artigos, sendo 1 publicado em 2014, que trata das interfaces migratórias entre os caribenhos e sul americanos⁴¹, 1 em 2015 que trata das ameaças da migração africana para a Espanha e haitiana para o Brasil⁴², e 4 artigos em 2017; o primeiro realiza uma análise da geodinâmica da migração haitiana e problematiza se essa diáspora é econômica ou de refúgio⁴³; o segundo também trata da questão de refúgio mas aqui analisa as dinâmicas do visto humanitário⁴⁴, o seguinte realiza uma análise da migração haitiana para o Brasil desde a perspectiva econômica e, por fim, uma análise de trabalho e saúde dos haitianos residentes no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil⁴⁵.

⁴⁰ Realizamos a busca em 06/01/2018, através das palavras: ‘migração haitiana para o Brasil’.

⁴¹ GRANGER, Stéphane. *L'AMAZONIE BRÉSILIENNE, NOUVELLE INTERFACE MIGRATOIRE ENTRE LES CARAÏBES ET L'AMÉRIQUE DU SUD ?*. Mercator (Fortaleza), Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 7-17, Apr. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-22012014000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.4215/RM2014.1301.0001>.

⁴² OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e haitiana no Brasil. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 23, n. 44, p. 135-155, June 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852015000100135&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880004409>.

⁴³ AUDEBERT, Cedric. The recent geodynamics of Haitian migration in the Americas: refugees or economic migrants?. Rev. bras. estud. popul., São Paulo, v. 34, n. 1, p. 55-71, Apr. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000100055&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.20947/s0102-3098a0007>.

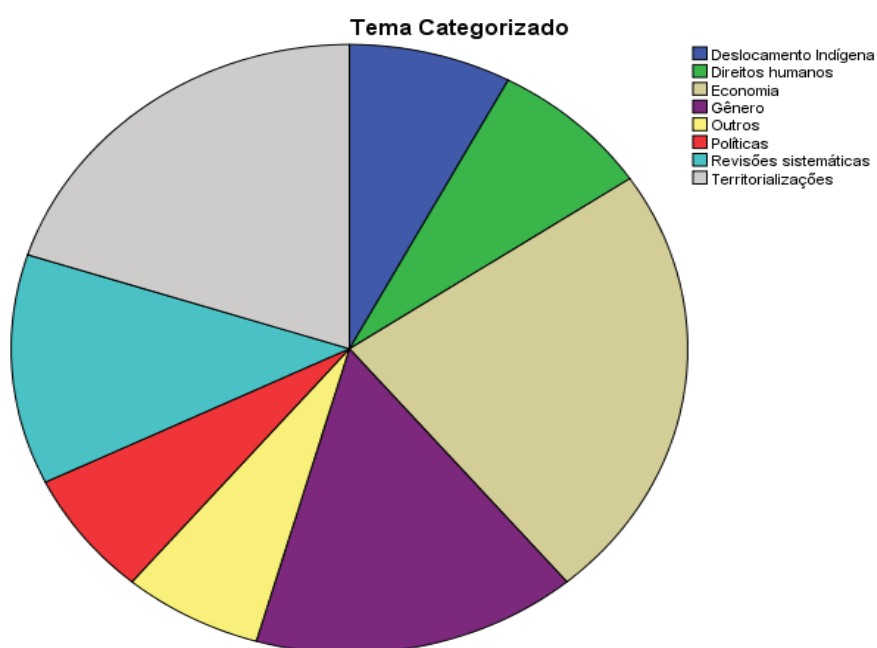
⁴⁴ FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virgínia de. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. Rev. bras. estud. popul., São Paulo, v. 34, n. 1, p. 145-161, Apr. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000100145&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.20947/s0102-3098a0012>.

⁴⁵ LEO, Luís Henrique da Costa et al. Migração internacional, saúde e trabalho: uma análise sobre os haitianos em Mato Grosso, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, e00181816, 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2017000706001&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Jan. 2018. Epub July 27, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00181816>.

2.2 Apresentação e descrição das categoriais de análise

Nunca é simples o processo de seleção, distribuição e decisão do que forma uma unidade que se converte em categoria. As categorias tentam assim representar uma objetividade científica, uma certa estabilidade que no fim do detalhe muitas vezes lhes escapa; não obstante, nos servem de orientação como recurso analítico e, nesse sentido, seu processo de construção para a análise que se realiza aqui foi sempre dinâmico. Essa dinâmica em busca de estabilidade também se mostra nas diferenças dos processos de cada categoria, quando na sua composição algumas se mostraram mais definitivas que outras, as quais exigiram um trabalho de ajuste constante até sua cristalização na maneira como se apresenta neste texto. Assim buscamos criar uma *regra de conexão* (arbitrária) entre os textos e as categorias, que é a estreita relação do tema do artigo com a categoria.

Gráfico 1: Categorias de análise dos artigos selecionados



Fonte: Os autores

Isso posto, a intenção é conciliar essa regra com a força e importância dos estudos bibliométricos conforme as formulações contidas na obra ‘Bibliometria: teoria e prática’ publicada em 1993⁴⁶. Com esse objetivo vamos nos dedicar a apresentar então

⁴⁶ FONSECA, Edson Nery da. **Bibliometria**: teoria e prática. São Paulo: Cultrix, 1993.

nessa sequência as categorias: *Deslocamento indígena, Direitos Humanos, Economia, Gênero, Outros, Políticas, Revisões sistemáticas e Territorializações*, conforme se pode conferir na tabela 1 (acima).

Dessa forma, a elaboração da categoria de ***Deslocamento indígena*** teve um processo lógico e estável de composição. Seguindo estritamente a relação do tema com a categoria, os textos que estão aí alocados são os que tratam das migrações indígenas ainda que esses mesmos textos contenham em seu corpo uma discussão econômica, política ou de gênero, por exemplo, conforme explicamos acima. De modo que os textos que compõem essa categoria tratam sobre temas bastante diversos como as particularidades da migração da etnia Kichwas-otavalo na Colômbia⁴⁷; também um texto que versa sobre a migração indígena para trabalho no México⁴⁸, que ilustra um pouco dos efeitos da globalização em algumas culturas-naturezas⁴⁹; ou ainda a reconfiguração da estrutura social dos Odham, etnia indígena do norte do México e sul dos Estados Unidos da América, em vista da migração masculina⁵⁰.

Já a categoria ***Direitos humanos*** foi composta na busca por assinalar os textos que versam sobre segurança e violência dos migrantes ou contra esses, seja por instituições – no caso de poder de polícia, por exemplo –, ou por motivação individual como preconceito étnico ou mesmo por competição no mercado de trabalho. Os textos que integram essa categoria discutem sobre segurança na migração entre os países⁵¹,

⁴⁷ Ordóñez, Juan Thomas, Colmenares, Fabio Andrés, Gincel, Anne, Bernal, Diana Rocío, *Migraciones de los Kichwas-Otavalo en Bogotá*. *Revista de Estudios Sociales [en línea]* 2014, (Enero-Abril) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://qwww.redalyc.org/articulo.oa?id=81530018004>> ISSN 0123-885X.

⁴⁸ Juárez-Sánchez, José P., *MIGRACIÓN INDÍGENA HACIA ESPACIOS AGRÍCOLAS MARGINADOS DE MÉXICO. UN CASO PARA CONTAR*. *Agricultura, Sociedad y Desarrollo [en línea]* 2015, 12 (Enero-Marzo) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://qwww.redalyc.org/articulo.oa?id=360538155005>> ISSN 1870-5472.

⁴⁹ Expressão utilizada para escapar da perspectiva dualista que concebe em separado natureza e cultura. Ver Latour (1994) e Escobar (2014).

⁵⁰ Castillo, Guillermo, *Migración étnica y cambio social entre los Odham del noroeste de Sonora. Andamios*. *Revista de Investigación Social [en línea]* 2012, 9 (Enero-Abril) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://qwww.redalyc.org/articulo.oa?id=62823326015>> ISSN 1870-0063.

⁵¹ Arriola Vega, Luis Alfredo, *SEGURIDAD Y MIGRACIÓN EN EL ESPACIO FRONTERIZO TABASCO-EL PETÉN*. *Migración y Desarrollo [en línea]* 2009, (Sin mes) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66012897002>> ISSN 1870-7599.

violência nos deslocamentos humanos⁵², e, migração interna forçada (*desplazamiento*) na Colômbia⁵³.

Já a categoria ***Economia*** foi composta com textos que abordassem a questão econômica de modo claro. Por exemplo, a migração masculina para o trabalho indígena poderia estar dentro desta categoria, ou mesmo, a migração feminina para trabalho, que aqui pertence a categoria *Gênero* (a ser apresentada posteriormente). Mas existe aí um fator claro que liga essas temáticas respectivamente às categorias de *Deslocamento indígena* e de *Gênero*. Assim, em busca de uma construção que buscou o máximo da objetividade seguindo o rigor metodológico de Carlomagno e Rocha (2016)⁵⁴ e Fonseca (1993), procuramos manter no momento de construção das categorias essa regra de relação clara e objetiva⁵⁵. Assim, os textos discutem, por exemplo, o aumento da migração na América Latina em razão da globalização econômica⁵⁶, ou a chamada migração de cérebros, ou seja, pessoas de um alto nível de formação e seus efeitos na economia dos países de origem e destino⁵⁷, ou ainda versando sobre envio de dinheiro de migrantes a seus países de origem⁵⁸.

⁵² Martínez Pérez, Odette, *EL CONSTITUCIONALISMO LATINOAMERICANO ANTE EL RETO DE LAS MIGRACIONES EN EL SIGLO XXI*. IUS. Revista del Instituto de Ciencias Jurídicas de Puebla A.C. [en línea] 2010, (Sin mes) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293222977007>> ISSN 1870-2147.

⁵³ Egea Jiménez, Carmen, Soledad Suescún, Javier Iván, *Migraciones y conflictos. El desplazamiento interno en Colombia*. Convergencia. Revista de Ciencias Sociales [en línea] 2008, 15 (Mayo-Agosto) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10504708>> ISSN 1405-1435.

⁵⁴ CARLOMAGNO, Márcio; ROCHA, L. C. . Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. Revista Eletrônica de Ciência Política - recp, v. 7, p. 173-188, 2016.

⁵⁵ Ao estabelecer critérios como clareza e rigor buscando uma objetividade científica, de modo algum estamos nos filiando a escola positivista. Se empregamos esses termos é para demonstrar o esforço realizado no momento de confecção do texto e tratamento dos dados. Entretanto, não vamos entrar na discussão de modelos de produção de conhecimento por fugir aos propósitos desse artigo.

⁵⁶ Muñoz Jumilla, Alma Rosa, *Efectos de la globalización en las migraciones internacionales*. Papeles de Población [en línea] 2002, 8 (julio-septiembre) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=11203301>> ISSN 1405-7425.

⁵⁷ Carballo Huerta, Azucena, *La migración como factor determinante en el desarrollo tecnológico*. Revista Intercontinental de Psicología y Educación [en línea] 2007, 9 (enero-junio) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://2fwww.redalyc.org/articulo.oa?id=80290107>> ISSN 0187-7690.

⁵⁸ Neira Orjuela, Fernando, *MIGRACIÓN, REMESAS E INDICADORES ECONÓMICOS EN LA COMUNIDAD ANDINA*. Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos [en línea] 2009, (Sin mes) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://2fwww.redalyc.org/articulo.oa?id=64012283004>> ISSN 1665-8574.

A categoria **Gênero** foi mais pacífica com relação a sua formulação. Os textos aí relacionados dizem respeito ao papel feminino nos deslocamentos humanos. Então os artigos pertencentes a esta categoria estão versando sobre a migração feminina e busca de melhores condições de vida⁵⁹, ou a migração feminina em busca de matrimônio no país de destino⁶⁰, ou ainda as dinâmicas psicossociais da migração internacional e a exploração sexual comercial⁶¹.

A categoria **Outros**, como o próprio nome sugere, é mais diversa e foi criada para dar conta dos artigos que não constituíam uma unidade com os demais. Aqui a temática é bastante diversa e conforme demonstrado na tabela 1 (acima), 6 textos integram a categoria como: 1) a relação entre migração e ecoturismo⁶²; 2) análise dos deslocamentos humanos a partir da obra *‘La nave de los locos’*⁶³; 3) migração em decorrência de fatores climáticos⁶⁴; 4) a transição escola-trabalho para os filhos de migrantes⁶⁵; 5) doenças advindas do fluxo migratório rural-urbano⁶⁶; e, 6) memórias da história argentina através de análises de filmes⁶⁷.

⁵⁹ Angeles Cruz, Hugo, Rojas Wiesner, Martha Luz, *Migración femenina internacional en la frontera sur de México*. *Papeles de Población [en línea]* 2000, 6 (enero-marzo) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=11202306>> ISSN 1405-7425.

⁶⁰ ROCA GIRONA, JORDI, "Quien lejos se va a casar..." *Migraciones (re)negadas. Alteridades [en línea]* 2009, 19 (Enero-Junio) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://revele.com.veywww.redalyc.org/articulo.oa?id=74714813010>> ISSN 0188-7017.

⁶¹ Rodríguez P., Gabriela, Flores V., Gabriel, *MIGRACIONES INTERNACIONALES Y EXPLOTACIÓN SEXUAL COMERCIAL*. REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana [en línea] 2007, 15 [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://revele.com.veywww.redalyc.org/articulo.oa?id=407042006009>> ISSN 1980-8585.

⁶² Piñar Álvarez, Ángeles, Nava Tablada, Martha Elena, Viñas Oliva, Diana Karina, *Migración y ecoturismo en la Reserva de la Biosfera de Los Tuxtlas (México)*. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural [en línea] 2011, 9 (Abril-Sin mes) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88117284013>> ISSN 1695-7121.

⁶³ Cid Hidalgo, Juan D., *Exilio y migración en La nave de los locos de Cristina Peri Rossi*. *Un viaje por los espacios otros. Co-herencia [en línea]* 2012, 9 (Julio-Diciembre) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77425374003>> ISSN 1794-5887.

⁶⁴ Lozano Sivilsaca, Deicy Carolina, Chacón-Cascante, Adriana, Gutiérrez Montes, Isabel, Robalino H., Juan, *Eventos climáticos extremos y migración interna en Guatemala, un análisis basado en percepciones de expertos*. *Ciencia Ergo Sum [en línea]* 2015, 22 (Marzo-Junio) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10434128005>> ISSN 1405-0269.

⁶⁵ Hein, Kerstin, *MIGRACIÓN Y TRANSICIÓN: HIJOS DE INMIGRANTES DE ORIGEN LATINOAMERICANO EN SU TRANSICIÓN DE LA ESCUELA AL TRABAJO EN CHILE*. *Si Somos Americanos, Revista de Estudios Transfronterizos [en línea]* 2012, 12 (Enero-Junio) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337929287005>> ISSN 0718-2910.

O processo de formulação da categoria *Políticas* foi o mais complexo dada a extensão das definições que envolvem o conceito. Em uma primeira formulação essa categoria foi constituída distinguindo política interna de migração e políticas entre países. Depois observamos que essa separação escapava do propósito metodológico o qual nos havíamos imposto quando da criação das categorias, então unificamos com o nome de Políticas públicas. Mas também nos pareceu que políticas públicas não contemplava todos os artigos de igual forma já que este conceito pertence a uma categoria interna de estado para dar conta das disputas de poder de grupos sociais pertencentes num mesmo espaço social (SOUZA, 2006)⁶⁸.

Decidimos finalmente pelo termo *Políticas* incluindo aí todos os artigos que tinham relação evidente com legislação e normativas para os deslocamentos. Assim, localizamos textos que abordam a gestão migratória e cooperação entre países da America Andina⁶⁹, ou ainda, que analisam os desafios de governabilidade de caráter multilateral acerca das migrações⁷⁰. De caráter decisório interno foi possível localizar uma reflexão que aborda as leis mexicanas para migração⁷¹, e também um texto que contempla as intervenções estatais frente a diversidade cultural e os efeitos para os filhos de migrantes⁷².

⁶⁶ Miranda, J. Jaime, Wells, Jonathan C. K., Smeeth, Liam, TRANSICIONES EN CONTEXTO: HALLAZGOS VINCULADOS A MIGRACIÓN RURAL-URBANA Y ENFERMEDADES NO TRANSMISIBLES EN PERÚ. *Revista Peruana de Medicina Experimental y Salud Pública [en línea]* 2012, 29 (Julio-Septiembre) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36325041021>> ISSN 1726-4642.

⁶⁷ Mira Delli-Zotti, Guillermo, Esteban, Fernando Osvaldo, *Migraciones y exilios: memorias de la historia argentina reciente a través del cine*. *Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social [en línea]* 2008, (otoño-Sin mes) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=53701405>> ISSN 1578-8946.

⁶⁸ SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 16, p. 20-45, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222006000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222006000200003>.

⁶⁹ Ripoll, Alejandra, Lara, Ana María, LAS MIGRACIONES INTRACOMUNITARIAS EN LA REGIÓN ANDINA. *Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad [en línea]* 2008, 3 (Julio-Diciembre) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=92712967005>> ISSN 1909-3063.

⁷⁰ Martínez, Jorge, *Reflexiones sobre la gobernabilidad de la migración internacional en América Latina.. Migraciones Internacionales [en línea]* 2001, I (julio-diciembre) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15100105>> ISSN 1665-8906.

⁷¹ Morales Vega, Luisa Gabriela, *Categorías migratorias en México. Análisis a la Ley de Migración. Anuario Mexicano de Derecho Internacional [en línea]* 2012, XII [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=402740627025>> ISSN 1870-4654.

Revisões sistemáticas foi a categoria construída para acolher textos que, como este que se lê, analisam ou apresentam estatisticamente outras produções sobre o processo migratório. Dentro desta categoria estão alocados textos bibliométricos ou revisões gerais de cunho epistemológico. Temos por exemplo artigos que tratam de perspectivas e dinâmicas migratórias de um país específico⁷³, ou, mais gerais, como os efeitos das migrações nos países de origem e destino⁷⁴. Também textos que fazem um balanço geral da construção histórica dos enfoques e modelos teóricos usados na compreensão da migração latino-americana⁷⁵.

Por fim, chegamos à categoria chamada **Territorializações**. Essa categoria foi construída a partir das reflexões sobre a relação que estabelece aquele que migra com os territórios de origem, trânsito e destino. Como já mencionamos, essa categoria é o ponto de centro de nossa discussão. Estamos tomando como definição de territorialização o movimento donde emerge não só a transformação física mas também a ação de se incorporar ao território de passagem ou chegada de acordo a geofilosofia proposta por Deleuze e Guattari (1992)⁷⁶.

Estamos acompanhando o processo de transformação identitária que nos ensinam Hall (2006)⁷⁷ e Giddens (2002)⁷⁸, mas aqui partimos de um pano de fundo diferente, no qual o território se faz presença indispensável na análise, como já mencionamos. Assim os textos que integram essa categoria abordam questões como as

⁷² Duque-Páramo, María Claudia, *Antropología aplicada en Colombia. Perspectivas e intencionalidades a partir de una experiencia en niñez y migraciones*. *Universitas Humanística [en línea]* 2010, (Julio-Diciembre) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79119344010>> ISSN 0120-4807.

⁷³ Aja Díaz, Antonio, *La migración desde Cuba*. *Aldea Mundo [en línea]* 2007, 11 (noviembre-abril) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=54302202>> ISSN 1316-6727.

⁷⁴ Rodríguez Vignoli, Jorge, *Migración interna y ciudades de América Latina: efectos sobre la composición de la población*. *Estudios Demográficos y Urbanos [en línea]* 2012, 27 (Mayo-Agosto) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31226408003>> ISSN 0186-7210.

⁷⁵ Luque Brazán, José Carlos, *Para comprender las migraciones internacionales en América (1990 – 2011): apuntes epistémicos, teóricos y empíricos*. *Ánfora [en línea]* 2011, 18 (Julio-Diciembre) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357834264007>> ISSN 0121-6538.

⁷⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

⁷⁷ HALL, STUART. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro (RJ): DP&A, 2006.

⁷⁸ GIDDENS, A. Modernidade e identidade. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

transformações do território e as novas territorialidades geradas pela migração nas principais cidades da Colômbia⁷⁹, por exemplo. Também uma análise das relações entre migração e geografia e as transformações das relações sociais com o espaço⁸⁰. Ou ainda, uma reflexão de cunho epistemológico de como sucedeu a construção da diáspora porto-riquenha⁸¹.

Nosso recorte temporal para seleção dos artigos analisados, como foi dito, percorreu o período de vinte anos de produção sobre migração e território na América Latina que, a grosso modo, podemos dizer que com a globalização capitalista, o deslocamento de pessoas ganha contornos mais amplos em relação a migração por escassez territorial, como infertilidade do solo ou aumento da população, por exemplo. Com globalização capitalista queremos nos remeter àquilo que Viveiros de Castro quando prefacia o livro *A Queda do Céu* (KOPENAWA & ALBERT, 2015)⁸² chama de liquidificador modernizante do ocidente que, apesar de ser um pano de fundo que orienta as decisões políticas e econômicas, não tem aplicação em todo ocidente, a exemplo de algumas regiões dos países do Sul global (ESCOBAR, 2010; 2014; SANTOS, 2010).

Entretanto, ainda que os deslocamentos não decorram de um único fator, as virtudes e imposições de avassaladoras desigualdades e desterritorializações, resultam em um grande aumento de deslocamento não só humano pela América Latina, mas também de objetos e mercadorias, que trazem sentido a ação humana e sem as quais nossas ações seriam parciais ou ainda impossíveis (LATOUR, 1994).

⁷⁹ Osorio-Campillo, Henry, Maya-Sierra, Tania, Rojas-Sánchez, Edilsa, *Territorios y migraciones. Territorialidades en transformación*. Revista Bitácora Urbano Territorial [en línea] 2015, 25 (Enero-Junio) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74841604013>> ISSN 0124-7913.

⁸⁰ GARCÍA CASTAÑO, F. Javier, ÁLVAREZ VEINGUER, Aurora, RUBIO GÓMEZ, María, *Prismas trasescalares en el estudio de las migraciones*. Revista de Antropología Social [en línea] 2011, 20 (Sin mes) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=83821273008>> ISSN 1131-558X.

⁸¹ Ortiz Márquez, Maribel, *Somos un solo pueblo y la construcción de la migración en el Banco Popular*. Centro Journal [en línea] 2004, XVI (spring) : [Fecha de consulta: 5 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37716108>> ISSN 1538-6279.

Considerações finais

O movimento de produção de um artigo bibliométrico tem como um de seus objetivos principais a sistematização de dados para produções posteriores, mais refinadas ou localizadas. Mas desde a origem esse modelo de compilação e divulgação de informações tem sofrido críticas e acusações de superficialidade já que o cruzamento de vários dados por vezes não permite ou não produz uma análise necessariamente robusta ou precisa. Essas críticas geraram um recrudescimento desse modelo de produção de tal modo que as reflexões aí localizadas foram pouco a pouco ganhando contornos de uma ciência objetiva, matemática e rigorosa. O que gerou, por outro lado, reprovações quando as reflexões bibliométricas flertam com análises em vez de somente informar dados (GÓMEZ-MORALES, 2015)⁸³.

Não havendo salvação, nesse texto buscamos não só informar os dados gerais e quantitativos da produção de conhecimento sobre migrações na América Latina mas, sobretudo, assinalar ora mais ora menos, nossas preocupações com as territorialidades, que é nosso interesse maior pensando não só o território latino-americano mas a compreensão dos territórios por quem se desloca. É claro que esse último interesse não pode ser respondido através dos resultados que encontramos neste trabalho, mas nos serve como ponto de partida para esta reflexão.

Neste artigo foi possível observar que a respeito da região sobre as quais mais são produzidos artigos sobre migração na América Latina, a região da América Central é uma grande área de interesse dos autores que refletem sobre deslocamentos humanos e fronteiras. Nesse sentido, quando isolamos por país, o México produz maior quantidade de publicações em razão das tensões e dinâmicas de suas fronteiras sul e norte. Acerca dos temas que são debatidos nesta região constata-se que as implicações do capitalismo globalizado representam a maior parte dos textos. Mas também as transformações sociais e ambientais, representadas em territorializações, formam um corpo de análise interessante quantitativamente, bem como as discussões sobre os impactos dos deslocamentos nas relações de gênero.

⁸³ GÓMEZ-MORALES, Yuri Jack. *Usos y abusos de la bibliometría. Revista Colombiana de Antropología*. Vol.51. n°1. Enero-junio, 2015. 291-307.

Com relação aos periódicos onde estão divulgadas as publicações, não notamos uma grande concentração de textos em periódicos específicos envolvendo a temática. Entretanto, quando realizamos a observação reunindo os periódicos por país, nota-se que mais uma vez o México, através da demanda de artigos, lidera em número de revistas, seguido de Colômbia e Chile. O mesmo acontece com as instituições dos autores que provêm em maior número de instituições mexicanas, seguido dos chilenos, argentinos e colombianos. Acreditamos que a razão para esses dois fatores está nos centros e grupos de pesquisa sobre migração.

Do período temporal analisado neste artigo, constata-se que existe uma baixa produção de textos sobre deslocamentos na América Latina entre os anos 1995 à 2005, e depois desse período até a data final de análise em 2015, ocorre uma grande concentração de textos. Consideramos, acompanhando alguns autores aqui analisados que os efeitos do capitalismo globalizado são responsáveis por esse aumento de desterritorializações – ainda que as razões sejam múltiplas e muitas vezes históricas⁸⁴.

Quem acompanhou a construção metodológica e analítica deste trabalho percebeu que os 90 artigos analisados foram distribuídos em categoriais para organizar um caminho de compreensão sobre eles. Dentre as oito categorias estabelecidas - *Deslocamento indígena*, *Direitos humanos*, *Economia*, *Gênero*, *Políticas*, *Revisões sistemáticas*, *Territorializações* e, *Outros*, as que mais obtiveram produções associadas foram: Economia, com 21 artigos tratando sobre, Territorializações com 18 artigos, e Gênero com 14 artigos.

Como dissemos nas linhas anteriores, as causas dos deslocamentos são múltiplas e nosso intento foi analisar esses textos a partir de uma discussão muito regional, muito territorial latino-americana. É claro que, como se poderá acompanhar por meio da leitura dos artigos, ou mesmo por textos que realizem mapeamentos de autores citados⁸⁵, a aderência das reflexões e conceitos de autores europeus é muito presente na América Latina, ainda que em nosso entendimento isso não aponte necessariamente para um colonialismo estrito; existem dados, noções e ideias que não podem ser descartadas porque formuladas em um território dado. Mas essa é outra discussão.

⁸⁴ Nesse sentido, consultar: GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015. E, DONGHI, Túlio Halperin. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

⁸⁵ VANHULST, Julien; HEVIA, Antonio Elizalde. Los senderos bifurcados del desarrollo sostenible: un análisis del discurso académico en América Latina. In: FLORIANI, Dimas; HEVIA, Antonio Elizalde. **América Latina Sociedade e Meio Ambiente: teorias, retóricas e conflitos em desenvolvimento**. Curitiba (PR): Ed. UFPR, 2016.

O que fica presente é justamente essa noção de que as discussões estão apontando para razões que escapam a um território específico, mas que resulta de implicações globais, generalizantes e impostas verticalmente. É o caso de fatores econômicos, de crises geradas pelo capitalismo globalizado, de consequentes desterritorializações e reterritorializações. Noções estruturais como de gênero por exemplo também começam a chamar a atenção e se tornam um fator de análise presente nas discussões em toda a América Latina, e lançar luz sobre essas transformações sociais hierárquicas é sempre fundamental.

III

*Furia na noite o vento
Num grande som de alongar.
Não há no meu pensamento
Senão não poder parar.*

*Parece que a alma tem
Treva onde sopra a crescer
Uma loucura que vem
De querer compreender.*

*Raiva nas trevas o vento
Sem se poder libertar.
Estou preso ao meu pensamento
Como o vento preso ao ar.*

Fernando Pessoa – Furia na noite o vento

3 LA PERLA DEL SOCONUSCO E SUAS REDES DE INTERAÇÕES TERRITORIAIS: mobilidade e permanência na fronteira

RESUMO

É lugar comum que as dinâmicas das fronteiras são múltiplas. Múltiplas entre si e múltiplas no específico de suas fronteiricidades, ou seja, nas diferentes perspectivas das interações que ocorrem em seus territórios. Este artigo aborda na perspectiva territorial os processos de interação da mais importante fronteira do sul do México, a cidade de Tapachula, onde realizamos uma etnografia durante um período de sete meses. O objetivo aí foi de compreender a fronteira, buscando analisar neste estudo as relações de trânsito e de permanência, desde quatro instituições de apoio à mobilidade, onde realizamos trabalho voluntário. Pôde-se observar que as instituições se tornam microfronteiras simbólicas através de seus processos burocráticos, propiciando processos de interação territorial, assumindo indiretamente o papel de fronteira física.

Palavras-chave: Fronteira; Território; Tapachula; Mobilidade.

LA PERLA DE SOCONUSCO AND ITS NETWORKS OF TERRITORIAL INTERACTIONS: mobility and permanence at the border

ABSTRACT

It is commonplace that the dynamics of borders are manifold. Multiple to each other and multiple in the specific of their frontiers, that is, in the different perspectives of the interactions that occur in their territories. This article approaches from the territorial perspective the processes of interaction of the most important border of the south of Mexico, the city of Tapachula, where we realized an ethnography during a period of seven months. The objective here was to understand the border, trying to analyze in this study the transit and stay relations from four mobility support institutions, where we carry out voluntary work. It could be observed that institutions become symbolic micro-frontiers through their bureaucratic processes, propitiating processes of territorial interaction, indirectly assuming the role of physical frontier.

Keywords: Border; Territory; Tapachula; Mobility.

LA PERLA DEL SOCONUSCO Y SUS REDES DE INTERACCIONES TERRITORIALES: movilidad y permanencia en la frontera

RESUMEN

Es un lugar común que las dinámicas de las fronteras sean múltiples. Múltiples entre sí y múltiples en lo específico de sus fronteras, es decir, en las diferentes perspectivas de las interacciones que ocurren en sus territorios. Este artículo aborda desde la perspectiva territorial los procesos de interacción de la más importante frontera del sur de México, la ciudad de Tapachula, donde realizamos una etnografía durante un período de siete meses. El objetivo allí fue de comprender la frontera, buscando analizar en este estudio

las relaciones del tránsito y de permanencia desde cuatro instituciones de apoyo a la movilidad, donde realizamos trabajo voluntario. Se puede observar que las instituciones se convierten en microfronteras simbólicas a través de sus procesos burocráticos, propiciando procesos de interacción territorial, asumiendo indirectamente el papel de frontera física.

Palabras clave: Frontera; Territorio; Tapachula; Movilidad.

Introdução

Instituições que oferecem apoio às pessoas em situação de mobilidade são fundamentais para a garantia do cumprimento dos direitos humanos e para um certo reestabelecimento psicossocial, como acesso a documentos, inserção no mercado de trabalho e educação, a serviços de saúde, entre outras formas de integração para aquelas pessoas que deixam seu país. Diante da ausência dos Estados na implementação de políticas efetivas de trânsito e a situações de desamparo e abandono que podem empurrar as pessoas que se movimentam pelas fronteiras mais à margem das fronteiras sociais, essas instituições se fazem necessárias. É uma reconstrução sem projeto definido e sem controle ou certeza alguma, entretanto. Em razão disso, nossa concepção de fronteira é a de um espaço fluído em que o contexto se faz essencial na compreensão das interações socioambientais.

Em nossa leitura, o processo de contenção de mobilidade nesta fronteira, a chamada fronteirização, se dá através das instituições de apoio e das forças de segurança pública. Sobre as instituições de apoio, Ortiz observa que *“lo que observamos es sin duda una simulación de lo que en nombre de los derechos humanos, de la democracia, del Estado de derecho, se traduce en un negocio redondo, como ha sido en la últimas décadas el fenómeno migratorio* (2017, p. 127). Este aspecto, além do fator de que a cidade está há 15 quilômetros dos limites entre Guatemala e México, a caracteriza como uma fronteira interna (Ortiz, 2017).

As análises aqui contidas mesclam entrevistas com pessoas em situação de mobilidade ou trânsito, anotações de caderno de campo, e análises construídas desde conversas com refugiados e, coordenadoras das instituições. Nesse sentido, é importante assinalar que as ideias trazem um aporte recursivo, com uma construção de pensamento conjunta entre investigador e sujeitos de pesquisa; nos termos de Lassiter (2005) realizamos uma ‘etnografia colaborativa’.

Utilizamos a noção de interações socioambientais por entender que as territorializações ajudam a compor um cenário relacional. Não nos remetemos ao conceito de interação da chamada Escola de Chicago nem tampouco socioambiental utilizado nos manuais de proteção ao meio natural. Aqui o pano de fundo, pode ser compreendido na pergunta retórica, mas fundamental, formulada por Fredrik Barth (2000, p. 30); “Será que as mesmas pessoas, com os mesmos valores e ideias, não adotariam diferentes padrões de vida e institucionalizariam diferentes formas de comportamento, se postas diante de oportunidades diferentes oferecidas por ambientes distintos?”. Territorializar, desterritorializar e reterritorializar, compõem assim etapas de um movimento, que não é só físico, mas também do pensamento, ou seja, é incorporar as receitas de cada espaço (Schutz, 2010). Esses processos demandam pensar em algo além das ações somente humanas, por isso mobilizamos aqui o território.

Dessa forma, analisamos essas diferentes territorializações a que estão submetidos alguns centro-americanos, ou seja, esse entrelaçamento de territórios geográficos, movimentos humanos e deslocamento das relações com o mundo. Entendemos que “a desterritorialização absoluta não existe sem reterritorialização [...]” (Deleuze & Guattari, 1992, p. 131), mas percebemos observando o trânsito de pessoas que as territorializações são resultado de um leque de experiências e condições de possibilidades que, em alguns casos as instituições de auxílio podem ser um espaço de encaixe para essas pessoas, uma microfronteira ou interstícios onde possam conformar novas sociabilidades entre *paisanos*, aos moldes de uma comunidade imaginada (Anderson, 2008).

3.1 O território de fronteira e suas microfronteiras institucionalizadas

Na primeira viagem de ônibus pelo México, após sair do aeroporto internacional Benito Juarez no Distrito Federal até a Cidade de Puebla, não se podia imaginar os mecanismos de controle e sistemas de vigilância de pessoas no país. Mais ou menos duas horas e meia de caminho, estávamos entusiasmados com as diferenças arquitetônicas, a vegetação, as placas com nomes que só tínhamos visto em filmes e agora lá estavam, Tlaxcala, Cholula, San Juan Tepulco. Nomes mantidos do período pré-colonial e que já falavam de uma diferença enorme com o Brasil: as etnias indígenas não eram invisibilizadas. Em Puebla, a primeira advertência com relação aos perigos da viagem e da cidade de Tapachula; se pôde constatar isso já no próximo trecho de estrada

em direção ao estado de Chiapas, no sentido inverso da migração centro-americana, onde no extremo sul, na fronteira com a Guatemala está a chamada *Perla de Soconusco*⁸⁶. Tomamos um ônibus no terminal da Capu em Puebla com destino a capital turística do estado de Chiapas, a famosa *San Cristóbal de las Casas*.

Entre Puebla e a capital oficial do estado de Chiapas, Tuxtla Gutierrez, durante a madrugada, a polícia parou o ônibus na estrada três vezes. Duas delas com lanternas e câmeras filmadoras na mão, acordando as pessoas para serem registradas pelas lentes, e, em uma dessas vezes, um policial que pedia passaporte e queria saber o que íamos fazer em San Cristóbal. Por essa razão, a etnografia do qual este trabalho faz parte começou antes mesmo de pisar em Tapachula, porque aí já se tinha a dimensão das implicações que o trânsito migratório causava. Aí já se começava a compreender quais eram as interações que podíamos encontrar na fronteira e como seria para as pessoas em mobilidade, que estão em situação irregular⁸⁷, transitar pelo México.

Pisar em Tapachula, não importa o fenótipo da pessoa, é sempre perigoso, dizem. Nos perguntamos então, como é essa famosa fronteira e que desafios ela nos coloca? Descer as escadas do ônibus em um domingo que apenas começava foi um imã para os olhares curiosos e sonolentos das pessoas que estavam na menor das três rodoviárias de Tapachula, e a mais perigosa: *Rapidos del Sur*. O vigia do terminal após observar minha curiosidade com tudo e o evidente comportamento de quem está perdido, veio em minha direção: “*hola buenos dias! Hablas español?*”, Respondi que sim e devolvi a saudação; ele seguiu, aparentemente preocupado: “*vienen por tí, o como?*”, “*no, voy a agarrar un táxi, fíjate, pero es muy temprano todavía*”. A resposta confirmou minha apreensão: “*pide a la persona que venga por ti, de cualquier modo voy a hablar con los taxistas a ver el precio y si conocen esta dirección*”.

Nos primeiros dias na cidade se pensa na dificuldade de sobreviver ao calor do inverno seco. Onde encontrar os migrantes? Por onde entram na cidade? Por onde passam? Tudo isso imaginávamos das leituras sobre a dinâmica naquela fronteira e dos vídeos que mostravam as várias perspectivas da migração. Mas por mais coragem que se tenha para sair em busca desse mundo em trânsito, o sol forte e a ausência de pessoas que caminham nas ruas chocavam com esse desejo. Na *Perla de Soconusco*, são poucas

⁸⁶ Nome que recebe a cidade de Tapachula por ser a maior cidade da região de Soconusco, território da etnia Mam.

⁸⁷ Não encontramos nenhuma pessoa em trânsito que estivesse sem documentos, *indocumentados* ou *sin papeles*, e também aprendemos durante o trabalho voluntário que o termo ilegal não se aplica, já que cruzar a fronteira não é um delito, e sim uma falta administrativa. A condição de quem entra sem permissão no país é de irregularidade, portanto.

as pessoas que caminham nas ruas. Não existe grande formigueiro nem nenhuma rota ou corredor assinalado como ‘passagem de migrantes’.

Em vista dessas duas coisas, as várias menções a violência (que depois se confirmariam) e uma invisibilidade que é imposta aos estrangeiros pelos tapachultecos, mas também auto atribuída por eles como veremos mais adiante, a opção era se aproximar por meio das várias instituições de apoio à migração em Tapachula. Se a noção de território é fundamental em nossa investigação, como elemento constituidor das ações humanas, tomamos então a cidade como território de fronteira, real e simbólica (ou metafórica) e as instituições distintas como *locus* de observação⁸⁸.

Aprendemos com Fábregas que “el concepto de frontera implica un enfoque regional para acercarse al análisis de la historia, de la sociedad y de la cultura” (2005, p. 31). Mas quando dizemos que Tapachula é nosso território de fronteira, precisamos apresentar esse território, colocar o leitor nesse cenário que é de caos em vista da mobilidade de pessoas e de uma cidade que encanta ao mesmo tempo - diz-se *Atrapachula* entre amigos, uma mescla do verbo prender ou agarrar, *atrapar*, e o nome da cidade. Se a mobilidade provoca a violência, de e contra a quem por aí passa, e às vezes institucionalizada através das forças de segurança pública (Velasco, 2010) tornando o cenário inseguro, também é verdade que a cidade está em um território ecologicamente privilegiado e muito rico (Villafuerte, 2008). Uma mescla de um inverno extremamente seco e quente com uma incrível diversidade de mangas e bananas; muita chuva no verão, e a manga cede espaço aos abacates e rambutans. Nos dois extremos disso, temos ao nordeste as geladas montanhas cafeeiras *la suiza chiapaneca*, nas costas do vulcão Tacaná que vigia a cidade, e a oeste, as praias e balneários da região de escoamento marítimo de *Puerto Madero*.

Essa mesma ecologia territorial é responsável por transformar *la Perla de Soconusco* na capital econômica do estado de Chiapas. O que por sua vez, e de maneira contraditória, transforma essa cidade que é puro movimento, de pessoas e coisas, no avesso do desenvolvimento estrutural. Quem olha para as casas e ruas, a antiga estação de trem de onde partiam diariamente (de novo) pessoas e coisas em direção à fronteira norte, tem a impressão de que a cidade está ancorada no passado, observados em elementos como iluminação, acessibilidade, sinalização, impunidade, transporte público, saneamento básico, segurança e saúde pública etc. A desigualdade social é um

⁸⁸ Para os objetivos as ideias que queremos abordar neste artigo, não se faz necessária a descrição pormenorizada dessas instituições.

produto do sistema econômico moderno e é observável em todos os lugares mas, por razão da forte economia da região e a falta de investimentos, a distância e a desigualdade social aqui é realmente palpável. A esse respeito, em um estudo que contempla toda a fronteira sul de Chiapas, Villafuerte e García concluem:

La frontera sur, ahora visible, muestra claramente sus paradojas como región en proceso de construcción y sus fronteras interiores: la riqueza de sus recursos estratégicos (petróleo, agua y biodiversidad) y la pobreza de sus habitantes; la presencia del narcotráfico y del contrabando de armas; las migraciones masivas y del crimen organizado. Estos rostros nos muestran una frontera profundamente contradictoria, propiciada por el abandono del Estado mexicano durante décadas. Estas paradojas asustan a las oligarquías locales, pero también despiertan el apetito de los intereses del gran capital transnacional, que espera con paciencia la hora más adecuada para sacar ventaja comparativa de la sufrida región (2008, p. 50).

Também, aliado a tudo isso, a *Perla de Soconusco* em suas múltiplas dimensões não pode ser considerada, a princípio, uma fronteira típica, *border*, por que não está na imediata linha divisória entre países. A primeira cidade mexicana que pisa quem atravessa o rio Suchiate⁸⁹ desde Guatemala, é Ciudad de Hidalgo, que por sua vez é um *pueblo*, que não oferece nenhum atrativo para quem busca, além de melhores condições de vida, sobreviver – os relatos acerca das motivações da mobilidade de centro-americanos extraídos durante a investigação são principalmente de pessoas que fogem das ameaças de violência realizadas por grupos armados *pandilleros*. Por essa razão são categorizados pelos órgãos de controle migratório como refugiados. Mas ainda se arrastarmos a linha imaginária em quinze quilômetros (15 km), de Ciudad de Hidalgo para Tapachula, não encontraremos o fenômeno estrito de *borderización* ou fronteirização, entendidas como “[...] lugares de encierro que privan la movilidad de la gente, por tiempo definido y en algunos casos indeterminado” (Ortiz, 2017, p. 202). A primeira vista se observa que as autoridades dão as costas para a entrada de pessoas e subsidiam a garantia dos direitos humanos através das instituições de apoio à mobilidade.

Isso nos leva para uma definição de fronteira, além da marca pontilhada do mapa; temos que obrigatoriamente pensar Tapachula em primeiro lugar como fronteira interna, já que não existem barreiras efetivas ou reais intenções de contenção da

⁸⁹ Limite territorial entre Guatemala e México por onde diariamente passam centenas de pessoas em mobilidade, a poucos metros da estação da polícia migratória. O cruze irregular pelo rio gera a classificação de *mojado* (molhado) a pessoa em mobilidade, que na imensa maioria dos casos, é reafirmada por eles positivamente e até mesmo com orgulho. O uso do termo é estendido a qualquer situação de trânsito irregular de fronteira, ainda que esta seja ‘seca’.

mobilidade. Ao mesmo tempo, a cidade estabelece outra forma de fronteira que é a distância social, marcada por ideais de distinção e que, ao contrário da fronteira territorial é muito perceptível – não seria mero jogo de palavras dizer que a invisibilidade é muito visível nessa fronteira. O fluxo e os contatos sociais nos escaparam e durante os sete meses de pesquisa e nos escapam até agora com notícias que nos chegam dos jornais e redes sociais que não deixamos de acompanhar⁹⁰. Da mesma forma que escapa do controle dos organismos de estatística, das estratégias policiais ou de qualquer planejamento que tenha alguma instituição de apoio. A única certeza diária aí é a surpresa. A mobilidade humana, portanto, aporta de maneira desafiadora essas dimensões territorial, nacional, econômica e política aos estudos de fronteira, e tudo isso nas perspectivas sociais e subjetivas dos atores envolvidos.

Em Tapachula vivem cerca de 320.000 habitantes segundo o censo de 2010⁹¹. Não obstante, em razão da impossibilidade de realizar a contagem em muitas regiões em vista da violência, das pessoas que vivem informalmente e da grande mobilidade, estima-se que em realidade aí vivam atualmente cerca de 600.000 pessoas. Esta informação é corrente nas reuniões que participamos. Some-se isso a invisibilidade da qual mencionávamos; é um fato muito curioso que os tapachultecos falem da migração, mas não a vivam, não sabem nada além de pura especulação de quem reside em uma cidade de fronteira. Tapachula é uma cidade de trânsito, mas de um trânsito invisível no mais das vezes.

Se poderia pensar que na ausência de muros ou uma fiscalização de fronteira mais atenciosa, ou como nos casos eventuais em que o exército é chamado para conter a entrada de migrantes, a fronteira sul estivesse sob a luz de uma diplomacia fronteiriça ou até mesmo uma desfronteirização, propostos pelos ideais antiliberais e anticonservadores de governos, em geral, progressistas (Vargas, 2013). Mas durante a etnografia observamos que Tapachula é a principal das fronteiras internas do México, e possui suas microfronteiras espaciais e sociais na figura das instituições de apoio e das forças de segurança nacional, que na prática não se relacionam entre si.

⁹⁰ No exato momento em que escrevemos estas linhas, se acompanha nos jornais de todo o mundo que centenas de hondurenhos rumo México aos gritos de “Allá vamos Donald Trump” Ver: <https://noticieros.televisa.com/ultimas-noticias/hondurenos-deben-cumplir-la-ley-para-entrar-a-mexico-sre/>

⁹¹ Informação extraída da Secretaria de Desarrollo Social (SEDASOL) através do link: <http://www.microrregiones.gob.mx/zap/datGenerales.aspx?entra=pdzp&ent=07&mun=089>

A falta de coordenação entre quem brinda apoio e quem tem poder de polícia, não oferece para quem se desloca segurança alguma, ainda que passe por todas as etapas de documentação e permissão para transitar fora do estado de Chiapas. Percebemos que as instituições, na ação de garantia de cumprimentos dos direitos humanos das pessoas em mobilidade, causam uma pausa na viagem propiciando uma interação entre mexicanos e *foráneos*⁹², que se configura em processos de negociação dos espaços físicos e simbólicos, o que estamos chamando de territorializações. Nas linhas que se seguem, vamos contar algumas histórias e nuances dos processos de territorialização em relação com a rede de contenção dessa mobilidade que são as instituições de apoio.

3.2 Processos de territorializações: a vida na fronteira

“*Soy un mojado guero*”, diz com um sorriso tímido o salvadorenho que se chama Salvador. “Salvador de Salvador” brinca. Sorrio e me lembro do poema de João Cabral de Melo Neto. Salvador é um entre tantos, de mesmo nome e mesma sina, assim como o Severino de Maria, do finado Zacarias, da serra da Costela, limite da Paraíba⁹³. Ele e tantos outros salvadores de Salvador fazem uma fila imensa no centro de Tapachula, na frente da sede da *Comisión Mexicana de Ayuda a Refugiados* – COMAR. Esta instituição é responsável por acolher as solicitações de refúgio, analisar e julgar como deferido ou indeferido no prazo de até três meses cada solicitação. Salvador disse que está ali para fazer a assinatura semanal do seu processo, obrigatória para todo solicitante de refugio em México. Duas faltas e se suspende o processo. “*No lo quiero perder, por eso vengo siempre que tengo agenda*”, diz Salvador, ao que as pessoas que estão perto concordam solenemente: “*Sí, no se puede perder! Hay que estar acá!*”

O salvadorenho Salvador, havia chegado a Tapachula no início de março, e três meses depois quando nos conhecemos continuava na cidade, de instituição em instituição. Chegou ao México com suas duas filhas, uma tinha doze e a outra oito anos de idade. “*Y la mamá de ellas, no quiso venir?*”, pergunto relutante, e a resposta vem sem alterar a expressão de seu rosto imóvel, um olhar sempre vidrado, a postura de alguém quebrado, cansado: “*En una noche la mataron delante de mí y de las niñas,*

⁹² Termo pejorativo utilizado pelos Tapachultecos para se referir às pessoas em situação de mobilidade.

⁹³ Melo Neto, João Cabral de. Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

porque ya no íbamos a pagar las tazas a los pandilleros.” Como essa, tantas outras histórias similares ainda registraríamos.

“*Y quienes somos?*”, é a primeira pergunta que escuta em uma manhã de qualquer terça-feira um grupo de vinte pessoas em situação de trânsito que entra na *milpa*⁹⁴ de uma instituição de direitos humanos, também no centro da cidade. A sala não é muito grande, mas acomoda as pessoas em cadeiras dobráveis que ao final de cada reunião são desmontadas e encostadas de novo na parede do canto da sala. Duas pessoas da instituição as recebem, sempre; o responsável por conduzir a reunião e outro que faz os registros dos dados, como o total de participantes, gênero, seus países de origem e também avança as imagens das *diapositivas* projetadas na parede. As pessoas entram tímidas, não sabem o que vai acontecer. Chegam até ali porque ouviram de alguém, sempre, que a instituição auxilia o processo de documentação para que não sejam deportados pela polícia migratória, *la migra*, além de lhes garantir assistência jurídica e algo para comer, que geralmente é uma xícara de café e um sanduiche de ovo ou queijo (*tortas de huevos revueltos o de quesillo*). Elas só sabem que estão ali para uma conversa, *la charla de pátio*.

Assim como seria possível compreender a dificuldade da pergunta, quem somos, a luz de qualquer teoria psicológica, filosófica, antropológica ou sociológica, na *charla de pátio*, as pessoas em trânsito se olham entre si, não sabem bem como responder. Então recebem o primeiro incentivo pessoal desde que chegaram ao México. O hábil conferencista sorri e pede que digam de onde vêm e começa se assumindo de nacionalidade mista, metade guatemalteca, metade mexicana. Olha pra mim e digo que sou brasileiro, e olho para a pessoa a meu lado que menciona seu país, e assim por diante, e ao final, o conferencista sintetiza: “*como pueden ver, somos todos y todas migrantes aquí!*”

Nesta reunião ficam sabendo que ao entrar com o processo de solicitação de refúgio, eles vão estar mais protegidos de eventuais deportações, mas só em Tapachula. Ainda que a solicitação de refúgio permita o trânsito no estado de Chiapas, os solicitantes são desencorajados a saírem de seus limites, porque a polícia fora dos limites da cidade não reconhece o documento, e a COMAR, pode interromper o processo por falta das assinaturas semanais. É como se fosse um balde de água fria para

⁹⁴ Milpa é o nome que se dá para o sistema de plantios em consórcio no México (em geral, milho, abóbora, feijão e pimenta), mas que é usado nesta instituição como metáfora das várias atividades que se realizam no mesmo espaço físico, a saber, coordenação de projetos, contabilidade, acolhimento e setor de políticas de gênero.

quem tem como objetivo seguir até a fronteira norte. Ficar na cidade durante três meses para esperar um documento que a polícia migratória não reconhece, em última medida. Muitos não voltam pra instituição em razão disso. Pelo volume estimado de pessoas que entram em Tapachula, acreditamos que poucas são as pessoas que buscam realmente a documentação mexicana.

Cinco quadras dali – *en la calle tercera norte* –, Guadalupe toca *el timbre* da porta de outra instituição. Ela traz seus documentos e de seus filhos, para seguir com o processo de conseguir uma vaga no mercado de trabalho e matricular as crianças na escola. “No”, diz a mulher hondurenha, “*nosotros no hemos dejado de querer moverse de Tapachula, pero mientras los papeles no avanzan, acá quedamos.*” Guadalupe é uma das oito pessoas que vai chegar naquela manhã de terça-feira na instituição internacional de apoio a educação e trabalho. Se quiser pode ser recebida por uma psicóloga, ou levar seus filhos ao *club de tareas*, nas terças e quintas pela tarde, como reforço escolar – as filhas de Salvador também participam destas atividades, porque não conseguiram vaga na escola.

O mesmo acontece nas manhãs de quarta-feira em uma instituição que apoia filhos de pessoas em trânsito, e também algumas que decidiram permanecer em Tapachula por alguma razão. Hezrai de Honduras, que disse sentir que na fronteira não está tão longe da sua terra. Uma marca forte de um pertencimento territorial, uma certa segurança ontológica (Giddens, 1990), gerada pelo espaço físico em que se encontram as pessoas em trânsito – as vezes a única segurança é nessa correspondência.

La ciudad de Tapachula es parada obligatoria no solo por su posición geográfica –ubicada a escasos 15 km de la línea fronteriza–, sino porque a los centro-americanos les resulta familiar desde sus países de origen y, sobre todo, más económico, aunque no menos riesgoso. Llegan a esta localidad y pueden mimetizarse en ella. Allí la gente ya se ha acostumbrado a ellos. Lamentablemente, la normalidad de la migración en Tapachula incluye la intolerancia y la discriminación hacia el otro, hacia el centroamericano (CASTILLO, 2008, p. 13).

Carlos que veio com a família de Honduras há mais de um ano, não pensava em ficar e, durante o processo para conseguir os documentos encontrou trabalho e foi ficando. Esta é uma das histórias mais comuns nos bairros economicamente pobres e distantes do centro da cidade. Aí, *en las orillas*, estão situadas um grande número de pessoas não mexicanas, que estão ou estiveram em situação de trânsito. Como seguem de maneira irregular no país, evitam acessar serviços de saúde ou trabalhos formais,

com medo de serem apanhados pela *migra* no centro da cidade. Uma (dentre tantas) consequência disso é que seus filhos não podem avançar formalmente no sistema de ensino. Por isso essa instituição com proposta de *escuela libre* – com educação inclusiva e alternativa – encontra lugar em um perigoso bairro da região sul e, mais que espanhol ou matemática, promove atividades de ensino pautadas na autonomia das crianças. Sempre entendemos que no centro da cidade essa proposta não cumpriria tal objetivo, pensando no território.

A relação dos agentes com o espaço físico, com a rua e a calçada, a paisagem ao redor e a vizinhança, o mesmo vendedor de *tamales y champurrados* que grita nas outras ruas a mesma canção, o mesmo tênis rasgado da filha do morador da quadra ao lado e que brincam juntos o dia todo na poeira invasiva da cidade, os identifica mutuamente. A casa da instituição que acolhe as crianças é diferente das que vivem eles, é de alvenaria e tem abastecimento de água e luz, um teto para proteger do sol e da chuva, mas é a mesma colônia, a mesma poeira a invade. Pra chegar ao centro da cidade, teriam de se misturar com outras pessoas, tomar o transporte coletivo, encontrar pessoas de outras colônias ainda que talvez, do mesmo país. Além do medo da polícia e do contato com pessoas diferentes, essas comunidades de bairros afastados não têm em seus códigos a hora marcada, a necessidade da roupa sempre asseada, empurrar o portão que abre por controle remoto e esperar em uma recepção climatizada, com televisão e que cheira a alvejante. Isso se deve a correspondência territorial; a comunidade imaginada nesse caso vai além dos indivíduos, está nas coisas também.

Estivemos em um dos três albergues reconhecidos da cidade. Diferente das outras instituições, albergue não tem horário de atendimento, nem salas com ar condicionado para a equipe de trabalho, e o café e a comida têm tempo limitado para ser consumido por todos. O serviço oferecido pelo albergue é gratuito como nas outras instituições, e compreende basicamente a estadia – a regra é de no máximo três dias – e alimentação. O trabalho voluntário é requerido das pessoas em trânsito na cozinha, na limpeza dos quartos e banheiros, nos espaços abertos e jardim. A cada momento pode chegar um grupo de *mojados*, sem dinheiro, e que muitas vezes nos trazem as histórias mais tristes de violência. Enquanto fazíamos a massa dos pães doces em um anexo da cozinha e distribuíamos nas formas, *charolas*, para assar, o salvadorenho Octávio nos contou das inúmeras explorações nos preços dos transportes para chegar até Tapachula.

No es la primera vez que estoy intentando llegar a Estados Unidos. Ahora vengo con mi hijito y vamos intentar llegar a Guerrero para estar en casa de una amiga que tengo allí. Pero como nos robaron todo en el viaje, nos amenazaban si decía que no llevaba nada, voy a tener que trabajar, brasileño. [...] La mamá de él está allá y nos espera. Nos vá a enviar alguna lana. [...] En la frontera es 'tranqui', lo más difícil es caminar en las calles allá adentro (Estados Unidos) (Octávio, em entrevista. Março de 2008).

O caso de Octávio, mais uma vez, é uma história que repetidas vezes ouvimos. Quando diz que foi roubado várias vezes, existe uma identificação que eles mesmo assumem como territorial, o que estamos chamando de reconhecimento sob bandeira. As pessoas em trânsito são vítimas de múltiplas extorsões, estão fragilizadas, desterritorializadas, inseguras e, frequentemente levam algum dinheiro. Mas a extorsão não acontece só por parte dos *pandilleros*. Em Tapachula existe um comércio estruturado para explorar o migrante. Desde quando saem de seus países os preços variam muito, por exemplo dentro da Guatemala, dependendo de quem viaja. Castillo nos conta que

Durante su tránsito, los migrantes centro-americanos están expuestos a ser agredidos por las personas particulares y por autoridades –de los tres niveles de gobierno–, que se lucran de ellos. Saben de los riesgos, pero eso no los detiene. Es sorprendente cómo siguen llegando y caminando (2008, p. 13).

Os relatos de quem cruza o rio na fronteira de Tecún Umán (Guatemala) para Ciudad de Hidalgo (México), demonstram isso. O preço das balsas, *cámaras*, depende do *mojado*, ou seja, de sua nacionalidade e as pessoas com quem se conecta. Os contatos em México determinam quanto se gasta para passar por Tapachula, é dizer, depende do *pollero* que a pessoa em trânsito realizou os acordos. Em geral, os migrantes de 'primeira viagem', se servem desses esquemas para que a viagem não termine já na fronteira com a Guatemala. Dos micro-ônibus, *combis*, aos táxis, hotéis de péssima qualidade, tudo; o viajante irregular se transforma em mercadoria. Percebemos pela primeira vez como de sujeito da migração, o indivíduo vai sendo comercializado, literalmente, e é deslocado epistemologicamente a objeto na mobilidade. Quando juntamos os relatos de quem se põe em movimento entre fronteiras, verificamos essa

assimetria, e essa mutação da perspectiva autônoma de quem se move entre fronteiras à essa comercialização da humanidade⁹⁵.

3.3 *Território casa e território nação: a margens que reaparecem*

Em seu poema *Limites*, o argentino Jorge Luis Borges nos choca com uma sutileza que lhe é própria enquanto poeta, mas com algo de rude que se apresenta na falta, na incerteza e em uma certa resignação e indiferença frente ao desconhecido. “Se para tudo existe regra e usura” diz Borges, “e olvido e nunca mais e última vez, quem nos dirá a quem, a esta altura, sem perceber, já dissemos adeus?” (BORGES, 2013, p. 41)⁹⁶. Do ponto de vista de quem deixa seu território, é um olhar para um passado não tão distante, mas que é/será lembrança eterna, ainda que não se saiba. Pensamos em voltar para os espaços-tempo onde vivemos, onde fomos talvez felizes, mas sem saber já fechamos as portas que nos levariam de volta.

Quando a pessoa se desloca (em nosso caso aqui, se move entre fronteiras) ela fisicamente muda seu espaço, a sua paisagem, a sua geografia. Entra em contato com uma “nova selva e seus diferentes animais”, para usar uma expressão de Hannerz (1997)⁹⁷. A metáfora parece deslocada, mas ela faz alusão a uma definição de fronteira da literatura que nos parece bastante pertinente. Como no poema de Borges, quando chegamos a um lugar desconhecido, e já não se pode voltar atrás – tal qual é o caso de milhares de centro-americanos que deixam a situação de violência extrema de seus países rumo aos Estados Unidos –, e se deparam com a dinâmica da fronteira, é como se entrássemos em uma selva (urbana), em que não podemos entender de imediato seus cheiros, sabores ou ruídos. Precisamos encontrar rapidamente algum lugar seguro enquanto começamos a digerir as informações do novo *habitat*.

Essa definição de fronteira, essa imagem, condiz com o sentimento apreendido nas reações tanto dos migrantes irregulares com quem conversamos, quanto nossa mesmo. Tínhamos nas conversas essa única coisa em comum e que sentíamos que nos

⁹⁵ Lembramos que para Walter Mignolo (2015), uma das características da modernidade é justamente essa objetificação do humano, quando há dois séculos, humanos começaram a escravizar e comercializar outros humanos.

⁹⁶ Ver: BORGES, Jorge Luis. Nova antologia pessoal. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

⁹⁷ “[...] e o sentido de “terra selvagem” ainda está presente na imaginação popular, como uma ideia de fronteira, só que deslocada para a vida urbana, para as ruas e becos que parecem fora do alcance dos centros organizados da sociedade. Em outras palavras, a fronteira urbana como selva urbana. Os outros nela encontrados podem ser realmente animais, e a lei da selva é a sobrevivência do mais apto” (HANNERZ, 1997, p. 21).

aproximava: éramos alheios àquele lugar. A fronteira tinha algo de casa para nós “os de fora”, mas tinha também o medo do desconhecido, as histórias e ameaças de violência – os nativos sentiam medo dos *foráneos*, e os *foráneos* medo dos nativos (CASTILLO, 2008; VELASCO, 2010). Escutávamos palavras que só se entendiam pelo tom de quem fala, parte do *chingonário*⁹⁸ vasto e muito particular dos mexicanos, onde o território era nação. Mais que estar naquele território, precisávamos – centro-americanos e eu – incorporar aquelas práticas para “sobreviver” ali. Precisávamos territorializar.

Pensamos, portanto, na migração para além da ideia de risco e vulnerabilidade, como sugere Castillo (2011) quando descreve o migrante como ator e não vítima da migração em Tapachula, mas de uma autonomia relativa que a reterritorialização propicia. Por que o ato de reterritorializar nos provoca aqui? Porque as pessoas param e permanecem nessa cidade que não é seu objetivo? Não é difícil encontrar em Tapachula, pessoas em trânsito que estão em procedimento de solicitação de refúgio e que sobrevivem vendendo comidas típicas de seus países, como *las pupusas*, mas utilizando palavras como *chingo* ou *pues* (de sonoridade ‘pue’) e já se vestem, arrumam ou cortam o cabelo como os tapachultecos. Essa transformação que se poderia abordar desde seu aspecto identitário, levou nosso olhar para o território e as formas de negociação e reconstrução de si através do espaço.

É dizer, quando estamos, pois, em um lugar, de forma absoluta ou relativa, ele nos incorpora e nos incorporamos a ele, no pensamento e fisicamente, conhecemos os códigos de relação, tanto sociais quanto naturais, ou seja, sabemos o que piscar os olhos significa em nosso território, mas também sabemos quais objetos e habilidades precisamos para percorrer este espaço (Geertz, 1989; Barth, 2000; Velasco, 2008; Schutz, 2010). Significa que quando nos movemos, estas coisas também se movem, os territórios de partida e chegada se transformam, e o corpo necessita reterritorializar aí, mas também o pensamento.

Estamos de acordo com Enrique Coraza (2014) quando este chama atenção para o fato de que os processos de desterritorialização nunca são absolutos, porque se assim o forem, significa dizer que o território é fixo e imutável. Então, ao mover-se, o território de partida nunca nos deixa. Imagens e pensamentos ressignificam o território. Em contrapartida, a reterritorialização pode ser absoluta na possibilidade de construir mundo desde o território de chegada. Na ecologia múltipla da mobilidade na fronteira

⁹⁸ Sicilia, María del Pilar Montes de Oca (2010). *El Chingonario: diccionario de uso, reuso y abuso del chingar y sus derivados*. Ciudad de México: Editorial Lectorum.

nos encontramos com pessoas que decidiram permanecer, e outras com desejo imenso de sair da cidade rumo ao norte. É dessas ultimas pessoas que fala esse texto.

Uma das perspectivas que se pode observar em Tapachula desde a correspondência territorial é a percepção dos *huacaleros* aos *foráneos*. Em conversas informais e em entrevistas com mexicanos ou com pessoas em trânsito, emerge um curioso fenômeno dessa relação da capacidade laboral ou perfil de caráter com suas nacionalidades. Aí aprendemos que as hondurenhas são “*las quita maridos*”, ou que as guatemaltecas “*son perfectas para trabajar en los hogares, con la limpieza o cuidar de los niños.*” Estas são anotações de caderno de campo e que podem ser encontradas também no excelente trabalho de Castillo (2008a; 2008b).

Definimos esta percepção que tem os tapachultecos das pessoas em situação de mobilidade como reconhecimento sob bandeira. É dizer, as pessoas em trânsito, antes de serem identificadas por qualquer outro atributo, são definidas por seu território, sua nacionalidade⁹⁹. Compreendemos que existe nesse caso a emergência de uma autoatribuição de povo, por parte de *los foráneos*, povo que em conceito só pode emergir contra outros ‘povos’, que só pode existir em contraposição à diferença (Badiou e outros, 2013). E aqui uma interessante chave de leitura para exemplificar isso, é a formação dos guetos, de redutos nas *orillas* da cidade, ou na praça central Miguel Hidalgo – como relata a bela etnografia de Velasco (2010) –, constituído principalmente pelos *foráneos*.

Nesse caso, não se pode falar em homogeneidade comunal, em muitos aspectos, mas sobretudo, pelo fato de que estes *foráneos* são oriundos de comunidades de nacionalidades híbridas, e que por sua condição de estrangeiro, sua homogeneidade é relativa. Se pode dizer que aqui surge a noção já mencionada de comunidades imaginadas de Anderson (2008), mas em uma perspectiva diferente. Anderson quando faz seu passeio pela história, procura recuperar como se inventaram nacionalidades, os detalhes da ‘criação’ de grupos, que por situações de guerra ou por coincidir em um território, formaram comunidades, sem a tutela de uma bandeira ou mesmo uma língua oficial, em muitos casos; ou seja, o autor olha para a nação. Nós, ao contrário, em vez da nação, olhamos para as pessoas e seus trânsitos. Nos casos observados por ele, nos

⁹⁹ O fato de eu ser branco, ajudou a ver o processo de estigma em relação à nacionalidade. Em vista da minha cor, ninguém me perguntava de onde eu vinha. Percebiam meus erros no espanhol, mas eram receptivos. Muitas vezes presenciei cenas de hostilidade gratuita nas ruas ao se identificar a nacionalidade de um centro-americano. Caso parecido com o dos negros haitianos e africanos no Brasil, onde os africanos buscavam se distinguir dos haitianos para uma melhor receptividade.

parece que a condição de nação (*nation ness*) foi forjada verticalmente (ainda que muitas vezes sem um plano definido, o que tensiona essa afirmação). Em Tapachula, no caso dos centro-americanos a condição é completamente horizontal, ou seja, é uma resposta não calculada, de um grupo muito volátil e cambiante, às hostilidades dos mexicanos, nas figuras da sociedade civil tapachulteca e de suas forças de segurança pública.

A condição de estrangeiro a que nos referimos é o fato de que, uma vez desterritorializadas, essas pessoas enfrentam os trânsitos, as passagens, as marginalidades nas margens, e é claro, uma vez aí em *la orilla de la orilla*, a impossibilidade de se fazer escutadas, ou mesmo vistas, assim como o subalterno de Spivak (2010). “Sabes, guero, a mi me gustaría que la gente me echara un vistazo, sabes? Que sí, quiero lana pa’ seguir el viaje, pa’ comer y todo (ya tú sabes!), pero es que la gente ni siquiera me voltea a ver. Eso duele” (conversa informal com Maria, de Honduras, no parque Bicentenário, 22 de Maio de 2018).

Então aqui as margens ou fronteiras que nos servem como metáfora, desde a condição de invisibilidade a que estão submetidos, aos *foráneos* serve como recurso, como opção real para a manutenção do trânsito. Quer dizer, quando o migrante se estabelece na *orilla de la orilla* de Tapachula, ele busca a invisibilidade num cálculo instrumental de proteção da polícia e deportação (Coraza, 2014), mas também da marginalização social que produz a invisibilidade como metáfora. O salvadoreño Francisco relata isso durante a entrevista, nos diz que sente muito medo da polícia e em razão disso e pelo desgaste social, ele e seus vizinhos, *foráneos irregulares*, evitam frequentar o centro da cidade.

Se observarmos pelo prisma do agente (da pessoa em trânsito), já que mencionamos cálculo racional instrumental nos remetendo a Weber (1995), temos de refletir sobre as condições estratégicas de quem se move entre fronteiras e, sobretudo, nas situações de migração forçada. Por um lado, a condição de violência não oferece tempo nem garantia de planejar a migração. Por outro, em Tapachula, seja passando por uma instituição de apoio, ou decidindo enfrentar a viagem com seus próprios capitais simbólicos e práticos, o migrante sempre está à mercê do insucesso, das prisões, *aseguramientos*, da ameaça de regressar ao seu país na condição de deportado (Coraza, 2014).

Sentimos nos relatos dos processos de solicitação de permanência, em comunidades e sujeitos que têm sua condição de mobilidade forçada, territorializações e

formações de comunidades imaginadas, senão forçadas, condicionadas. A busca por apoio institucional, formal, para seguir viagem se transforma no estabelecimento subjetivo e coletivo em mecanismos de interação, que passam pelo reconhecimento de si, pela identificação com os espaços e com as pessoas. Esse fato é o que tentamos traduzir dizendo que enquanto Tapachula se torna casa para os *foráneos*, é acionado um dispositivo de reconhecimento de pessoas de nacionalidades híbridas enquanto povo, uma autoatribuição de comunidade frente as tensões da diferença, em um espaço onde mexicanos se reconhecem enquanto nação – de forma igualmente imaginada (ANDERSON, 2008).

Além disso, quando entram em viagem as pessoas em situação de mobilidade se tornam mercadoria. Existe uma rede que é de apoio mas também de extorsão de pessoas como balseiros, taxistas, *polleros* ou *coyotes*, hotéis ou empresas de transporte que já é conhecida na literatura (Castillo, 2008; Ortiz, 2017). Essas várias violações são até mesmo consentidas para permanecer na estrada. Mas também quando se veem diante da decisão de parar a viagem, buscando documentos que lhes conceda um caminho digno até a fronteira norte, o processo de adaptação na chamada *Perla de Soconusco* também transforma essas pessoas em mercadoria. A fronteira física reaparece mas como figura institucional. Claro, existe uma quantidade não contabilizada de pessoas que não ficam na cidade e não acessam as instituições. Mas nos casos em que acessam, a retenção é feita através de seus procedimentos de apoio.

Algumas considerações

Trabalhar como voluntário em instituições de apoio às pessoas em mobilidade nos propicia um panorama peculiar. A virtude da metodologia deste trabalho é exatamente o processo de colaboração entre quem fazia a investigação e era investigado. Esse fator nos faz reforçar a essencialidade de instituições e organizações de apoio à mobilidade. Víamos decisões sendo tomadas e em vários momentos participamos ativamente delas. Mais importante talvez que isso era o processo de colaboração fora dos centros de decisões. Um tema que era discutido às 09:00 da manhã de qualquer segunda-feira, era retomado nos corredores em conversas privadas, no almoço e em uma eventual saída para jantar.

Desta maneira, neste breve esforço de sistematizar aqui as experiências na cidade de Tapachula, tentamos realizar as análises fruto de questões formuladas através das interações na cidade de fronteira e sobre os efeitos das dinâmicas realizadas com os *foráneos*, desde as instituições de apoio. A partir dessa ideia, não se trata de criticar positiva ou negativamente as ações das instituições, e sim, de compreender o fenômeno do movimento em si. Estávamos atentos ao trânsito, buscávamos entender as implicações sociais e individuais provocados pelas desterritorializações forçadas, *desplazamientos*, e, ao se colocar na cidade e atuar nos processos de acolhimento, terminamos por registrar a pausa no movimento. Pausas que não podem ser definidas em tempo, porque como já dissemos, são muito variáveis. Falamos com pessoas que ficaram desde um dia, até semanas, meses ou mesmo que estão há anos na cidade.

Vimos que a fronteira física entre as cidades de Tecun Uman e Ciudad de Hidalgo é facilmente transposta sem nenhuma restrição oficial, somente a dificuldade eventual de cruzar o rio. Pensando no fato de que a fronteira oficial é a cidade de Tapachula, que não tem uma cabine de controle aduaneiro, poderíamos considerar que existe aí um fenômeno de desfronteirização da fronteira sul do México, ou seja, que o trânsito entre países não é coibido. Entretanto, quando conhecemos as dinâmicas da cidade, vimos que as retenções da mobilidade são realizadas pelas instituições de apoio ao migrante. Já mencionamos isso, no afã de ajudar, as instituições acabam prestando um serviço ao governo do país, mantendo os *foráneos* em seus limites geográficos, o que os obriga a territorializar necessariamente na Perla de Soconusco.

É claro que a territorialização depende de vários fatores, desde a escolha de permanecer na cidade, no caso das pessoas que passam e decidem iniciar o processo pela Comissão Mexicana de Apoio ao Refugiado, até o processo de deslocamento de si na integração com outras pessoas em mobilidade que permanecem em Tapachula, nos bairros afastados ou nos edifícios da zona central. A decisão de permanecer envolve uma estratégia territorial interessante. Como são facilmente identificados pelos tapachultecos como pessoas de fora, os indivíduos formam grupos de *foráneos* de nacionalidades distintas na figura de comunidades imaginadas, contra um nacionalismo mexicano que se estabelece ao mesmo tempo, na forma de preconceitos.

Partindo das múltiplas territorialidades, foi possível observar vários processos complexos que não remetem só ao fato de adaptar ou assimilar. Percebemos que a territorialização é mobilizada de dentro para fora, ora remetendo a questões de exclusão dos preconceitos associados às pessoas em mobilidade, ora de fora para dentro, utilizado

estrategicamente por elas nas questões de identificação territorial dos espaços frequentados ou, formando comunidades necessárias, ainda que voláteis. Tudo isso em um espaço fronteiriço atípico, que nem é de entrada e saída diária para trabalho e nem de fluxo de passagem. Em vista disso, Tapachula oferece uma boa perspectiva em razão das várias características de interação aí observáveis.

Referências

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Badiou, Alain; Bourdieu, Pierre; Butler, Judith; Khiari, Sadri; Rancière, Jacques; Didi-Huberman, Georges. **Qu'est-ce qu'un peuple ?**, Paris, La Fabrique, 2013.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BORGES, Jorge Luis. **Nova antologia pessoal**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

Castillo, Jaime Rivas (2008), Tejiendo redes frente al riesgo y la vulnerabilidad. Migrantes centroamericanos y organizaciones civiles de apoyo en Tapachula, Chiapas, Tesis de maestría en Antropología Social, San Cristóbal de las Casas, México: CIESAS.

Castillo, Jaime Rivas (2011). ¿Víctimas nada más?: migrantes centroamericanos en el Soconusco, Chiapas. *Nueva antropología*, 24(74), 9-38. Recuperado en 01 de noviembre de 2018, de http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-06362011000100002&lng=es&tlng=es.

CORAZA DE LOS SANTOS, ENRIQUE, Territorialidades de la migración forzada. Los espacios nacionales y transnacionales como estrategia política. **Espacialidades**. Revista de temas contemporáneos sobre lugares, política y cultura [en línea] 2014, 4 (Enero-Junio) : [Fecha de consulta: 1 de noviembre de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=419545121007>>

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro (RJ): Ed. 34, 2010.

Fábregas Puig, Andrés 2005 “El concepto de Frontera: una formulación” en Rordríguez, Alain Basail (coord.) *Fronteras des-bordadas: ensayos sobre la frontera sur de México* (Distrito Federal: Ediciones Casa Juan Pablos).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

Hannerz, Ulf. (1997). Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, 3(1), 7-39. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000100001>

LASSITER, Luke Erik. The Chicago Guide to the Collaborative ethnography. Chicago: Library of Congress Cataloging-in-Publicatiuon data: 2005

Melo Neto, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera. España: Book Print Digital*, 2015.

Ortiz, Roxana Rodríguez. 2017. Cartografía de las fronteras. Ciudad de México. Roxana Rodríguez Ortiz.

Schutz, Alfred 2010 “O estrangeiro” en *Revista Espaço Acadêmico* (Maringá: Universidade Estadual de Maringá) N. 113 outubro.

Sicilia, María del Pilar Montes de Oca (2010). El Chingonario: dicionário de uso, reuso y abuso del chingar y sus derivados. Ciudad de México: Editorial Lectorum.

Vargas, A. (2013). Reinterpretando la diplomacia de los Pueblos. Trabajos y Ensayos. *Revista del Master y Doctorado en Estudios Internacionales*, 17

Velasco, Álvarez Soledad 2010 “A la sombra del Miguel Hidalgo: análisis etnográfico del parque central de Tapachula” en *Revista LiminaR. Estudios sociales y humanísticos* (San Cristóbal de Las Casas: CESMECA) Año 8, vol. VIII, núm. 2, diciembre.

Villafuerte Solís, Daniel (2008), “El Soconusco: la Frontera de la Frontera Sur”, en Sánchez, José, Jarquín, Ramón (Coords.), *La frontera sur. Reflexiones sobre el Soconusco, Chiapas y sus problemas ambientales, poblacionales y productivos*, México: Senado de la República/ ECOSUR, pp. 157-168

Villafuerte Solís, Daniel, García Aguilar, María del Carmen, Algunas causas de la migración internacional en Chiapas. *Economía y Sociedad* [en línea] 2008, XIV (Enero-Junio) : [Fecha de consulta: 1 de noviembre de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=51002103>> ISSN 1870-414X

Weber, Max 1995 *Metodologia das Ciências Sociais* (Rio de Janeiro: Editora Cortez) Parte 2.

IV

*Apenas nos pusimos en dos pies
Y nos vimos en la sombra de la hoguera
Escuchamos la voz del desafío
Siempre miramos al río, pensando en la otra rivera*

*Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias, sino equipaje
Nunca estamos quietos, somos trashumantes
Somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes
Es más mío lo que sueño, que lo que toco*

Jorge Drexler - Movimiento

4 TERRITORIALIDADES DE LA FRONTERA SUR DE MÉXICO Y SUS ESPACIOS DE APOYO A LA MOVILIDAD

Resumen.

Este texto tiene como centro de gravedad la preocupación por las territorializaciones miradas a través de una localidad de frontera, la ciudad de Tapachula. Cuando hablamos de territorializaciones nos referimos a un proceso que comporta un doble cambio: geográfico y psicosocial. Éste se desencadena cuando las personas se ponen en movimiento a través de los bordes, los límites, las fronteras; es decir, cuando salen de su territorio, su espacio primario de pertenencia y se adentran en otros mundos de posibilidades, siguiendo los aportes de Deleuze y Guattari (2010).

La investigación que sustenta este trabajo se realizó a través de un trabajo etnográfico que incluyó la observación participante, así como entrevistas a las y los actores claves, tanto de las organizaciones de la Sociedad Civil (OSC) como personas en situación de movilidad.

Palabras Claves: Territorialización, Organizaciones de la Sociedad Civil, Frontera Sur de México.

Abstract.

This text has as its center of gravity the concern for territorializations through a borderline town, the city of Tapachula. When we talk about territorializations we refer to a double change process: geographical and psychosocial. This phenomenon, in reference to the contributions by Deleuze and Guattari, is triggered when people put themselves in movement through borders, borderline spaces, borderlands; that is when they leave their territory, their primary space of belonging to enter other worlds of possibilities.

The foundation of this research was carried out through ethnographic work that included participant observation, as well as interviews with key social actors, both civil society organizations (CSO's) and people in mobility situations.

Key Words: Territorialization, Civil Society Organizations, Southern Border of Mexico.

Introducción

Atendiendo a la cuestión de cómo se identifican las personas en los múltiples territorios por los cuales transitan y los procesos de desterritorialización, transterritorialización y reterritorialización de vidas, nos concentramos en la cuestión sociológica de pertenencia o identificación territorial, desde el concepto de apartheid íntimo y dimensión étnica del *habitus*, a partir del estudio de Burgois y Schonberg (1999). Nos referimos a reterritorialización de vidas y no de personas debido a que,

como se podrá observar en la discusión que este relato presenta, cuando las personas se ponen en marcha, cosas, espacios y territorios también son agenciados (Latour, 1994; Ingold, 2015). Así se conecta la sociología de la acción (Weber, 1995; Bourdieu, 2006), a la geofilosofía (Deleuze y Guattari, 1995, 2010).

El estudio que da origen a este análisis es de corte etnográfico y se desarrolló en la ciudad de Tapachula. Esta localidad está ubicada en el Estado de Chiapas, en la denominada “frontera sur de México”, próxima al límite con Guatemala, en la región de Soconusco¹⁰⁰. El importante flujo económico que genera esta fértil región, a la que pertenece Tapachula, hace que sea conocida como capital informal del estado de Chiapas.

El método de recolección de datos utilizado es la observación participante realizada como parte del proceso etnográfico desarrollado entre los meses de febrero y agosto de 2018. Dicho trabajo se desarrolló, principalmente, en los espacios de las OSC que tienen como fundamental cometido la asistencia y ayuda a personas en situación de movilidad (movilidad laboral transfronteriza, migración económica y forzada y solicitantes de refugio o visa humanitaria) que llegan a Tapachula, sobre todo provenientes de los países del norte de Centroamérica -Guatemala, Honduras y El Salvador-, aunque en menor cantidad también de Medio Oriente, África, el Caribe, Colombia y Haití. Asimismo, se aplicaron entrevistas con responsables de las coordinaciones de las OSC, así como con aquellas personas usuarias de las mismas, en su mayoría en situación de tránsito. Los hallazgos aquí reseñados, son resultado de testimonios recogidos a través de entrevistas semi estructuradas para dar lugar a relatos de vida que permitiera observar no sólo las circunstancias de vida, sino también las formas de estructurar los propios relatos.

Debido a que las OSC fueron los espacios institucionales y de acogida para acceder a las personas, sobre todo en tránsito, comenzamos la observación desde sus territorialidades, permitiendo acceder a la información, tanto desde el aspecto de quien se pone en movimiento, como de aquellos y aquellas que les apoyan. Realizamos el análisis de la ciudad de Tapachula como territorio de frontera, con el objetivo de comprender la relación espacial (en un sentido territorial) entre la persona en movimiento y los espacios institucionalizados de paso o llegada. Es observar la

¹⁰⁰ La región Soconusco, sobre la costa del Pacífico, es una de las XV regiones socioeconómicas en las que se divide el Estado de Chiapas. Fuente: http://www.ceieg.chiapas.gob.mx/home/wp-content/uploads/downloads/productosdgei/CIGECH/CIGECH_REGIONES.pdf (Consulta el 7 de agosto de 2018).

denominada *Perla de Soconusco* (como se le conoce a Tapachula) con una mirada antro-po-sociológica para comprender su intenso y curioso movimiento, utilizando el método etnográfico, y construyendo los instrumentos para formar una cartografía de este territorio de frontera.

El análisis territorial aquí presentado es revelador, sobretodo, de dos procesos muy singulares que mueve, al o la migrante, en el mapa cartográfico de su rol central. Primero, a través de la burocracia que tienen que enfrentar las personas en movimiento, los papeles, las constancias, el tiempo, los requisitos. También, y de forma más velada, el papel que las agencias de financiamiento de las OSC (sobre todo organismos internacionales y organizaciones e instituciones extranjeras) desempeñan y que, en cierta medida, promueven acciones de éstas, que interpretamos, se realizan para justifican las inversiones a través de la realización de eventos y actividades que, por lo regular, solo sirven como “evidencias” del uso de los recursos obtenidos.

4.1 En tierras huacaleras¹⁰¹

Este texto fue pensado desde la experiencia vital, conectado con las teorías explicativas y que permite confirmarlas como instrumentos útiles a partir de su pertinencia. No nos adscribimos a una gran teoría que sirva de referencia general, aunque nos parece muy pertinente pensar los movimientos desde los procesos de territorialización. Esto, porque esos procesos nos ayudan a reflexionar sobre esta frontera que vive una dinámica intensa de tránsitos, de partidas y llegadas. Pensamos así, las movilidades como líneas de vida de acuerdo con el pensamiento de Ingold (2012; 2015), como todas las conexiones que se dan entre las personas y las cosas. Aquí, reparamos en las cosas que hacen las personas que terminan definiendo lo que son, por ejemplo, un desplazado, que más allá de las ropas que viste y su equipaje, sólo es conocido e identificado por lo que es, un sujeto en movimiento, por su territorio de partida y las constancias y permisos que porta en el territorio de llegada.

Otra perspectiva importante para pensar esta frontera, es la categoría de territorialización de Deleuze y Guattari (2010). Los autores nos enseñan cómo cambiar de territorio, y en este caso, moverse a través de fronteras, bordes, límites, es cambiar

¹⁰¹ A los tapachultecos y tapachultecas se les conoce como Huacaleros y a Tapachula como tierra de Huacales, en razón de un árbol con ese nombre característico por su fruto, una especie de jícara que sirve de recipiente para llenar de agua y auxiliar en la ducha para echársela por encima.

también de pensamiento. No se trata de simple asimilación, sino más bien de incorporación de nuevos sistemas de pensamiento para, en relación con ellos, poder construir la nueva vida, nuevas cosmologías. Arturo Escobar sintetiza estos dos puntos de esta manera:

“En estas ontologías, los territorios son espacios-tiempos vitales de toda comunidad de hombres y mujeres. Pero no solo es eso, también son los espacios-tiempos de interrelación con el mundo natural que circundan y es parte constitutivo de este. Es decir, la interrelación genera escenarios de sinergia y de complementariedad, tanto para el mundo de los hombres-mujeres, como para la reproducción de los otros mundos que circundan al mundo humano” (Escobar, 2014: 104).

Para pensar estos movimientos de des-trans-reterritorialización, miramos esta realidad desde extranjeros que han coincidido en la ciudad de Tapachula (en un caso como espacio para el tema de su investigación doctoral, en el otro, como investigador que estudia las movilidades y los espacios transfronterizos), una localidad que por definición es una típica ciudad de frontera, aunque en un sentido geográfico estricto no esté en el límite¹⁰². Entonces, tendríamos que pensar la frontera más allá de la geografía o de la política. La frontera debe aquí ser comprendida en toda su multiplicidad y en ese sentido, Tapachula representa lo múltiple, lo diverso, aunque que se piense en una caracterización desde su identidad, como los Huacales, por ejemplo, o de manera más fuerte y rígida en clave de lógica Estado-nación, como el último bastión de la defensa de los valores culturales de México.

Esta ciudad está en una región muy particular, compartiendo elementos de semejanzas, en tanto localidad de la frontera sur, con las de la frontera norte, pero a la vez, diferencias por su carácter de transfronteriza con elementos de identificación fuerte con Guatemala (Coraza, 2018). La región del Soconusco y Chiapas, como parte del territorio mexicano, es resultado de un conflicto moderno que va de 1822 a 1882 en la que, siendo parte de Guatemala, pasó por momentos de independencia hasta, finalmente, incorporarse a México. Esto, le imprimió un carácter de interrelaciones e

¹⁰² Tapachula se encuentra a 19 km. del límite con Guatemala, aunque por su tamaño y población (es la segunda ciudad del Estado de Chiapas por debajo de Tuxtla Gutiérrez, capital del Estado) es la referencia más importante para quienes transitan por esta región tanto desde México como desde Guatemala y Centroamérica. Su centralidad proviene de que en ella se encuentran la mayor parte de instituciones, asociaciones, organizaciones y organismos que se ocupan de la asistencia, ayuda y control de la población en situación de movilidad.

identificaciones que trascienden las imposiciones histórico político administrativas, alcanzando dimensiones familiares, culturales, sociales, comerciales, laborales, de atención en servicios y de movilidad permanente. A ello, debemos sumar la presencia del pueblo originario *mam*, perteneciente a la familia maya que, a partir de la partición del territorio en dos países, terminaron constituyéndose en un pueblo bi nacional (Toledo y Coraza, 2018).

En otro sentido complementario, la región del Soconusco tiene un desarrollo económico importante que potencia aún más su carácter de región socio económica donde predomina el sector agrícola (café y frutos tropicales), implementación de infraestructuras (ferrocarriles, autopistas, puertos) pensadas como instrumentos de fortalecimiento de la región y del país con proyección regional; en un puente entre Centroamérica y América del Norte. Sin embargo, la realidad histórica finalmente evidenció que toda esta inversión enmarcada en los planes de desarrollo nacional, no cuajaron en el sentido pensado originalmente, y no contribuyeron a poner al Soconusco como un área fuertemente exportadora, ni nacional ni internacional (Villafuerte, 2010).

Tal escenario, nos pone en un territorio especialmente relevante para el estudio de las distintas territorialidades en vista de la mezcla altamente heterogénea, si se observa en clave de nacionalidades, etnicidades, género, o perspectivas políticas y realidades socioculturales. Sin embargo, si lo pensamos en términos de procesos – sociales, culturales, económicos, políticos, históricos-, tal vez deberíamos pensar al Soconusco y Tapachula, más como parte de una cosmología, en un sentido filosófico, Centroamericana, que mexicana o norteamericana.

Somos conscientes que nuestras afirmaciones deben tomarse con mucho cuidado, pues existen también resistencias y características que ligan a los tapachultecos al resto de México. Ello es muy perceptible en las expresiones culturales y en las identificaciones con este *tipo ideal* nacionalista del *ser mexicano*, la permanencia consciente de una bien marcada distinción, sobre todo respecto a Centroamérica y su población. Al mismo tiempo, no queremos caer en estereotipos y generalizaciones que no se corresponden con las realidades individuales y grupales, utilizamos estas aproximaciones como formas de expresar la complejidad de un espacio territorial diverso, con contradicciones y conflictos, a la vez que dinámicas propias de las fronteras.

Por ello, Tapachula debe ser comprendida dentro de esta tensión, al mismo tiempo puede ser considerada como localidad de paso, pero también de permanencia

para personas en situación de movilidad/transitoriedad. Esto, es evidente cuando uno arriba a la ciudad, esta intensa dualidad que vive con aquellos que están en movimiento, que dejan sus territorios de residencia y utilizan este territorio como tránsito o destino, como circulación o como hogar. Por todo lo anteriormente expresado, es que nos referimos a Tapachula como una ciudad de frontera, por convivir con la movilidad y, derivado de ello, se convierte en punto central para nuestro análisis. Importante, además, por ser sede de OSC, instituciones de gobierno, organismos internacionales, representaciones diplomáticas y hasta instituciones académicas de estudios de migraciones y fronteras.

Más allá de la noción colonizadora de tierra vacía y, por lo tanto, libre para ser ocupada, Tapachula es considerada como frontera porque conlleva tensiones no siempre claras o explícitas de las distintas formas de ser y maneras de ocupar y de relacionarse con el territorio. Estas varias ecologías viven juntas en esta ciudad que respira el movimiento de las personas, a la vez que lo quiere ocultar, invisibilizar. Así lo considera Puig cuando analiza procesos de movilidad social en Centroamérica; para él, “...las configuraciones regionales son el resultado de una historia que integró comunidades de cultura dentro de un territorio, o bien, comunidades de cultura y comunidades políticas en un mismo ámbito espacial” (2005: 40).

Cuando comenzamos a analizar las redes de asistencia al migrante o solicitante de refugio en territorio tapachulteco, es cuando percibimos que, hacerlo desde la óptica de los espacios ganaba sentido. La manera en cómo están éstos constituidos, y su distribución en la trama urbana, dice mucho sobre aquellos que aquí llegan y cómo se mueven en su interior. En este ejercicio de comprender como las instituciones reproducen las múltiples territorialidades, se desarrolló un trabajo directo y participante en OSC.

La experiencia que una persona tiene cuando llega a Tapachula escuchando las conversaciones en lo inmediato, como en un taxi desde el aeropuerto, o desde la estación de autobuses hasta su destino, es de que ocurren varias cosas asociadas al fenómeno de la migración. Más allá de expresiones que podrían catalogarse como prejuicios, o xenofobia, son representaciones sociales validas de una población que asocia, y no como parte de una casualidad, la migración con la violencia, la inseguridad, las dificultades laborales y que enfrenta este colectivo a la población en general en una suerte de competencia entre los huacaleros y los que están en movimiento. En ese sentido, consideramos que movimiento es la principal característica que define a esta

ciudad, esto sin confundir con avances en términos de movilidad social, económica, política, cultural o estructural. También estas tensiones derivan en exclusiones, marginaciones, violencias que se suman a las que vive el Estado de Chiapas y su población respecto al conjunto de México.

En estas metáforas que utilizamos, hasta se podría sugerir que esta ciudad flirtea con el pasado y futuro a la vez, y que escapa de las lógicas occidentales del capital bajo algunos aspectos, como ciertas prácticas de regalar o cambiar alimentos, las mujeres que llevan sus hijos tirando de cubos sobre llantas, la atención en salud y enfermedad entre lo institucional y lo alternativo, la fuerte presencia del comercio informal, incluso transfronterizo, el sistema particular, y a veces peligroso por las formas de conducción del transporte público, entre varias otras cuyo detalle escapan al objetivo de este texto. Al igual, estas referencias sirven para poner al lector o lectora dentro del contexto de esta ciudad que encanta, atrapa, encandila, atrae, justamente por los detalles: la Perla de Soconusco no es vertical, solo funciona en horario comercial y en las noches duerme, el polvo y la arena en cada rincón de este lugar, dicen de una cierta estática, o quizá que el viento sopla en sentido contrario a la dirección de cierto pretendido desarrollo de una modernidad, tal como lo concibe Giddens (1990), pero que es, en esencia, valorización de aquello que le es propio en cuanto espacio.

Es un territorio repleto de dualidades que, desde 1882, sufre variadas presiones que relacionan la perspectiva de tierra vacía y de nacionalización de la tierra, entre la explotación agrícola y pecuaria extranjera, y el fortalecimiento de rasgos nacionalistas (Villafuerte, 2010). Tapachula, está en una micro cuenca particular, de inviernos calientes y veranos lluviosos, casi a nivel del mar, pero rodeada de montañas, en ellas, destaca la presencia imponente y mítica del volcán Tacaná (4.092 mts. de altura)¹⁰³. Sus estaciones, como parte de un sistema tropical, se divide en tiempos de sequía y tiempos de lluvia, en lugar de las estaciones de las zonas templadas. Región de una gran biodiversidad, producción cafetalera en las zonas altas, y platanera, mangonera y agauacatera en las planicies, a nivel de un Océano Pacífico, que revienta con ímpetu sus olas en Playa Linda o son aguas tranquilas en los muelles de Puerto Madero. Ciudad

¹⁰³ Además de importante en la medida que es, visto de norte a sur, el primero de la larga serie de volcanes que recorre como espina dorsal Centroamérica, pero también una figura importante para la cultura Mam que en esta región tiene su asiento y que lo considera como nuestra madre, muy cerca y enfrentado a otro, el Tajumulco, ya del lado del límite guatemalteco que representa nuestro padre para la misma cultura.

que, al mismo tiempo está a pocos minutos del mar, y a otros tantos de las frías montañas.

Pero esta presencia intercultural, diversa, que marca, que tiene presencia y caracteriza a Tapachula, también es ausencia. Ausencia en dos sentidos principales: de un lado, las personas de fuera son invisibilizadas o se transforman en invisibles, alejadas, como ajenas al espacio. Los tapachultecos no se reconocen en esta ciudad como una ciudad frontera. En conversaciones con varios colectivos de migrantes y solicitantes de refugio, esta es la primera cosa que expresan con fuerza, que necesitan, la ayuda, llegan procurando auxilio, y, al menos, les gustaría encontrar una mirada, un saludo, pero en la mayoría de los casos reciben rechazo, señalamiento cuando no persecución y represión.

Nos parece que Tapachula es frontera, es límite, no sólo por su ubicación geográfica, o como parte de ello, sino porque es ciudad paso y permanencia a la vez, y así, el territorio-casa para unos, es territorio-nación para otros. Territorio-casa porque aquí las personas que están en movimiento buscan, y a veces encuentran, abrigo, techo y (sub) empleos. También algún reconocimiento, pero siempre “bajo bandera”, siempre extranjeros, siempre parte de un otros, no un nosotros. Territorio-nación que se categoriza pensando en el término del nosotros mexicanos que se (auto) reconocen como tal, habitantes de un lugar que se identifica por sus costumbres, como las performances (Butler, 2003), el chingonario (Sicilia, 2010), su cultura popular y tradicional, el folclore y, para algunos y algunas, sus fuertes rasgos todavía presentes de las culturas ancestrales (Thompson, 2014).

En el párrafo anterior mencionamos la expresión reconocimiento “bajo bandera”. Ello se debe a que, con frecuencia, escuchamos en las OSC e instituciones y organismos internacionales, tanto por parte de quienes ahí trabajan, como de quienes reciben asistencia, que existen trabajos, actividades específicas que están destinadas a personas de acuerdo con su nacionalidad. En una oportunidad, se participó de una reunión considerada como muy importante, organizada por una de las instituciones donde se desarrolló el trabajo de campo. En la misma, estuvieron representadas las diferentes instancias de gobierno, de la academia, del comercio local, de asociaciones regionales de trabajo agrícola, e incluso de las fuerzas de seguridad del Estado y dos representantes de la Organización Internacional para las Migraciones (OIM-ONU). Durante el desarrollo de la misma, fue posible escuchar, en dos oportunidades, el hecho de que guatemaltecos, salvadoreños y hondureños tienen cualidades muy específicas de

acuerdo con su país de origen. Es decir, por un lado, se reproducen prejuicios limitadores de capacidades individuales y, por otro, permite entender mucho de una concepción de la territorialidad como estereotipo, en un sentido diferente de lo que utilizamos en este artículo.

El binomio presencia-ausencia también se revela en los procesos interrumpidos. Así, denominamos a las ausencias repentinas que el movimiento y el deseo inicial de llegar a un destino, muchas veces los Estados Unidos, forja. En este proceso, se produce una expropiación de sus cuerpos, una receta, como la define dice Alfred Schutz (2010), que permite o busca, mejorar la adaptación social.

Lo aquí expresado se considera como parte de las nociones de desterritorialización y reterritorialización que orientan este artículo, y la investigación aún en curso. Cuando todo se mueve por, a través, de las fronteras, es decir, cuerpo y pensamiento, papeles y accesorios incorporan otro plan de inmanencia (Deleuze y Guattari, 2010). Y aquí destacamos un aspecto curioso, el plan inicial – que en muchas ocasiones es llegar a los EUA – se deshace, se desvanece, se interrumpe, se frustra, se transforma y las personas dicen que finalmente se quedan en Tapachula. Pero ¿por qué? porque el entorno, el paisaje, las personas, las dinámicas, los códigos le remite a la territorialidad de sus países. Entonces esta frontera se transforma, se constituye en el paso de residencia temporal a hogar, por todas esas correspondencias que remiten a cercanía de sus terruños.

“en las fronteras hay un nuevo centro floreciente no sólo porque así las asumen quienes las habitan, sino porque son centro de la preocupación sociopolítica, económica, cultural y ambiental por la formación y recomposición del espacio de relaciones sociales que las definen” (Rodríguez, 2005: 13).

También la vida en una ciudad de frontera está marcada por fracturas, por grietas, por huecos que de acuerdo con la entidad pueden percibirse como abisales. Son relaciones que se desarrollan en las tensiones del juego social, entre quienes necesitan ser acogidos y acogidas, y aquellos que con ellos se sensibilizan en el trabajo de asistencia y ayuda (Jiménez, 2014). Esto es algo constatable en el trabajo directo y participante en las OSC. Se comparten experiencias, saberes, rutinas, y repentinamente uno descubre que la persona a la que se había recibido, a la que se estaba apoyando, con la que se había establecido cierto vínculo de empatía, ya no sigue en la ciudad. El plan

de seguir viaje es algo que no se disipa de la mente de quienes están en situación de movilidad; Tapachula, en la mayoría de los casos entrevistados, nunca fue un proyecto de vida, un destino. Los que aquí decidieron quedarse, lo hacen ante la posibilidad de conseguir un mecanismo de protección (internacional o nacional) que les garantice su estancia y les evite ser deportados. De esta forma, en estas personas encontramos, a través de los testimonios, razones muy variadas para permanecer, aunque es creciente esta afirmación de hacerlo por la cercanía y la percepción de no estar tan lejos de casa. De una casa que, en buena parte de los casos, ya no existe como tal, como vivienda, hogar, sino que más bien remite a un afecto por el territorio, muy presente en los relatos de personas que han intentado por segunda, tercera o más veces, llegar a la frontera norte de México¹⁰⁴.

Lo expuesto, trastoca otro punto interesante en esta relación presencia-ausencia. Frente a la frecuencia de los sentimientos de grieta, de huecos, de falla abisal, se puede constatar una naturalización de los procesos interrumpidos. Esta naturalización produce una ausencia anticipada desde la sociedad que los recibe, hasta en las instituciones de apoyo y asistencia.

El problema de la fricción, en estos casos, se da al revés, porque la sociedad receptora prevé la falta que dará lugar a la partida, y entonces, limita sus posibilidades de atención y acogimiento. Esa es la concepción que se ha podido percibir en las OSC, como explicaremos en el próximo epígrafe, pero, de manera general, también se puede observar en la sociedad tapachulteca. Los resultados preliminares a los que llegamos, es que no se hace todo lo posible para otorgar las mejores condiciones para asistir a las personas en situación de movilidad, algo que permite explicar situaciones como el subempleo, el recurso a la informalidad o trabajos con poco reconocimiento, cuando no el rechazo social. Para ejemplificarlo sería como decir: van a desaparecer, por tanto, vamos a hacerlos invisibles. Esta es la otra cara de la presencia-ausencia en la frontera, como si fuera en sí, un dibujo que desdibuja vidas.

¹⁰⁴ Este fenómeno de identificación de Tapachula con el hogar dejado, es algo que observamos como reciente, al menos en los testimonios recogidos en años anteriores, o en expresiones de las OSC no aparecía, sino que el efecto llamada del norte era dominante. Por tanto, muchas de las afirmaciones que aquí realizamos se hacen como parte de hipótesis insertas en el proceso de investigación de las movilizaciones en la región y que se irán consolidando como realidades en la profundización de la evidencia empírica.

4.2 Instituciones, espacios y territorialidad¹⁰⁵

El trabajo de campo se realizó en espacios que se ocupan de la asistencia y apoyo a población en situación de movilidad en la frontera sur de México con presencia en la ciudad de Tapachula. En éstos se desarrollaron los más variados trabajos y actividades, como limpieza, elaborar masa de pan, hornear panes dulces (como cuernitos, conchas, galletas, etc.), trabajo de oficina, escribiendo y analizando datos, apoyo en actividades culturales, clases y talleres variados para niños y adolescentes. Al mismo tiempo, se realizaron entrevistas con migrantes, tanto dentro de las OSC como en otros espacios públicos de la ciudad y en localidades cercanas a Tapachula. A través de las OSC se pudo establecer puentes y contactos que permitieran localizar y hablar con las personas que llegan de otros países buscando apoyo, en forma de entrevistas para obtener testimonios, relatos de vida, que de otra manera se nos haría más difícil por rechazos o silencios identificados como mecanismos de auto protección e invisibilidad frente a un peligro que perciben no desapareció con la partida y la distancia. Por tanto, el objetivo fue comprender las relaciones de territorialización que establecen las personas en situación de movilidad con, y en estas instituciones. También nos concentramos en conocer cómo operan en una ciudad de frontera tales organizaciones, que más allá de apoyar a la gente que por ahí se mueve, también las atrapa y enlentece en sus caminos.

Por razones de espacio, en este artículo nos concentraremos en el análisis de una de las OSC donde se trabajó. Consideramos que los elementos que aquí reseñaremos serán ilustrativos del desarrollo de los aspectos teóricos y conceptuales arriba mencionados. En este sentido, nos parece importante relatar la estructura de la OSC, sus rutinas, organización y puntos de interés.

En una ciudad que recibe diariamente miles de personas en situación irregular (Alvarez, 2010), los diversos espacios de apoyo y asistencia a migrantes, desarrollan un gran abanico de actividades para atender a esta población en situación de vulnerabilidad, de fragilidad. Personas que, en muchos casos, arriban despojadas de su estructura y capital social (Bourdieu, 2006), se encuentran en la orilla de la orilla en la geografía de la desigualdad social (Harvey, 2004).

¹⁰⁵ En este apartado optamos por no revelar los nombres de las instituciones a partir de un acuerdo de confidencialidad y razones éticas.

La OSC donde se desarrolló el trabajo de campo se ocupa de niños y niñas migrantes y mexicanos en situación de extrema pobreza. La directora de esta organización, y el coordinador, son sociólogos de formación y en este momento están en una maestría en educación. Los voluntarios con los que cuentan provienen, fundamentalmente, de dos lugares: estudiantes de la carrera de Pedagogía de la Universidad Autónoma de Chiapas (UNACH) y estudiantes de posgrado o en régimen de estancia de investigación en El Colegio de la Frontera Sur (ECOSUR), unidad Tapachula. La institución, funciona desde 2015 y está en este momento situada en la zona sur de la ciudad. El equipo trabaja desde una perspectiva pedagógica nombrada como *Escuela Libre*, y el personal activo oscila entre 5 e 6 personas, de las cuales mitad o más son mujeres¹⁰⁶.

Esta OSC está localizada en la llamada área roja de violencia¹⁰⁷, lo que establece algunas condiciones especiales para el desarrollo de sus actividades. *Los chamacos*¹⁰⁸ que frecuentan la OSC residen en el área, y viven en casas con piso de tierra, techo y paredes de lona o cartones, sin abastecimiento de agua o tratamiento de deyecciones, calles sin pavimentar y sin aceras. El único servicio público existente, es la red eléctrica.

El área, constituida por tres colonias o barrios, posee un proceso histórico de ocupación, sobre todo ilegal, y luchas frecuentes de la asociación de moradores y la presidencia municipal de Tapachula por el derecho de permanencia. Las colonias están compuestas, en aproximadamente un cuarto de su población, por migrantes. Sin embargo, se reconoce la enorme dificultad por llegar a cifras fiables de la cantidad y composición exacta de sus habitantes a través de mecanismos de censo por tres razones: a) la violencia en las colonias con pandillas organizadas; b) el intenso flujo de llegada y salida de personas, donde se calcula un porcentaje aproximado de un 40% de extranjeros en situación irregular (esto de acuerdo con las aproximaciones realizadas por algunas de las OSC con las que se trabajó); y, c) el miedo a ser localizados por funcionarios de migración o de las fuerzas de seguridad del Estado que se asocia con la posibilidad de deportación, situación que trae, como consecuencia, la invisibilidad y clandestinidad.

¹⁰⁶ Un dato a destacar es que en los espacios de atención y asistencia para migrantes y personas solicitantes de la condición de refugiado en Tapachula, la mayoría de quienes laboran allí, pertenece al género femenino.

¹⁰⁷ Caracterizada por ser espacios periféricos de la ciudad, de reciente ocupación y con índices de violencia e inseguridad muy altos.

¹⁰⁸ Forma coloquial con el que se denomina a los niños y niñas en México.

Quien por estas colonias camina, puede observar un escenario propio de los denominados campos para refugiados, pero en este caso, sin asistencia médica o servicio de apoyo psicológico o presencia de organismos internacionales. Las manzanas están divididas con algún rigor, y las casas separadas con muros y portones hechos de ramas, placas y trozos de lonas, que intentan retener los animales domésticos. Es una fotografía color café, con casas de los mismos colores que el de las calles de tierra, con pocos árboles, bajo un cielo azul celeste intenso. Todo constituye una atmosfera desértica, de un sol amarillo que disputa en color con el café y un verde casi inexistente, pero también disputa físicamente el espacio con las casas y bardas, ya que su presencia y alcance es casi ineluctable, ineludible.

Pegado en la pared del garaje de esta OSC, en un cartón, están las reglas de convivencia. Siempre se remite a él cuando se quiere señalar algún derecho u obligación que no han sido bien asimilados o se han ignorado. Lo interesante aquí, es el hecho de que los propios niños y niñas juegan bajo estos acuerdos, y es común que entre ellos y ellas se auto refieran y dirijan frente al cartón para señalar un acuerdo que no se cumplió. Esto es la aplicación de lo que dice Bruno Latour (1994), cuando afirma que las cosas también están influyendo en nuestra vida social, no solamente las personas. En nuestro enfoque priorizamos las experiencias de vida, las vivencias por sobre las explicaciones teóricas, sin dejar de tenerlas como referencia para señalar el papel de las cosas, de lo no humano también como actores sociales (Latour, 1994; Ingold, 2012 y 2015; Deleuze y Guattari, 2010; Derrida, 2011 y Escobar, 2014).

En el último mes que se desarrolló el trabajo de campo en esta OSC se produjo el cambio del domicilio, sin embargo, se mantuvo la característica de que el espacio para las actividades con los niños y niñas es pequeño, pues se trató, en ambas ubicaciones, de una casa de las denominadas de protección social, las que son de tamaño reducido. En la primera se contaba con un espacio de garaje donde sucedían la mayoría de las tareas, que consistía en autoconocimiento, integración, respecto, dinámicas de fortalecimiento de estima, algunas tareas de coordinación motora, sala de lecturas, y división de tareas. Siempre presente estaba la propuesta de refuerzo de los Derechos Humanos, algo considerado de un alto valor para esta OSC como forma que los niños y niñas sepan cuáles son sus derechos, aun estando en otro país, aunque después sus realidades cotidianas les hagan vivir lo contrario.

Luego del garaje, había una sala que compartía el ambiente con una cocina que llegaba hasta el patio trasero. También desde la sala se podía acceder a dos cuartos

pequeños y un baño, igualmente pequeño. La parte de atrás de la casa tenía el depósito de agua y una escalera aún en obras que debía conducir a la parte superior de la casa. El espacio no permitía más que quince niñas y niños, y a veces esta capacidad era superada, lo que resultaba en situaciones de desorden. Los niños y niñas, que en general, llegaban a las clases que allí se impartían, sin asearse, con mal olor, piojos y muchas veces enfermos. Al llegar, eran organizados por edad para el desarrollo de las actividades. También se solicitaban o se producían espontáneamente voluntarios o voluntarias para actividades de colaboración de la casa.

La nueva casa, ubicada a pocos metros de la anterior, en la misma calle y manzana, no es muy diferente en tamaño, solo se pierde el espacio de garaje, que ahí no tiene tejado ni portón, lo que genera alguna inseguridad a la integridad física de los niños y niñas por el fácil acceso a la calle. Este espacio, en un área de la ciudad que podríamos considerar como la orilla de la orilla, permite que las personas que ahí viven puedan frecuentar los beneficios que brinda esta OSC, algo que no pueden ofrecer otras que, si bien desarrollan funciones similares, al no estar en estas colonias, no guardan esta relación de identificación con el espacio próximo donde se habita. Más allá del concepto de experiencias compartidas de Schutz (2010), esta realidad se encuentra más cerca de la noción de pertenencia que enseña Stuart Hall (2003), pero aquí, hay una relación directa con el espacio, y no solamente con las personas con las cuales se establece la misma.

Un elemento siempre presente es el de la violencia que se traduce en una gran sensación de miedo en el equipo de trabajo, sobre todo en las personas del género femenino. Durante los dos primeros meses del trabajo de campo, la primera casa de la OSC estaba ubicada en una esquina, donde se hacía sencillo para las personas vecinas brincar el muro e invadir el espacio de afuera de la casa, y llevar cosas que podrían considerarse como sin importancia: jabón, escobas, cubetas, algún vaso plástico que por descuido se ha olvidado de recoger. Diariamente las personas se llevaban cosas sin un valor material substancial, pero que vistas las posibilidades económicas de la organización y referido a la sensación de seguridad se podrían considerar como fundamentales. Este hecho explica la existencia de cuatro candados en cada puerta, rejas en las ventanas como estrategia de disuasión y protección.

Este espacio, en un área de la ciudad que podríamos considerar como la orilla de la orilla, permite que las personas que ahí viven puedan frecuentar los beneficios que brinda esta OSC, algo que no pueden ofrecer otras que, si bien desarrollan funciones

similares, al no estar en estas colonias, no guardan esta relación de identificación con el espacio próximo donde se habita. Aquí, hay una relación directa con el espacio, no solamente con las personas con las cuales se entabla el contacto en la OSC. Es aquí que una re-apropiación del concepto de apartheid íntimo se nos presenta como llave de lectura para comprender como las personas territorializan algunos espacios, y otros no. Es decir, más allá de una sociedad imaginada a través de la identificación cultural, como la que se expresó respecto de la población centroamericana en Tapachula, las personas de paso están comprendidas como un pueblo “ajeno” a los tapachultecos, sin embargo, para quienes llegan movilizándose desde el otro lado del límite, sí existe una identificación que viene de una corporización de las costumbres en sus espacios de origen, que les autoriza y les dota de herramientas decodificadoras para adentrarse, o no, en ciertos espacios.

Las personas que frecuentan esta institución, niñas y niños, y, eventualmente las mamás y tías (cuando ayudan en la cocina), encuentran en este conjunto de elementos físico-estructurales una correspondencia que genera una identificación. El argumento aquí es que se establece una relación de pertenencia que está más allá de las interacciones entre paisanos o foráneos, que *per se*, podría producir un efecto de “comunidad” (tal vez como comunidades imaginadas de Anderson, 1983). Es decir, lo que ocurre en este caso es una identificación con el territorio y las cosas que están ahí a disposición; la pertenencia acontece de sujeto a sujeto, pero también entre sujeto y objeto, como vimos en la definición de territorio de Arturo Escobar (2014).

Además del trabajo etnográfico en los espacios de atención, también se realizaron momentos de observación participantes en el centro de la ciudad de Tapachula, sobre todo en aquellos lugares donde concurren o suelen reunirse las y los migrantes. Se participó de varios eventos que las distintas OSC, OI, organismos internacionales o instituciones de gobierno promovieron destinada a la población en situación de movilidad. Los mismos incluyeron juegos, talleres, presentaciones culturales, que tenían como motivo la exposición de costumbres y tradiciones de los países de origen de las y los migrantes, como su gastronomía y que, en todos los casos estaban destinadas a grupos diversos en edades, género y estructura social. Un hecho observable, es que en los lugares donde se desarrollaron estas actividades, muchas veces compartidas por varias instituciones u organizaciones de atención a migrantes, cada una de ellas se presentaba de una forma muy visible y diferenciada a partir de distintos elementos -carpas, banners, playeras, y gorras-, donde se proyectaba, de una forma muy

marcada, los colores y el nombre de la institución promotora. Por ello, nos surge la pregunta de cuál era el sentido real de estos eventos, si la atención centrada en las personas migrantes, o una estrategia de visibilización y marcar presencia de las organizaciones e instituciones, que también podría formar parte de las evidencias necesarias para justificar los recursos recibidos por los distintos organismos de financiamiento, a la vez que una disputa por la legitimidad de su trabajo con las y los actores sujetos de ayuda/asistencia.

Esta imagen que se ha intentado relatar, contribuye con un elemento más a reforzar esta idea que habíamos expresado anteriormente de Tapachula como una ciudad en movimiento, donde las instituciones, son un componente más de ese movimiento. Sin embargo, podemos decir que el migrante como imagen, como actor social, en la práctica, no está en el centro de la red de observación, sino que es un objeto más que un sujeto, podemos decir que se mueve también epistemológicamente. Así como la marca de la modernidad, según Mignolo (2015), es la transformación del humano en objeto, desde su sistema económico y epistemológico, las migraciones traen consigo el hecho de quitar la humanidad de quien se pone en movimiento entre fronteras cuándo los transforma en mercancía, en el modo de producción contemporáneo (Aguiar, 2017). Y aquí surge un elemento donde el migrante, de sujeto de atención, es vuelto objeto de publicidad.

Cuando estudiamos la frontera y sus sociabilidades, tenemos que partir de un punto significativo, un elemento de diferenciación que presenta una ciudad de frontera, y es que, en ella, las estructuras sociales son más dinámicas en razón del flujo de culturas, o su transculturalidad, en los términos de Hall (2003). De esta forma, podemos observar esta fricción de qué colocamos en el centro del mapa, qué es lo que domina la territorialidad en una ciudad de frontera, si las personas que se mueven, o todo el espacio que se ha generado para su atención. Si es lo segundo, finalmente el migrante como sujeto social, es alguien que abona en la idea del tránsito o transitoriedad, alguien que sale de su lugar de origen y va a un destino, pero que, por aquí, simplemente pasa o permanece, pero no con una perspectiva de residencia permanente, pues no forma parte de su destino en su imaginario de lugar de llegada. Igualmente, aún en el tránsito o la transitoriedad, las personas se mueven en la ciudad ¿pero hacia dónde o cómo se mueven? Lo hacen a las instituciones que les puedan otorgar elementos de regularización, documentos, papeles que les eviten la detención, la deportación, que les permitan seguir o permanecer amparados por la institucionalidad, también se mueven

dentro del espacio urbano, primero suelen habitar en el centro de la ciudad por la proximidad de las organizaciones e instituciones a las que han decidido dirigirse para solicitar ayuda y orientación. Posteriormente, cuando conocen la ciudad, tiene la información necesaria, ya sea con resultados positivos o negativos, pero por distintas razones deciden permanecer, se mueven a las colonias –barrios- de la periferia, donde los costes de vivienda o las posibilidades de ocupar un terreno pueden ser más accesibles.

Proponemos pensar México como una gran falla que la, o el migrante centroamericano, fundamentalmente, pero todo aquel que se encuentre en proceso de movilidad, tiene que sortear si quieren llegar al norte. Y es cierto que esta es una visión generalizadora, no todas las personas tendrían que querer llegar al norte, pero si bien eso puede haber comenzado a cambiar, sobre todo por el contexto hostil de la llegada, ingreso y permanencia en Estados Unidos, aún es constatable. De las personas con las que contactamos y entrevistamos, ninguna de ellas estaba en la ciudad de Tapachula con intención de establecerse y vivir. De esa manera, la Perla de Soconusco, todo el tejido asociativo y de organizaciones que atienden a las y los migrantes, que los detienen en la ciudad, con diferentes temporalidades de transitoriedad, parece convertirse en una red que atrapa a estas personas y que las detiene, las frena en su objetivo de saltar la falla. Ahora, también podría verse, ese freno, obstáculo, como un instrumento funcional al papel geopolítico de México como el filtro, como el muro (in) visible en el sur para evitar que sigan y lleguen a las puertas de Estados Unidos. Si nos acercamos al límite con Guatemala en los estados del sur de México, podemos observar lo sencillo que es pasarlo, ingresar a México, ya sea a través de los ríos como de las llanuras, las selvas y las montañas, por tanto, nos preguntaríamos dónde está ese obstáculo. Aunque a diferencia de la frontera norte, no exista un muro material, éste se sustenta en los mecanismos diversos que van de los formales a los informales, pero rodeados de un contexto de violencia, abuso, vulnerabilidad, corrupción, violación de derechos humanos, delincuencia, común y organizada, exclusión, marginación, xenofobia y hasta racismo. Para el caso de las OSC y OI su principal papel es la de servir al migrante, sin embargo, también podemos considerar que abonan en estos mecanismos de control pues al detener a las personas que se enredan en los servicios de atención y asistencia, también son pasibles del control, detención y deportación. Lo que queremos transmitir es que existe todo un entramado complejo que, por un lado, tiene la apariencia de

porosidad, de permeabilidad, pero, por otro, existe una materialidad de mecanismos de control, detección, detención y en muchos casos, expulsión.

Algunas consideraciones finales

El texto aquí presentado nos permitió reflexionar a partir de lo vivencial sobre lo que significa vivir en una ciudad de frontera, como son y se manifiestan sus dinámicas, sus flujos y movimientos alrededor de las personas y todo el entramado que se ha ido construyendo a su alrededor, representado por las instituciones, organizaciones y organismos destinados a su atención y asistencia. Participamos de la vida urbana de una forma activa en una actitud de observación participante y de investigación etnográfica, sistematizando la información de campo durante un período de siete meses. El material obtenido, se convirtió en un acervo importante de información reunida a partir de anotaciones de campo, entrevistas, tanto en los espacios de atención como a las y los migrantes, ya fueran en tránsito o en situación de permanencia en la ciudad de Tapachula. Los resultados, las conexiones entre los hechos, las circunstancias y los fenómenos que nos permitieron establecer a partir de la información recabada, constituyen las consideraciones e ideas aquí aportadas.

Observamos una forma diferente de vivenciar la territorialidad a partir de una relectura del concepto de *apartheid íntimo* (Burgois y Shonberg, 1999) como parte de las relaciones propias de las sociedades occidentales en la búsqueda de no colonizar al otro, a la vez que realizar una conexión entre sujetos y objetos. Si bien los autores parten de un estudio de una población en situación de calle y analizan sus ocupaciones del territorio, nosotros observamos una correspondencia íntima no sólo entre personas (las que están en situación de movilidad), sino también con los espacios (en este caso los de atención y asistencia a este colectivo). El grupo estudiado se mueve, en Tapachula, en diferentes espacios, aunque en un principio, como grupo, podríamos identificar en las personas que lo conforman, necesidades e intereses comunes. Afirmamos que lo que determina la presencia de las personas en uno u otro espacio – territorio – es el grado de identificación que establezcan con el mismo. Eso se muestra cuando en nuestras visitas a las colonias distantes del centro de la ciudad, encontramos personas que no buscan organizaciones que pueden apoyar con servicios de salud o educación y trabajo, como sí lo hacen en el primer cuadro de Tapachula, sino que su

búsqueda está asociada a las características del espacio donde habitan. Personas que viven en las orillas de la ciudad se acercan a las organizaciones próximas a ellas, las que comparten su mismo territorio, esto a partir de una combinación de posibilidades, *habitus* de clase y hasta estrategias de invisibilidad frente al miedo a ser localizados.

Este contexto particular, se produce derivado de ese carácter complejo y diverso que tiene la ciudad de Tapachula, como ciudad de/en tránsito, pero también de permanencia, lo que conforma una humanidad intercultural de una gran intensidad, provocadora de cercanías y distancias, tanto reales como simbólicas. Un ejemplo de ello es el propio Parque Miguel Hidalgo, en el centro de la ciudad, espacio propio de sociabilidad de la sociedad local que, con la presencia de las y los migrantes, terminó por abandonarlo para no compartir esa sociabilidad y, finalmente, desde la propia institucionalidad municipal, erigir otro parque destinado a “los tapachultecos y tapachultecas” que es el Parque Bicentenario. Por tanto, una cercanía, provocó distancias, o más bien marcó distancias materiales como evidencia de distancias sociales, culturales e ideológicas. Es más, para reforzar esta imagen se puede observar como la acción de la fuerza policial municipal actúa de forma diferenciada respecto al migrante en uno y otro parque, mientras la tolera en el Miguel Hidalgo, la reprime y expulsa en el Bicentenario, una muestra clara de definición de territorialidades en el espacio público urbano. De esta forma, los parques, pasan a ser – como toda la frontera – un marcador territorial, cultural, étnico y de clase. Pensamos en una aplicación simétrica de lo humano y no humanos, pensando en las naturalezas-cultura de Bruno Latour (1994), o de un ambiente sin objetos (ASO) en Ingold (2015). Hay una *sociocosmología* territorialmente delimitada en los casos de estos parques, donde más allá de la distinción y de los *habitus* de clase discutidos por Bordieu (2006), o aún los procesos de civilización que nos presenta Norbert Elias (1994), existen puntos de permanencia de cosmologías, que se equilibran en límites muy arriesgados ya que son muy cercanos de las manifestaciones de intolerancia radical como las de los regímenes fascistas. Es un territorio en tensión entre ocupación (extranjera) y manutención cultural (mexicana).

En este texto no trabajamos con las motivaciones de quien migra, ni siquiera es un estudio de las migraciones, aunque hablar de la frontera obligatoriamente atraviesa este fenómeno. Nuestro punto central son las territorialidades, y sobre todo, las desterritorializaciones entendidas como aquellas que afectan a quien es obligado o toma la decisión con diferentes grados de presión, a dejar su espacio de pertenencia, sus

relaciones y redes, su entorno familiar y social, y es obligado a arriesgarse en otros espacios, y enfrentar peligros y situaciones que inciden en su derecho al trato digno que nunca pudo imaginar que tendría que pasar como consecuencia de moverse. Por tanto, reterritorializar es una necesidad social no solo de inserción o adaptación social, como vestir determinadas ropas, hablar un determinado idioma, consumir tipos particulares de alimentos, aspectos estéticos, corporales como cortes de cabello y adornos, comportamientos y un mundo de cosas que el hecho social y el nuevo territorio exigen. El movimiento de reterritorializar adquiere múltiples sentidos, no sólo es traspasar límites, bordes, fronteras, sino también es emprender y asumir transformaciones de sí mismo para sí y para otros, es una reterritorialización que debe acontecer en la mente, como nos enseñan Deleuze y Guattari, (2010).

Estas transformaciones presentan diferencias y particularidad para cada sujeto, para cada persona que se mueve, constituyéndose en relatos únicos de una generalidad, la diversidad dentro de la universalidad de las movilidades humanas. Pero acceder desde el plano de las subjetividades, desde las percepciones a las experiencias también permite ver, más allá de las particularidades, las semejanzas, lo compartido, como el hecho de la sensación compartida de estar quebrados a consecuencia de las circunstancias vividas en la movilidad.

De esta forma, el cruce de fronteras, la migración termina convirtiéndose, más allá de un fenómeno social y cultural, en un episodio con múltiples aristas que hasta por sus ribetes de irregularidad y clandestinidad se transforma en un negocio lucrativo en términos monetarios, políticos y sociales. Alrededor de estas circunstancias se mueven transacciones comerciales, algunas lícitas y otras no, pero también se mueven una cantidad ingente de recursos en forma de instituciones públicas, pero también de organizaciones y organismos que se articulan como necesarias frente a la ausencia de garantías para un tránsito seguro y una movilidad en un espacio garantista de derechos.

Bibliografía

Aguiar, Eledéd Piñeiro 2017 “Vidas en las fronteras: la construcción del límite de la otredad” en Sáez, Felipe Andrés Aliaga. *Migraciones internacionales: alteridad y procesos políticos* (Bogotá: Universidad San Tomás de Aquino).

Álvarez Velasco, Soledad 2010 “A la sombra del Miguel Hidalgo: análisis etnográfico del parque central de Tapachula” en *Revista LiminaR. Estudios sociales y humanísticos* (San Cristóbal de Las Casas: CESMECA) Año 8, vol. VIII, núm. 2, diciembre.

Anderson, Benedict 1983 *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (New York: Verso).

Bourdieu, Pierre 1986 *The forms of capital* (New York: Greenwood Press).

Bourgois, Philippe y Schonber, Jeff 2009 “Apartheid íntimo. Dimensiones étnicas del habitus entre los heroinómanos sin techo” en *Revista Pensar. Epistemología y Ciencias Sociales* (Rosario: Centro Interdisciplinario de Estudios Sociales CIESO) N° 3-4

Butler, Judith 2003 *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira).

Coraza de los Santos, Enrique 2018 “Pensando el espacio transfronterizo México Guatemala y sus movilidades humanas” en Arriola Vega, Luis y Coraza de los Santos,

Enrique (Eds.) *Ráfagas y vientos de un sur global. Movilidades recientes en estados fronterizos del sur-sureste de México* (San Cristóbal de las Casas: ECOSUR).

Deleuze, Gilles y Guattari, Félix 1995 *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (São Paulo: Ed. 34) Vol.2.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix 2010 *O que é a filosofia?* (Rio de Janeiro: Ed. 34).

Derrida, Jacques 2011 *O animal que logo sou: (a seguir)*. (São Paulo: Editora Unesp).

Elias, Norbert 1994 *O processo civilizador. Formação do Estado e Civilização* (Rio de Janeiro: J. Zahar).

Escobar, Arturo 2014 *Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, território y diferencia* (Medellín: Ediciones UNAULA).

Foucault, Michel 1999 *Em defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)* (São Paulo: Martins Fontes).

Giddens, Anthony 1990. *As consequências da modernidade* (Rio de Janeiro: Zahar).

Hall, Stuart 2003 *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais* (Belo Horizonte: Editora UFMG).

Harvey, David 2004 *La condición de la posmodernidad* (Buenos Aires: Amorrortu).

Ingold, Tim 2012 Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizonte antropológico* (Porto Alegre) Vol. 18, n° 37, 25-44 en <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1832012000100002&lng=en&nrm=iso> acceso 2 de abril de 2018.

Ingold, Tim 2015 *Estar Vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. (Petrópolis, RJ: Vozes).

Latour, Bruno 1994 *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica* (Rio de Janeiro: Ed. 34).

Mignolo, Walter D. 2015 *Habitar la frontera. Sentir y pensar la descolonialidad: antología, 1999-2014* (Barcelona: CIDOB y UACI)

Fábregas Puig, Andrés 2005 “El concepto de Frontera: una formulación” en Rordríguez,

Alain Basail (coord.) *Fronteras des-bordadas: ensayos sobre la frontera sur de México* (Distrito Federal: Ediciones Casa Juan Pablos).

Rodríguez, Alain Basail (coord.) 2005 *Fronteras des-bordadas: ensayos sobre la frontera sur de México* (Distrito Federal: Ediciones Casa Juan Pablos).

Schutz, Alfred 2010 “O estrangeiro” en *Revista Espaço Acadêmico* (Maringá: Universidade Estadual de Maringá) N. 113 outubro.

Thompson, J. Eric S. 2014 *Historia y religión de los Mayas*. Ciudad de México. México: Siglo Veintiuno

Toledo Pineda, Miguel Angel Cristhian y Coraza de los Santos Enrique 2018 “Identidad contra el olvido en el pueblo Mam” en *ECOFRONTERAS* (San Cristóbal de las Casas: ECOSUR) Vol. 22, núm. 63 mayo/agosto en
<<http://revistas.ecosur.mx/ecofronteras/index.php/eco/issue/view/159>> acceso 25 de mayo de 2018.

Weber, Max 1995 *Metodologia das Ciências Sociais* (Rio de Janeiro: Editora Cortez) Parte 2.

V

Candeeiro

Você quase não sabe nada sobre mim. Uma vez fui morar no alto da colina e fiquei tão abismada com a beleza natural, o rio, a cachoeirinha, a mata, que empilhei uma casa apoiada nas pedras. Morar na casa da colina mudou tudo. Mudou a mim, mudou a vida. Lá, como não havia eletricidade, eu dependia de lampiões e candeeiros para me locomover com gentileza pelo escuro. De noite via os vagalumes incendiando o breu, se a noite estava estrelada, eu dormia fora de casa, e me deslumbrava. Tanta estrela me transportava pra um céu acolhedor. Só tinha anjo lá.

A casa me ensinou a pertencer a um lugar. O lampião iluminava o ambiente, mas o candeeiro era íntimo. Eu mesma carregava luz por onde ia. Havia uma sensação de amor, difícil de explicar. Era como se eu estivesse transportando amor. Uma carregadeira de amor.

Você não me vê assim, vê?

Pois esta sou eu.

Carmen Oliveira

5 POSSIBILIDADES DE PENSAR O TRÂNSITO A PARTIR DOS TERRITÓRIOS

Em ‘Conversações¹⁰⁹’, um texto que provém de uma entrevista belíssima com Isabelle Stengers, a autora provoca a nós cientistas (e por que não, poetas?) com o pensamento de que uma ciência triste é aquela em que não se dança. Stengers menciona o fato de que para que o baile aconteça, quem faz ciência precisa reconhecer e mover-se do lugar onde a produção do conhecimento não vê as conexões entre as coisas, entre as ciências e as epistemologias. Reativar! É o que clama Stengers:

Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. Assim, a necessidade de lutar e a necessidade de curar, de modo a evitar que nos assemelhemos àqueles contra os quais temos de lutar, tornam-se irremediavelmente aliadas. Deve-se regenerar os meios envenenados, assim como muitas de nossas palavras, aquelas que – como “animismo” e “magia” – trazem com elas o poder de nos tornar refêns: você realmente acredita em...? (2017, p. 08).

Estivemos tentando dizer isso nesta tese, às vezes de modo mais tímido e em outras, mais lúdico, mas agora faremos a pergunta literal: *você acredita em territórios que interatuam com as sociedades?* De certo modo a questão também nos surpreende de outra maneira, quando se pisa em território ancestral *Maya* e nos damos conta de um mundo de outros mundos, de energias, práticas alternativas de cura de doenças ou de duendes da floresta que derrubam pontes. Dançar, dançar! Não sei se essa ciência dança, mas ela quer aceitar o convite e arriscar alguns movimentos.

Este capítulo pretende assim responder algumas questões que podem ter ficado em aberto nos capítulos anteriores e serve por isso, de texto-ensaio das ideias chave desta tese que tem como pano de fundo pensar o trânsito desde a perspectiva do território. Território multifacetado e *plurinacional* que é a cidade de Tapachula enquanto fronteira, que serve ao mesmo tempo de corredor de passagem, de interrupção temporal do trânsito e de permanência dessas multinacionalidades, compondo por isso um cenário muito diverso em relação a seus fluxos. Neste sentido, a primeira questão que nos provoca a pensar aqui é demonstrar qual a possibilidade de analisar o trânsito a

¹⁰⁹¹⁰⁹ Pinheiro Dias, J., Vanzolini, M., Sztutman, R., Marras, S., Borba, M., & Schavelzon, S. (2016). Uma ciência triste é aquela em que não se dança. Conversações com Isabelle Stengers. *Revista De Antropologia*, 59(2), 155-186. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2016.121937>

partir das interações na fronteira, partindo das discussões que atravessam o trabalho e que buscam atribuir agência às coisas.

A discussão da agencia territorial vem da crítica realizada por alguns autores a uma ruptura no nosso sistema de conhecimentos, que instaurou uma separação no modo como pensamos o mundo (sujeito e objeto, feminino e masculino, preto e branco). A proposta que se formula então, para escapar dos processos dicotômicos do pensamento visa não retomar ou retornar ao passado, em um sentido romântico, mas busca sim recuperar o mundo, naquele sentido em que Stengers emprega o termo reativar. Daí que Bruno Latour (1997; 1994) nos demonstra que ciência e política na prática falam de um mesmo lugar e que os objetos (termo do autor) participam ativamente nas ações humanas. Por isso o autor francês utiliza o termo *híbrido*, que é sua maneira de reativar o conhecimento e demonstrar que não existe pureza na separação, somente naturezas-culturas ou, nos termos de Tim Ingold (2015), um Ambiente sem Objetos (ASO)¹¹⁰.

Mencionamos há pouco o modo como construímos o pensamento e estamos dizendo que existem teorias que buscam outra forma de produzir o conhecimento. A esta nova maneira, na qual ainda estamos imersos como se ela fosse uma cicatriz em nossas biografias, Deleuze e Guattari chamam de plano de imanência, ou seja, segundo os autores, pertencemos a um plano no sistema de conhecimento, que é um solo fértil no qual se inscrevem as ideias e os conceitos que criamos, sempre a partir dele. Dizem os autores que

[...] se a filosofia começa com a criação de conceitos, o plano de imanência deve ser considerado como pré-filosófico. Ele está pressuposto, não da maneira pela qual um conceito pode remeter a outros, mas pela qual os conceitos remetem eles mesmos a uma compreensão não conceitual (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 51).

O plano então é a base dentro da qual pensamos, por isso inserimos a discussão da imanência porque de algum modo, as questões de território e de trânsito, a expropriação dos territórios e as migrações entre fronteiras (o que aqui estamos chamando de desterritorialização), são decorrentes de um período histórico que conhecemos como modernidade. Dela, derivam a dicotomia do pensamento, como vimos, gerando problemas no modo como conhecemos e reproduzimos o conhecimento mas também, um problema de gestão econômica, que culmina na comercialização real e

¹¹⁰ Ingold se opõe ao termo objeto, em vista da passividade com que pode ser tomado, e emprega em seu lugar o termo *coisa*.

simbólica de seres humanos e coisas entre fronteiras (MIGNOLO, 2015). Esta dupla colonização do pensamento, a do plano de imanência e a do acometimento e exploração de sujeitos, etnias, continentes e nações, é entendida nesse texto desde a perspectiva do socioambiente.

O questionamento do pensamento moderno abre então para pensarmos duas perspectivas, a do pensamento pós-colonial e a do pensamento pós-estruturalista. O primeiro é esse que chamamos de moderno, de uma produção de conhecimento que entroniza a razão do pensamento (a Ciência) ante outras formas de conhecimento que foram lançados no extraterritório do saber (LEFF, 2002). O outro se refere aos povos saqueados, marginalizados, escravizados e colonizados; busca reativar e valorizar as cosmologias dos territórios expropriados nas grandes “descobertas” (DONGHI, 1975). Da mescla dessas vertentes, o teórico colombiano Arturo Escobar, cujo pensamento nos inspira aqui, estabelece sua forma de interpretar os territórios.

[...] En estas ontologías, los territorios son espacios-tiempos vitales de toda comunidad de hombres y mujeres. Pero no solo es eso, también son los espacios-tiempos de interrelación con el mundo natural que circundan y es parte constitutivo de este. Es decir, la interrelación genera escenarios de sinergia y de complementariedad, tanto para el mundo de los hombres-mujeres, como para la reproducción de los otros mundos que circundan al mundo humano (ESCOBAR, 2014, p. 104).

Em que medida as teorias dos híbridos¹¹¹ ajuda a pensar os transterritórios¹¹²? Primeiro, dizer que se faz importante diferenciar o pensamento de Deleuze e Guattari e de seu devedor Arturo Escobar, dos demais autores da teoria pós-estruturalista com quem dialogamos neste texto, como Latour e Ingold. A proposta dos dois primeiros autores se inscreve em um plano ontológico enquanto Latour e Ingold buscam recuperar nas análises uma ausência, mais ao modo dos mecanismos de conhecimento, uma espécie de epistemologia política da ciência. Deleuze e Guattari (2010; 2011) nos demonstram como os processos de vida, de ser e estar no mundo, são influenciados diretamente por esse mesmo mundo como fator essencial, enquanto o francês Latour e o Inglês Ingold, apontam essa marca desde o modo como pensamos e produzimos conhecimento no e sobre o mundo.

¹¹¹ Apesar de o termo híbrido ser um conceito muito explorado na teoria de Bruno Latour, ele aqui nos serve como categoria generalizante que compreende a interação entre humanos e não humanos.

¹¹² Isso que chamamos de transterritórios serve para pensar não só um território de trânsito, mas também um território que tem ação acto (não humano).

Com esse pano de fundo realizamos uma etnografia de oito meses na fronteira pensando nos processos de territorialização da mesma, o que nos ajuda a melhor compreender o território agente. Se em Deleuze e Guattari (2010) esses processos são pensados ante as transformações em relação aos sujeitos, aqui procuramos inserir a dinâmica da própria fronteira, com seus espaços de convivência, suas distinções sociais – que por ser território de encontro de distintas nacionalidades ganha contornos de um campo social transnacional –, e sobre as instituições e suas localidades (seus cheiros, seus microclimas, seus objetos, seus sistemas de funcionamento e quais os limites que se impõe aos migrantes e refugiados em cada uma delas).

A fronteira por nós observada, nossa *Perla del Soconusco*, é um território de fluxo intenso e de um complexo histórico de disputas. Está localizada em uma região ancestral em um estado independente de Estado e que depois pertenceu a Guatemala, donde emerge uma identificação intensa binacional (CASTILLO e TOUSSAINT, 2015; CORAZA, 2018), e por fim com grande resistência, é incorporado ao México. Em razão disso e do desenvolvimento do estado de Chiapas, o deslocamento de pessoas e as relações entre distintas nacionalidades, sobretudo centro americanos, é também parte referencial da história daquele território (CASTILLO e TOUSSAINT, 2015).

En general, la dinámica migratoria fronteriza entre Guatemala y Chiapas es resultado de una relación socio-histórica de larga data y sus orígenes están ligados a la conformación de la frontera México-Guatemala, al proceso de colonización de la región fronteriza y a la expansión de la economía cafetalera. Ya desde la época prehispánica, los asentamientos en la región fueron escenario de migraciones o movimientos de población diversos ligados con los intercambios comerciales y los intereses de quienes poblaban dichos territorios. Asimismo, el área se convirtió desde entonces en corredor de paso en el que las personas en tránsito convivieron con quienes se encontraban asentados en zonas de explotación de los ricos recursos naturales (CASTILLO e TOUSSAINT, 2015, p. 62).

O processo de construção dessa interação entre países, que mais tarde, vai incorporar novos membros da América Central é múltiplo, mas o desenvolvimento da região de Soconusco, assim como a esperança de viver *el sueño americano* é importante para compreender o trânsito naquela fronteira como vimos nos capítulos anteriores (VILLAFUERTE SOLÍS, 2010; CASTILLO, 2008). Entendemos que tais processos de interação culminam para o que é a relação da fronteira hoje, com suas tensões e extrema violência, mas também com suas redes de apoio que vão além da institucionalização. É nesse sentido que quando Levitt e Schiller (2004) chamam de campo social

transnacional, quando analisam os processos de interação entre nacionalidades distintas, desde uma *mirada bourdesiana*.

The concept of social field also calls into question neat divisions of connection into local, national, transnational, and global. In one sense, all are local in that near and distant connections penetrate the daily lives of individuals lived within a locale. But within this locale, a person may participate in personal networks or receive ideas and information that connect them to others in a nation-state, across the borders of a nation-state, or globally, without ever having migrated. By conceptualizing transnational social fields as transcending the boundaries of nation-states, we also note that individuals within these fields are, through their everyday activities and relationships, influenced by multiple sets of laws and institutions. Their daily rhythms and activities respond not only to more than one state simultaneously but also to social institutions, such as religious groups, that exist within many states and across their borders (LEVITT e SCHILLER, 2004, p. 1010).¹¹³

Ou seja, a fronteira dilui as questões territoriais nas interações entre membros, de onde emergem outras incorporações, transformações de práticas e de crenças, como vimos com a incorporação do dialeto mexicano por centro-americanos e transformação da estética. Soube de relatos em que a polícia entra em um transporte coletivo dentro da cidade e pergunta se todos são mexicanos; ao escutar a confirmação geral, escolhe algumas pessoas arbitrariamente e pede que respondam como para eles se chama o casaco que usa ele naquele momento. *¿y como se llama eso entonces?* Um mexicano diria *chamarra*, e um hondurenho responderia *chumpa*, e poderia ser preso caso estivesse em situação irregular.

Acerca das interações na fronteira, podemos dizer que em termos gerais, existe um distanciamento gigantesco entre *huacaleros* e *foráneos* que se figura em várias formas de violência (VELASCO, 2010; RAMOS ROJAS, 2016; ARRIOLA e CORAZA, 2018; ARRIOLA, CORAZA e JUNCO, 2018). Pensemos essa condição desses sujeitos que *devienen* migrantes ou refugiados. Frente às múltiplas interações hostis enfrentadas no trânsito e as consequentes segregações (CASTILLO, 2008), esses

¹¹³ O conceito de campo social também põe em questão as divisões entre conexão local, nacional, transnacional e global. Em um sentido, todos são locais onde as conexões próximas e distantes penetram no cotidiano de indivíduos que vivem dentro de uma localidade. Mas dentro desse local, uma pessoa pode participar de redes pessoais ou receber ideias e informações que os conectam a outros em um estado-nação, através das fronteiras de um estado-nação, ou globalmente, sem nunca ter migrado. Ao conceituar os campos sociais transnacionais como transcendendo as fronteiras dos estados-nação, notamos também que indivíduos dentro desses campos são, através de suas atividades cotidianas e relacionamentos, influenciados por múltiplos conjuntos de leis e instituições. Seus ritmos diários e atividades respondem não apenas a mais de um estado simultâneo mas também a instituições sociais, como grupos religiosos, que existem dentro de muitos estados e através de suas fronteiras (LEVITT e SCHILLER, 2004, p. 1010. Tradução livre).

indivíduos podem estabelecer novas comunidades, ainda que transnacionais. Nos apoiamos na categoria de comunidade imaginada de Anderson (2008) para explicar esse movimento¹¹⁴, mas aqui a comunidade é formada por membros de diferentes nacionalidades e em razão de sua segregação espacial, *en la orilla de la orilla*. Esses agrupamentos transnacionais, quando ocorrem, não envolvem somente uma relação social no *campo* mas sim socioambiental, em vista de sua dupla marginalização, bem aos moldes do conceito de *apartheid íntimo* de Burgois e Shonberg (1999), onde moradores de rua formavam relações comuns em lugares específicos da cidade como forma de proteção social.

Por outro lado, também é interessante pensar que como efeito dessa distinção que se revela na forma das mais variadas violências, o território *tapachulteco* segue recebendo e colocando em jogo as mais diversas pessoas de distintas nacionalidades, que quer dizer no limite, que reafirmam as distinções presentes no *campo*, mas que também abre a perspectiva de pensar Tapachula como parte de um território plurinacional, onde guatemaltecos, hondurenhos e salvadorenhos, são quase *paisanos de los huacaleros* – lembre-se do processo histórico do estado de Chiapas e da própria região de Soconusco, de pertencimento a Guatemala. O fragmento abaixo nos ajuda a compreender a relação dentro do processo histórico:

Otro antecedente importante, porque modificó el escenario de la migración centroamericana al sur de México, fue la llegada de miles de campesinos guatemaltecos, que huyeron del conflicto armado en los años 1981-83 en busca de protección y quienes de alguna manera constituyeron un nuevo elemento en las relaciones binacionales entre México y Guatemala. En sus inicios, esta población se asentó en la franja fronteriza chiapaneca y, aunque una parte fue reubicada en los estados de Campeche y Quintana Roo, aquellos que permanecieron en la entidad debieron decidir al momento del fin del conflicto sobre el retorno o su estancia en territorio mexicano. Estos últimos pasaron a formar parte de una población que, a la larga, debió integrarse a las comunidades mexicanas en donde finalmente permanecieron (CASTILLO e TOUSSAINT, 2015, p. 61).

É claro, essa afirmação é perigosa e exigiria um estudo específico nessa direção, mas o fato é que de alguma forma, existe um diálogo intenso entre centro-americanos e *La Perla del Soconusco*. São muitos os migrantes que passaram e passam pela cidade, são deportados e regressam, tentando procedimentos diferentes para alcançar o objetivo de chegar ao país do norte (nossa investigação também não se centrou neste aspecto).

¹¹⁴ Ver capítulo III.

Nosso estudo procura interpretar desde aí as interações das pessoas na fronteira e, quando possível, alguns indícios de reterritorialização que se revelavam quando as pessoas mudavam o corpo de acordo com o novo socioambiente, cortavam o cabelo ou queriam fazer tatuagens com as tendências dos *tapachultecos* e mesmo, a incorporação das expressões do espanhol mexicano. Ao mesmo tempo, analisamos as diferenças que representam as distintas localizações geográficas das instituições, e suas formas de acolhimento e apoio. Por isso o território ganha a noção de *acto* (DELEUZE e GUATTARI, 2010) já que existe um padrão de correspondência que não é somente com quem trabalha ou frequenta a instituição (comunidades imaginadas), mas com relação ao espaço geográfico e a estrutura das instituições e da cidade.

Especificamente sobre as OSC's, entendemos que elas funcionam em rede entre si (ora mais, ora menos) e também em comunicação com organismos superiores, estruturas que coordenam, parametrizam e investem nas mesmas (com alguma exceção) para que elas possam apoiar a migrantes e refugiados. Esquemáticamente, seriam como pelo menos três instâncias de interação – **organismos superiores < instituições > pessoas em trânsito** – e só relatamos aqui as análises desde a relação bilateral entre as OSC e migrantes e refugiados (voltar a atenção para as estruturas que determinam os padrões e se ocupam com o financiamento das atividades demandaria também ir a estas estruturas superiores ou acessar com detalhes as diretrizes encaminhadas por elas).

Essa rede de instituições que atua em Tapachula promove, no movimento de brindar apoio, uma retenção do trânsito. O número de pessoas que passam pela cidade todos os dias não é conhecido em vista da fragilidade de controle na fronteira. Em razão disso, torna-se quase impossível fazer também um cálculo de quem decide permanecer na cidade. As pessoas que escolhem entrar na cidade e ir para as instituições e daí, esperar o trâmite da COMAR (de no mínimo três meses) para realizar uma viagem mais segura para o norte, tampouco representam permanência na cidade já que podem seguir viagem sem aviso prévio. Por isso trabalhamos no capítulo anterior os mecanismos e as relações de presença e ausência das pessoas em trânsito e, em consequência, das instituições de apoio.

Uma forma de retenção institucional, mais direta, se vê na ação das forças de segurança, frente ao volume massivo de migrantes que entram de forma irregular no México. Esta questão do risco além da deportação, como roubos, sequestros e estupros praticados pelas polícias (CASTILLO, 2008) dentro e fora da cidade, foi por inúmeras

vezes relatadas durante as entrevistas, nas conversas formais e informais e se revela também na literatura especializada com os mais variados enfoques.

Mas quem explica a facilidade de cruzar a fronteira de forma irregular e a dificuldade de transitar no país como não mexicano? Quando escutávamos os relatos dos migrantes e refugiados, a violência institucional também era muito remarcada. Violência e distinção que tentamos explicar através de um certo sentimento nacional, proteção cultural e uma resistência territorial. A tensão se faz presente no campo social transnacional onde a fluidez da fronteira mescla territorialidades. Peguemos um exemplo desde a SEGOB com os dados oferecidos pela *Unidad de Política Migratoria*¹¹⁵, com relação aos dez países com maior número de detenções e deportações no México no ano de 2018 (abaixo).

Tabela 6: relação entre nacionalidade e número de detenções e deportações no México em 2018.

País	Número de Detenciones	Número de Deportaciones	%
Honduras	57.193	49.129	85,90
Guatemala	45.303	41.860	92,40
El Salvador	13.673	11.440	83,67
India	4.177	0	0,00
Nicaragua	2.027	1.533	75,63
Estados Unidos	1.715	1.568	91,43
Bangladesh	1.459	0	0,00
Camerún	932	0	0,00
Nepal	758	10	1,32
Congo, Rep. Dem	717	0	0,00

Fonte: os autores.

Os dados ajudam a observar quem mais sofre as sanções do trânsito. Em primeiro lugar, demonstra quais são os países que mais ingressam no país e também a construir um panorama da relação entre quantas pessoas são detidas e deportadas. Se analisarmos atentamente os números de deportação dos três países que mais migram ou solicitam refúgio no México (Honduras, Guatemala e El Salvador), constataremos um alto índice de deportação de pessoas destes países e em comparação com o número muito inferior de deportações dos outros países. Estados Unidos também tem um percentual alto de deportações, mas não temos dados quantitativos para explicar o fenômeno.

¹¹⁵ Fonte: http://www.politicamigratoria.gob.mx/es_mx/SEGOB/Extranjeros_presentados_y_devueltos

Esta é a mágica que produz a região da fronteira, que vai, pouco a pouco produzindo novas sociabilidades desde o trânsito mesmo, desde a fricção cultural uma espécie de *melting pot* que estabelece o homem marginal, a falta de integração com a sociedade local e as defesas violentas do território e a mescla que transforma os ritmos culturais. Em Tapachula nos demos conta da assertividade da sentença do professor Márcio de Oliveira (2014, p. 86)), quando ensina que “[...] a figura do estrangeiro é inspiradora e socialmente rica. Ela mantém o grupo original em permanente processo de alteridade, indicando nesse movimento quão fugaz é a noção de identidade social.”

Enfim, o território tapachulteco engendra um complexo de territorialidades e territorializações que vão se dando a partir das interações socioambientais. Entretanto, esse *devenir*, esse tornar-se outro, não alcança as pessoas e territórios em igual medida. Acompanhamos pessoas em trânsito, vimos suas estratégias de interação no campo e que esses movimentos de desterritorializações, territorializações e reterritorializações são processos que não se dão de igual maneira em todas as pessoas e em todos os ambientes. Eles não são nem determinantes e nem efeitos do trânsito; são potencialidades àqueles que entram em interações e que acessam campos particulares de transformação, um meio de imanência, a despeito de todas as imposições colonizadoras.

Referências

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARRIOLA VEGA, Luis Alfredo; CORAZA, Enrique de los Santos. **Ráfagas y vientos de un sur global**: movilidades recientes en estados fronterizos del sur-sureste de México. San Cristóbal de las Casas, Chiapas, México: Peter Lang Publishing, Inc, 2018.

BOURGOIS, Philippe; SCHONBER, Jeff 2009 **.Apartheid íntimo**. Dimensiones étnicas del habitus entre los heroinómanos sin techo” en Revista Pensar. Epístemología y Ciencias Sociales (Rosario: Centro Interdisciplinario de Estudios Sociales CIESO) N° 3-4

CASTILLO, Jaime Rivas (2008), **Tejiendo redes frente al riesgo y la vulnerabilidad**. Migrantes centroamericanos y organizaciones civiles de apoyo en Tapachula, Chiapas, Tesis de maestría en Antropología Social, San Cristóbal de las Casas, México: CIESAS.

CASTILLO, Manuel Ángel. La frontera sur de México: orígenes y desarrollo de la migración centroamericana. **Cuadernos Inter.ca.mbio sobre Centroamérica y el Caribe**. vol. 12, n. 2. Jun-dez 2015.

DAUMÁS, Salvador Hernández. La frontera comercial: breve diagnóstico del Soconusco. In: **Frontera sur de México: cinco formas de interacción entre sociedad y ambiente**. Tapachula, Chiapas, México : El Colegio de la Frontera Sur, 2005

INGOLD, Tim 2015 **Estar Vivo**. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, Bruno 1994 **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica (Rio de Janeiro: Ed. 34).

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEVIT, Peggy; SCHILLER, Nina Glick. Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society. **Center for Migration Studies of New York**. 1002-1039. 2004.

MIGNOLO, Walter. **Habitar la frontera**. España: Book Print Digital, 2015.

OLIVEIRA, Márcio de. O Tema da Imigração na Sociologia Clássica. **Dados**, Rio de Janeiro , v. 57, n. 1, p. 73-100, Mar. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582014000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582014000100003>.

RAMOS ROJAS, Diego Noel. CORAZA, Enrique de los Santos. JUNCO, Santiago Martinez. Miradas desde el sur de México sobre seguridad y frontera. **URVIO**, Quito , n. 23, p. 57-72, dez. 2018 . Disponível em <http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1390-42992018000200057&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.17141/urvio.23.2018.3551>

RAMOS ROJAS, Diego Noel. La movilidad transfronteriza México-Guatemala desde la representación cotidiana de los trabajadores centroamericanos. **Estudios fronteirizos**, Mexicali , v. 17, n. 34, p. 21-40, dez. 2016 . Disponível em, <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-69612016000200021&lng=es&nrm=iso>. acessos em 11 fev 2019. <http://dx.doi.org/10.21670/ref.2016.34.a02>.

STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. (Caderno de Leituras n. 62). Tradução Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.
Velasco, Álvarez Soledad 2010 “A la sombra del Miguel Hidalgo: análisis etnográfico del parque central de Tapachula” en **Revista LiminaR. Estudios sociales y humanísticos** (San Cristóbal de Las Casas: CESMECA) Año 8, vol. VIII, núm. 2, diciembre.

Algumas con (fissões) siderações

Nesse trabalho buscamos compreender como é a vida na cidade de Tapachula/CHIS, no extremo sul do México, fronteira com Guatemala. O jogo de interação social nos chamou a atenção alguns anos antes, quando começamos a dirigir o olhar à situação da migração haitiana para o Brasil, especificamente para a cidade de Curitiba/PR, na região sul do Brasil. Naquele momento, tínhamos contato com alguns haitianos e acompanhávamos seus processos de adaptação, as dificuldades econômicas e com o idioma, e principalmente com o duplo preconceito que sofriam primeiro, pelo fato de serem migrantes na categoria de ajuda humanitária, vindos de um país pobre e de matriz africana (VERAN e outros, 2014); reparávamos já aqui uma representação do migrante como um invasor, o que em Tapachula identificamos na figura do *foráneo* (em contraposição ao *extranjero*), que é marginalizado não só por sua nacionalidade, mas também, por suas condições de possibilidade, reflexo de uma espécie de nacionalismo exacerbado que emerge nessas situações de distinção (ANDERSON, 2008; OLIVEIRA, 2009). Outra razão de preconceito identificada vem dos conflitos raciais históricos reproduzidos diariamente no Brasil, na construção do sujeito negro como inferior, incapaz e perigoso (GALEANO, 2015; DONGHI, 1975).

Conhecemos com as interações entre brasileiros e haitianos uma espécie de migração indesejada, mas não nos concentramos nisso. Queríamos entender como era para alguém de outro território, que se constitui com relação a um socioambiente específico, se deparar com outras referências socioambientais quando ultrapassa fronteiras territoriais. Ou seja, outros costumes, valores, geografia, espécies de animais e plantas, deuses, enfim, tudo que envolve o processo de territorialização das pessoas quando em trânsito¹¹⁶.

O que aconteceu depois nos levou para um caminho um pouco diferente. Em vez de Haiti, a pesquisa foi realizada no México. Aliada a compreensão de territorialidade e interação social entre indivíduos de duas nações distintas, investigamos um outro ator presente dentro da intensa migração em solo mexicano, que evolui distintos fundos de investimento e apoio internacional, federal, estadual, municipal, e associações de sociedade civil, que são as instituições de apoio ao migrante e refugiado, cada qual com seu perfil de apoio, seu “nicho de mercado”.

¹¹⁶ Em conversas com algumas pessoas haitianas, percebemos a atribuição ao grande terremoto de 2010 como merecido castigo divino como em Thomaz (2010).

Era preciso buscar, nesse sentido, as sociedades mas também seus ambientes. As microfronteiras que são as instituições de apoio, um espaço que antes de tudo serve de proteção às pessoas em trânsito, já que como vimos, a polícia *la migra*, não respeita certidões ou declarações de permanência. “*este es un espacio libre de violencia*”, era a frase ouvida em todas as instituições pelas quais passamos; mais que uma frase, essa é uma espécie de bandeira que flama com o orgulho de território soberano contra a sabida violência de estado.

Trabalhar como voluntário permitiu acessar o detalhe da territorialização de centro americanos no México (porque fazíamos, eu e eles, quase o mesmo processo), o bonito da palavra ou da expressão aprendida, que era uma forma simbólica de proteção já que escondia a marca distintiva do acento espanhol de cada país de nossa América Latina (para os hondurenhos, por exemplo, as mulheres deixavam de ser chamadas de *catrachas* e passavam a ser chamadas de *chavas* ou *chamacas*), como a *constância* dada pela COMAR tinha valor fundamental, a forma de vestir e cortar o cabelo que pouco a pouco ia alterando – embora o fenótipo muitas vezes os traísse –, a diferença da alimentação nas casas (salvadorenhos comem *pupusas*, mexicanos comem *tacos* e *quesadillas*), entre outras coisas que precisavam se aproximar dos modos e costumes dos mexicanos. É claro que em nenhum dos casos isso pode ser generalizado. Nem todos faziam o mesmo processo e isso porque as diferenças entre si, aquilo que Bourdieu (1989) definiu como *habitus*, determinavam a necessidade, a direção e a velocidade da mudança. Não seria demais dizer que nem todos territorializam assim como nem todos territorializam da mesma maneira.

Pensar a fronteira desde seus processos de territorialização ou de fronteirização nos pareceu fundamental, não somente do ponto de vista teórico acadêmico, mas em seu sentido fenomenológico, da vida mesma. Talvez essa tenha sido a maior contribuição do trabalho de campo e a mais próxima do processo de elaboração da tese. Um tanto de teoria e um tanto de experiência algo profunda no intenso *mundo en la orilla*. Por isso um tanto de ciência e um tanto de poesia. Na solidão da escrita tínhamos várias coisas que pensar, conceitos internalizados que se aproximavam com alguma situação do dia, discussões com autores que o exercício da ciência talvez exija. Aqui, o trabalho voluntário, a vida mesma, com cores, cheiros, lágrimas, a escuridão dos olhares das mulheres violadas e de quem viu a esposa morrer a golpes de facão, crianças sem família, medo da viatura da polícia que passa devagar, as queixas e as esperanças de um mundo melhor. Impossível escapar da poesia. Negar o encontro e o reconhecimento das

emoções seria uma traição à história dessa tese. Também por isso, a opção do método de conjugar as análises das entrevistas, caderno de campo e observação.

Uma transformação do autor no processo de atuar, pensar e escrever este trabalho. Territorializávamos, migrantes e eu. Tínhamos a mesma cicatriz na biografia que é a marca de quem viveu como não mexicano em Tapachula, embora os sentidos sejam muito diferentes. Escutar as pessoas que haviam perdido a casa, o emprego, a família, o dinheiro e por fim a dignidade para colocar-se em trânsito, produziu em mim uma nova política de vida. Sim se podia pensar o processo de territorialização que enfrentávamos juntos e de modo similar, mas as semelhanças acabavam aí. Então foi necessário pensar em uma ética do cuidado a partir do trabalho voluntário e, imersos na intensa espiritualidade que flutua nessa fronteira, encarar a razão de ser das instituições de apoio. Menciono a espiritualidade porque não podia deixar de pensar em uma certa ética cristã de recompensa por um lado, mas também em fazer a reflexão sobre a eficácia de qualquer sentimento positivo frente aos dados que a estatística não mostra, de um sem-número de pessoas que cruzam a fronteira de maneira irregular e não passa por nenhuma instituição de apoio em Tapachula – pra ficarmos restritos ao problema da migração e àquela fronteira.

Para explicar o que estamos chamando de ética cristã temos que nos concentrar nas instituições de apoio ao trânsito e nas pessoas que aí trabalham. Em virtude da inspiração cristã de grande parte das instituições, partimos do pressuposto que a origem da atuação tem como pano de fundo a noção de cuidado, sintetizado nas suas relações com a fraternidade, empatia, segurança, garantia dos direitos humanos, de assegurar o acesso aos direitos mais básicos, etc. Então poderíamos pensar com Weber (2004), em que existe uma ética do trabalho (esforço, dedicação comprometida) atrelada à recompensa futura (divina, de salvação eterna). Weber está olhando outro fenômeno e momento, é claro (como a lógica protestante operou dentro do espírito do capitalismo), mas emprestaremos aqui a lógica do esquema trabalho-recompensa. Nesse caso, e olhando para as instituições de apoio, nos parece que a relação de quem atua na área de proteção tem sempre um ideal de comprometimento com o outro. Em conversas e entrevistas com diretoras de organizações, não encontramos nenhum caso em que a motivação de trabalhar com migrantes ou refugiados que não tinham relação com alguma dimensão divina ou altruísta.

Por fim, durante os oito meses de investigação e análise como voluntário, conhecemos as rotinas da fronteira, e algumas formas de territorialidades que as pessoas

em trânsito têm de incorporar para atingir seus objetivos de viagem. É interessante pensar que para cumprir o objetivo, as territorializações das pessoas em trânsito envolviam por vezes uma ausência, um abandono do local de apoio que era assimilado pelas instituições de maneira a antecipar a limitação do auxílio. A interação transformava a todos, mas o sentido de ser da vida na fronteira é constituído sempre na falta, na ausência, na desterritorialização.

Referências

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

DONGHI, Halperin. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015

LEVIT, Peggy; SCHILLER, Nina Glick. Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society. **Center for Migration Studies of New York**. 1002-1039. 2004.

OLIVEIRA, Márcio de. (2009). De la double colonisation au préjugé. *Revue Migrations*, vol. 21. nº 123-124, p. 289-304

THOMAZ, Omar Ribeiro. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 86, Mar. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Oct. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002010000100002>

VERAN, Jean-François; NOAL, Débora da Silva; FAINSTAT, Tyler. Nem Refugiados, nem Migrantes: A Chegada dos Haitianos à Cidade de Tabatinga (Amazonas). **Dados**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 4, p. 1007-1041, Dec. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582014000401007&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Feb. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201431>

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004